



TERRITÓRIOS DE CULTURA

EDUCAÇÃO, ARTE E TECNOLOGIA NA CIDADE DE
BELO HORIZONTE MG/BRASIL

.....● SANDRA DE FÁTIMA PEREIRA TOSTA

.....● ALEXANDRE MAGNO ALVES DINIZ

[COORDENADORES]

TERRITÓRIOS DE CULTURA

EDUCAÇÃO, ARTE E TECNOLOGIA NA CIDADE DE
BELO HORIZONTE MG/BRASIL



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Grão-Chanceler • Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor • Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães

Pró-reitor de Pesquisa e de Pós-graduação • Sérgio de Moraes Hanriot

 editora
PUC Minas
2020

© Copyright 2020 – Os coordenadores

Todos os direitos reservados pela Editora PUC Minas. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida sem a autorização prévia da Editora.

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

T327 Territórios de cultura [recurso eletrônico]: educação, arte e tecnologia na cidade de Belo Horizonte MG/Brasil / coordenadores: Sandra de Fátima Pereira Tosta, Alexandre Magno Alves Diniz. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020.

E-book (95 p. : il.)

ISBN 9788582291009

1. Análise espacial (Estatística). 2. Grupos sociais - Belo Horizonte (MG). 3. Cultura - Aspectos sociais. 4. Arte e tecnologia - Brasil. I. Tosta, Sandra de Fátima Pereira. II. Diniz, Alexandre Magno Alves. III. Título.

CDU: 912(815.1)

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086

EDITORA PUC MINAS

Direção e coordenação editorial: Mariana Teixeira de Carvalho Moura

Comercial: Paulo Vitor de Castro Carvalho

Revisão: Michel Gannam, Nicolas Walter dos Santos e Thullio Salgado

Projeto gráfico e diagramação: Christiane Silva Costa

Conselho editorial • Édil Carvalho Guedes Filho, Eliane Scheid Gazire, Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros, Flávio de Jesus Resende, Jean Richard Lopes, Javier Alberto Vadell, Leonardo César Souza Ramos, Lucas de Alvarenga Gontijo, Luciana Lemos de Azevedo, Márcia Stengel, Meire Chucre Tannure Martins, Mozahir Salomão Bruck, Pedro Paiva Brito, Sérgio de Moraes Hanriot.

Editora PUC Minas
Rua Dom Lúcio Antunes, 180
Coração Eucarístico 30535-630
Belo Horizonte - MG
Fone: (31) 3319-9904
editora@pucminas.br
www.pucminas.br/editora

*Os coordenadores agradecem o apoio recebido da
Capes e da Fapemig para a realização desta obra.*

SUMÁRIO

○ APRESENTAÇÃO	9
○ PREFÁCIO	31
○ PRANCHAS	32
4Y25	32
A OCUPAÇÃO	34
A ZICA	36
ASSOCIAÇÃO EU SOU ANGOLEIRO · MESTRE JOÃO	38
BAIXO BAHIA · EQUIPE DE ESPORTES AMADORA	40
BAQUE DE MINA	42
BATALHA DA ESTAÇÃO	44
BATALHA DA SANTÊ	46
BH CAOS	48
BLOCO DO MORERÉ	50
CASA FORA DO EIXO MINAS	52
CASINHA · ASSOCIAÇÃO CULTURAL	54
COLETIVO AZUCRINA OU GANG AZUCRINA	56
COLETIVO GRAFFITI BH	58
COLETIVO INTERVENÇÃO GRAFFITI	60
COLETIVO METALPUNK OVERKILL	62
COLETIVO PÓPÔCÔ	64

CORRE COLETIVO	66
DEDOS VERDES	68
DESKAREGGAE SOUND SYSTEM	70
DESLOCA	72
DUELO DE MC'S · FAMÍLIA DE RUA	74
ESPANCA	76
MUSEU DO INSTANTE	78
PIOLHO NABABO	80
PONTO DO LIVRO BH	82
PRAIA DA ESTAÇÃO	84
QUARTEIRÃO DO SOUL	86
QUILOMBO DO ABACATE	88
RAPA DO PAPA	90
RIMA NA RUA	92
ROOdboSS SOUNDSystem	94
SAMBA DA MEIA NOITE	96
SAMBA DE TERREIRO	98
SARAU VIRA-LATA	100
YSTILINGUE	102
REFERÊNCIAS	104
○ SOBRE OS AUTORES	114

APRESENTAÇÃO

Este atlas é um dos frutos do projeto de pesquisa intitulado “Culturas urbanas: georreferenciamento e análise cultural de grupos juvenis em sua relação com a escola e com a cidade de Belo Horizonte/MG”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), cuja execução contou com a parceria entre os Programas de Pós-Graduação em Educação e Geografia - Tratamento da Informação Espacial da PUC Minas e da Escola de Belas Artes da UFMG. Mais especificamente, os grupos de pesquisa que estiveram envolvidos nesta realização foram: Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Culturas (EDUC/PUC Minas EDUC/PUC Minas até 2017 e a partir de 2020, no Programa de Pós-graduação em Educação da UFOP); Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (PUC Minas); e o Grupo de Pesquisa Ensino de Arte e Tecnologias Contemporâneas (EARTEC/UFMG).

O atlas sintetiza parte dos resultados do projeto “Culturas Urbanas” e tem como objetivo central espacializar as áreas de atuação dos distintos grupos culturais existentes na cidade de Belo Horizonte-MG, com foco no hipercentro, registrando, descrevendo e analisando seus perfis, objetivos, propostas e histórico de atuação. No

processo, foram conferidas ações e representações artísticas e culturais de diferentes segmentos sociais, como expressões musicais, literárias e grafismos. A etnografia em espaços urbanos foi a estratégia metodológica utilizada para a elaboração das pranchas descritivas aqui apresentadas.

Portanto, as pranchas, organizadas segundo a ordem alfabética, sintetizam as informações sobre os grupos culturais, enfocando o estilo artístico, missão e objetivos, perfil dos adeptos, formas de comunicação, além do mapeamento das manifestações artísticas pesquisadas e levantadas em campo pela equipe do projeto. Elas, por sua vez, são precedidas por uma discussão sobre as referências conceituais e os procedimentos de coleta das informações expostas.

Este produto contribui para a ampliação do conhecimento sobre a atuação de grupos culturais na cidade, não só subsidiando futuras pesquisas correlatas, mas também fornecendo material de referência para professores, artistas, educadores, pesquisadores e agentes culturais, além de auxiliar na formulação de políticas públicas voltadas para a cultura e a educação. Trata-se de um atlas com apelo multidisciplinar, estabelecendo vínculos com a geografia, educação, arte e arte-educação, antropologia e história, entre outras áreas do conhecimento.

Cabe dizer que este atlas, tal como se afigura, é o retrato espacial e temporal do período em que foi feito, tendo como base os dados da pesquisa de campo. Se uma das características dos grupos georreferenciados é o nomadismo e uma certa mobilidade física e virtual, é possível que seus tempos e lugares possam ter sido alterados.

Finalmente, cabe dizer que o referido projeto foi agraciado com o “Prêmio Destaque na Iniciação Científica e Tecnológica, edição 2014”, do CNPq. Dentre centenas de trabalhos registrados por universidades e institutos de pesquisa do Brasil, destacou-se o trabalho inscrito pela bolsista Jamine Miranda. Esse prêmio traduz emblematicamente a qualidade do nosso trabalho e o espírito de grupo que o marcou.

DESAFIOS E ESTRATÉGIAS

O clássico e bom Malinowski (1984), em seu texto seminal sobre objeto e método de pesquisa, constitui, sem dúvida, as bases da etnografia, mesmo reconhecendo a imensa contribuição do alemão Franz Boas, que o antecedeu e ofereceu à antropologia moderna toda a imponência da pesquisa de campo. Ambos nos ensinam o quão é fundamental estarmos atentos ao que o campo nos diz num processo paciente e minucioso de observação, e como esta escuta arguta e sensível nos faz repensar nossos empreendimentos de pesquisa, desde os seus objetivos. Portanto, a pesquisa sobre culturas juvenis que subsidiou a construção deste atlas não foi diferente. Já na sua primeira releitura três grandes questões oriundas de uma exploração inicial desenvolvida no campo virtual e físico foram oferecidas à equipe de trabalho.

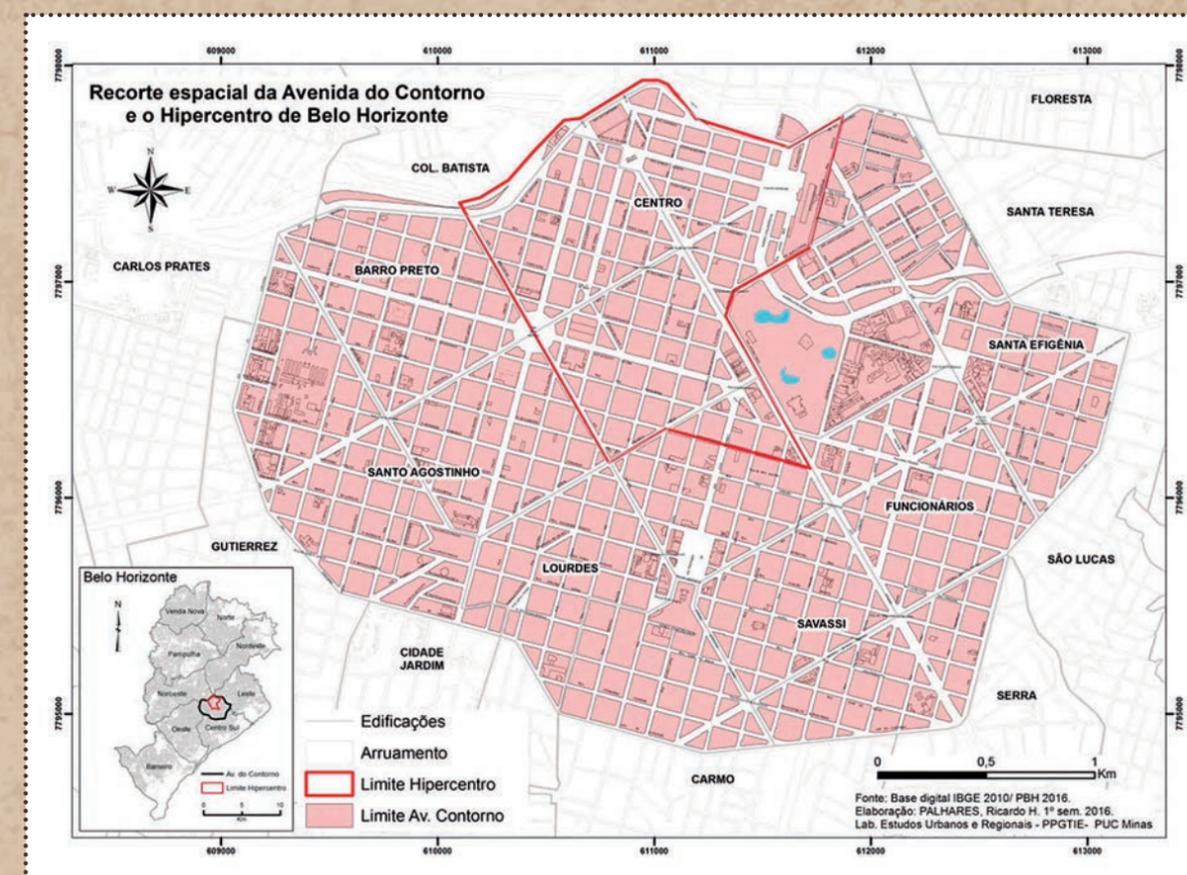
A primeira diz respeito ao recorte espacial desta pesquisa. Considerando os objetivos da investigação e os primeiros dados do campo, decidimos por redesenhar o que, inicialmente,

definimos como campo físico, que foi o hipercentro da capital. No lugar de nos acercarmos do hipercentro, tal como demarcado administrativamente pelo poder municipal, a região foi ampliada, para que, de fato, a pesquisa pudesse abranger os grupos que intervêm na região central de Belo Horizonte (ver mapa na página 13). Esse território passou a ser nosso campo de investigação, incluindo o ciberespaço como espaço legítimo de pesquisa, por meio das redes sociais. A segunda, certamente, um dos achados mais surpreendentes da pesquisa e que nos colocou o desafio de uma nova problematização teórica e metodológica, ocorreu em torno da categoria “juventude” como eixo articulador do projeto e organizada em diversas expressões, tais como: movimentos, coletivos, grupos etc. Decididamente, os grupos que foram por nós georreferenciados não têm uma composição dentro do que costumeiramente chamamos de “juventude”, seja em termos geracionais, de faixa etária,¹ de condição cultural e social. Diferentemente, nesses grupos observados o que ficou evidenciada foi uma composição intergeracional e múltipla em termos de crenças, ideologias, gêneros, escolaridade, faixa etária, condição econômica.

O terceiro grande desafio da pesquisa foram a prática da observação participante, a coleta de depoimentos e o uso do caderno de campo como técnicas centrais na realização da etnografia. Porém, dessa feita, as etnografias foram construídas a partir do trabalho de pequenos grupos de pesquisadores, com base na observação participante coletivamente construída por eles. Se a tradição do trabalho etnográfico é o de um mergulho solo no campo, no caso desta pesquisa, desde o início, este mergulho foi

¹ Juventude e jovem fazem referência àqueles sujeitos que estão na faixa etária de 18 a 34 anos, de acordo com a definição da UNESCO.

Mapa 1 – Recorte espacial da Avenida do Contorno e o Hipercentro de Belo Horizonte



Fonte: IBGE (2016)

realizado em parcerias. Fato pouco visto em pesquisas antropológicas, decidimos enfrentá-lo por uma questão de organização interna dos grupos de pesquisa parceiros neste projeto, bem como pela composição da equipe, que contava com bolsistas de iniciação científica, alunos de cursos de graduação, mestrados, mestres, doutorandos e doutores. Em outros termos, os integrantes dos grupos no transcurso da pesquisa estavam em momentos distintos da formação acadêmica, apresentando diferentes experiências de pesquisa, além de encontrarem-se vinculados a diversas áreas do conhecimento. Esse fato nos levou, pedagogicamente, a reunir esses diversos pesquisadores em pequenos grupos para a pesquisa de campo.

Definida essa estratégia, reiniciou-se o processo de busca pelos grupos de cultura. De imediato, identificamos que essa procura obrigatoriamente teria que passar pelo mundo digital. Vivenciávamos de modo muito concreto e total o que era pesquisar numa sociedade em rede. Uma ordem social em escala mundializada que altera a todo o tempo os modos de comunicação e interação social e as formas que circulam viralmente.

Das redes às ruas, talvez seja a frase que, com mais precisão e apelo, sintetiza os modos como grupos e atores se movimentam e se articulam nas cidades em torno de seus interesses, crenças, objetivos e laços de afeto que, no conjunto e em plena mobilidade, configuram uma imensa

rede de sociabilidades. Essas sociabilidades, para além dos traços que definem costumeiramente a socialização, tornam-se, ainda, cibernociabilidades, na medida em que se constroem mediadas pela tecnologia digital.

Reconhecer que as culturas se concebem como cibercultura foi também compreender que seria impossível fazer o *tracking* ou acompanhar os grupos pelas inúmeras incursões itinerantes pela cidade e não só pelo hipercentro delimitado para a pesquisa. Em outros termos, o campo se tornara campos fluídos e tecidos por meio de nós e de um “nós” que se entrelaçava e se misturava quase indefinidamente. Sem limites certos, sem amarras, mas sim com articulações, sem delimitação no sentido de uma marca espacial e temporal fechada. O que começávamos a inventariar era, de fato, tempos e espaços desterritorializados,

não fixos, itinerantes, feito vagantes, nômades em busca, quem sabe, de um outro mundo!

Em meio ao que nos pareceu uma impossibilidade, o acompanhar desses grupos em suas rotinas, dinâmicas, modos de agir e de fazer “arte”, nos deparamos com o Espaço Comum Luiz Estrela, uma ocupação urbana de um antigo casarão situado na região Centro-Sul da cidade, exatamente na fronteira da Av. do Contorno, limite do hipercentro da pesquisa. E mais: identificamos que para o Luiz Estrela convergiam inúmeros dos grupos que começavam a ser georreferenciados. Decidimos, então, que as etnografias seriam realizadas no Luiz Estrela, por meio da observação dos grupos e dos eventos que ocorriam naquele espaço, o espaço de convergência cultural. Tal decisão se deu em meados do ano de 2014 e o Luiz Estrela, desde então, passou a ser nosso

tempo e espaço articulador da pesquisa, sem que outros tantos grupos de cultura não presentes no casarão fossem negligenciados.

Para o georreferenciamento e representação cartográfica dos locais de manifestação artística, seus endereços foram lançados no *software Google Earth* (imagens de satélite) para localização e confrontação do ponto ou da área artística. Esse procedimento permitiu o levantamento das coordenadas geográficas (latitude e longitude) das práticas culturais, que, posteriormente, foram sobrepostas na malha urbana digital do município de Belo Horizonte. A referida base digital foi disponibilizada pelo IBGE, e os produtos cartográficos gerados no Sistema de Informação Geográfica (SIG) ArcGIS 10.

É importante ressaltar que o geoprocessamento é uma técnica de suma importância

para confrontação e análise de informações geoespaciais, visto que permite associar imagens aéreas e/ou orbitais (sensoriamento remoto) com os SIGs e equipamentos de localização geográfica, como o *Global Positioning System* (GPS). Essas técnicas relacionam um conjunto de procedimentos que permite associar pontos da superfície terrestre a pontos correspondentes no plano de projeção, no caso, a Universal Transversa de Mercator (UTM), favorecendo, assim, a diminuição de erros ou a discrepância de posicionamento dos elementos geográficos na confecção dos referidos mapas.

Por fim, o que resulta desse projeto é um longo, intenso e envolvente trabalho de campo em que foram associados vários “campos”: ruas, redes, espaços múltiplos, tempos reais e virtuais, eventos.

Foto 1 - O Espaço visto por uma lateral



Fonte: Espaço Comum Luiz Estrela (2013).

Foto 2 - Tambores no Espaço



Fonte: Circuito Fora do Eixo (2014).

A FUNDAMENTAÇÃO

O levantamento empírico de dados em campo foi precedido de meses de estudos e debates sobre conceitos que pudessem servir à pesquisa, além daquelas apostas no projeto de pesquisa que deu origem a esta publicação, como: culturas, juventude, cidade, educação, escola, arte e tecnologia, entre outras. Diante disso, esta seção traz um arrazoado dos principais conceitos e abordagens que fundamentaram a construção deste atlas, com destaque para as principais categorias: sociabilidade urbana e juventude.

As categorias

Ao discutirmos especificamente as pesquisas realizadas pelo Núcleo de Antropologia Urbana (NAU) da Universidade de São Paulo (USP), cujo coordenador é o antropólogo José Guilherme Cantor Magnani, e já com a pesquisa exploratória de campo praticamente concluída, algumas categorias usadas nas investigações sobre jovens nas cidades, no âmbito das atividades do NAU, pareceram-nos muito férteis para a análise das culturas no hipercentro da capital mineira.² São elas:

● **PEDAÇO:** espaço social que se situa entre a esfera da casa e a da rua. Com base em vínculos de vizinhança, coleguismo, procedência e trabalho, o pedaço estabelece uma forma de sociabilidade mais aberta que a fundada em laços de família, porém menos formal e mais próxima do cotidiano que aquela ditada pelas normas abstratas e impessoais da sociedade mais ampla. É nesse espaço que se vive e

compartilha toda sorte de vicissitudes que constituem o dia a dia por ocasião dos momentos de lazer, devoção, participação em atividades comunitárias e associativas, troca de favores e pequenos serviços, como também dos inevitáveis conflitos e disputas;

● **TRAJETO:** a vida na cidade, no entanto, não se restringe às experiências do cotidiano que transcorrem no âmbito do bairro. A circulação em direção e através de territórios mais amplos dá-se por meio dos trajetos — percursos determinados por regras de compatibilidades — que abrem o particularismo do pedaço a novas experiências, situadas fora das fronteiras daquele espaço conhecido, onde se está protegido por regras claras e inequívocas de pertencimento;

● **MANCHA:** a cidade, ademais, não se oferece para uso e desfrute como uma totalidade indiferenciada, ou então repartida em unidades discretas: naqueles territórios mais impessoais das regiões do centro, situados fora do círculo de vizinhança, é possível distinguir a existência de áreas claramente demarcadas pela oferta de determinados bens ou serviços: são as manchas, áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam, competindo ou complementando-se, uma atividade ou prática predominante;

● **CIRCUITO:** o circuito, por seu lado, cumpre as mesmas funções da mancha; a diferença está na forma de inserção, uma vez que não apresenta o caráter de contiguidade espacial. Assim, por exemplo, é possível distinguir os circuitos dos cines de arte, das livrarias, dos brechós, de espaços neoesotéricos, da cultura *black*, do agito gay, do movimento rapper e de muitos outros, constituídos por pontos espalhados pela cidade, mas que mantêm algum tipo de relação entre si, sendo

² Categorias formuladas pelo antropólogo Magnani (1998, 2007) e que aparecem especificamente em duas obras por nós estudadas: *Festa no pedaço* e *Jovens na metrópole*.

conhecidos em sua totalidade apenas pelos usuários mais *habitués*.

Porém, a experiência de campo trouxe à tona outras categorias que conseguimos perceber como modos muito particulares, situados e específicos dos discursos ouvidos durante a pesquisa de campo. Na verdade, essa tentativa de inventariar tais categorias nativas é parte do esforço de toda a equipe de pesquisadores em suas observações, registros, diálogos e interações no campo, além de leituras sistemáticas de etnografias e da literatura de referência que nos permitiu dialogar com conceitos fundamentais da ciência antropológica, mediados pela realidade observada. São categorias presentes em praticamente todas as etnografias e cenas etnográficas que compõem este atlas e que revelam um discurso recorrente nos grupos de cultura por nós georreferenciados. Destacam-se, dentre elas:

● **ARTIVISTAS OU CIDADÃOS REBELDES:** aqueles cujas ações, atitudes dão novo significado para um espaço “esquecido” pelas sucessivas gestões públicas. Suas propostas assimilam práticas artísticas e políticas nos espaços públicos, nos diversos contextos das chamadas intervenções urbanas;

● **ATIVISTAS:** referência direta aos movimentos de arte e ativismo da Literatura Marginal dos Saraus de São Paulo e que se espalham pelo Brasil e por Belo Horizonte. Ideia muito presente no casarão. Sabemos que o ativismo não é somente de natureza literária, mas foi nos saraus observados que a expressão surgiu de modo recorrente;

● **CORRE:** os ativistas e orgânicos fazem “o seu corre” fora do espaço, ou seja, trabalham em outros espaços que não o Estrela, embora muitos tenham verbalizado que o objetivo do movimento é que todos possam fazer o seu “corre” no espaço, longe da exploração do mercado;

● **HORIZONTALIDADE:** usada sempre e referida ao comum, à autogestão, ao coletivo. É um exercício diário para esse coletivo, uma vez que as chamadas para participação são constantes, seja por meio da ação direta no Estrela, pelas discussões e pela organização. Um dos princípios do Espaço Comum Luiz Estrela é a horizontalidade. Para que a autogestão se concretize, as relações precisam ocorrer de forma horizontal a partir de e com construções coletivas que residam nas assembleias descentralizadas, instâncias máximas de decisão, onde debate-se, reflete-se e decide-se sobre tudo o que se refere ao cotidiano do Estrela;

● **HOSPEDAGEM CRIATIVA:** é um espaço/tempo de moradia solidária e alternativa gratuita, em construção, do Espaço Comum Luiz Estrela para abrigar pessoas que passam pela cidade de Belo Horizonte para o seu “corre”. Essa hospedagem é procurada por artistas alternativos, atores culturais, pessoas que não têm moradia fixa, enfim, pessoas que não têm vínculos com sistemas convencionais de trabalho nem financiamentos de qualquer origem e têm como filosofia de vida percorrer o mundo. Na medida em que percorrem, organizam sua sobrevivência;

● **PASSAR UM PANO:** dar uma olhada, conhecer;

● **ROLÊ:** passear, dar uma volta, andar por aí sem preocupação nem compromisso;

● **“TÁ DE BOA”:** por mais que essa expressão, comumente utilizada pelos orgânicos do Estrela, possa dar uma ideia de “paz e amor” ou de que “tudo está bom e tudo pode”, ela é sempre empregada nos momentos de conclusões das discussões, quando uma pessoa concorda com a colocação da outra ou com uma proposta sistematizada/encaminhada.

Isso ocorre após várias problematizações no grupo; portanto, não é um sinal de concórdia passiva, mas sim uma construção a partir de argumentos e tensões próprias do debate de acordo com a questão em pauta, um acordo construído entre os participantes. “Tá de boa”, dessa forma, configura-se como a tradução de uma participação ativa e dinâmica do grupo;

○ **TERRITÓRIOS URBANOS:** estariam entre a mancha e o trajeto para dentro e para fora dos circuitos que não podem ser descritos com base nas categorias Pedaço, Mancha, Trajeto e Circuito;

○ **VAGA VIVA:** é a apropriação de um lugar na entrada do pátio do casarão que servia de vaga para estacionamento de carros e que transforma-se num espaço de uso comum dos Ativistas, orgânicos, daqueles que passam pela Hospedagem Criativa. São diversos os usos: uma saleta com livros e cadeiras de pneus, convidando à leitura. De outra feita, a vaga tornou-se uma pequena biblioteca onde passantes poderiam parar, escolher um livro, levar e, quem sabe, devolver o exemplar doando mais um para a biblioteca pública de uso livre e coletivo. É também um espaço em que são encontrados vasos de plantas, flores de plástico, compondo um cenário que converte uma vaga de automóvel em uma vaga que inspira a vida e sendo um espaço livre e compartilhado.

Não é nada fácil definir com a precisão matemática o que são categorias nativas, expressão pouco simpática a alguns sociólogos que preferem chamá-las de categorias sociais. Elas remetem, desde Malinowski (1984), à pretensão maior do antropólogo de dar conta de como “os nativos pensam”; ou seja, descrever a cultura é compreendê-la na dimensão do pensamento do

outro, em sua lógica, nunca aparente, de elaboração mental dos modos como pensa o mundo, se pensa no mundo e na relação com os outros desse mesmo mundo. Portanto, as categorias apresentadas neste atlas emanaram da vivência em campo e foram essenciais para a compreensão das formas de manifestação e de apropriação do espaço urbano.

Sociabilidades em Espaços Urbanos

Ao que tudo indica, a visão é o sentido privilegiado na contemporaneidade, conforme já previra Simmel (2006), tantos anos antes, cuja constatação leva Le Breton (2011, p. 159) a manifestar que “a socialidade urbana induz uma excrecência do olhar e uma suspensão ou um uso residual dos outros sentidos, cujos usos, em última instância, o homem só encontra na privacidade de sua casa”. Ainda que possa ser assim, a paisagem urbana, enquanto cenário de pesquisa antropológica, implica, por parte do investigador, um exercício sinestésico atento aos estímulos que a compreendem, independentemente do objeto de estudo. Importam, pois, para a compreensão da realidade estudada, ambiências, pessoas, caminhares, gestos, olhares, cheiros, sons, cores, ritmos, objetos, enfim, uma diversidade de microeventos e situações que compõem as práticas individuais e coletivas, construídas e modificadas no cotidiano da e na cidade.

Em outras palavras, o olhar do antropólogo, por vezes, assume um lugar de destaque frente às dinâmicas incessantes que habitam os lugares por ele percorridos para a investigação de qualquer realidade social, principalmente quando materializados em imagens estáticas e/ou em movimento que compõem seus registros de campo. No entanto, o potencial das possibilidades facultadas pelo encontro por meio da

fala, dos olhares, da escuta disponível, do tato, da discussão com as personagens presentes em tais espaços não pode ser desprivilegiado.

Ter pesquisado, então, no Espaço Comum Luiz Estrela e em outros espaços do hipercentro de Belo Horizonte fez com que os investigadores envolvidos estivessem em permanente contato com dados visuais, mas também olfativos, acústicos, táteis, sinestésicos, dentre outros, que importa(ra)m densamente para que se pudesse compreender a constituição de um espaço comum constantemente ressignificado por seus usuários e a forma como os diversos atores daquele espaço pensam, interagem entre si, representam e vivem a situação de ocupação do prédio. Análises e interpretações do visto, ouvido, sentido e vivido se apresentam mais adiante.

O passo ruidoso das personagens pelos corredores do Espaço Comum Luiz Estrela, o som da água que escapa da torneira, as vozes exaltadas, o canto que vem do quintal, o estalo da madeira do telhado que parece querer cair, as risadas, os ecos da rua, os telefones celulares que insistem em tocar são alguns exemplos das sonoridades experimentadas pelos pesquisadores. Elas ajudaram a compor suas experiências no campo e as “imagens” construídas, (re)interpretadas e transpostas para o texto que busca demonstrar que estiveram lá, e que “se houvésemos estado lá, teríamos visto o que viram, sentido o que sentiram e concluído o que concluíram” (GERTZ, 2002, p. 29).

Desde essa perspectiva, as reflexões advindas da investigação no Espaço Comum Luiz Estrela se orientam na perspectiva da consideração da cidade a partir de seu uso e fruição. Suas formas são fluidas e cambiantes, visto que seus espaços são construídos e modificados pelos atores sociais no cotidiano a partir dos modos como deles se apropriam e fazem uso (LEFEBVRE, 1978). Ancoramo-nos em uma abordagem que possibilita pensar e reconhecer

a cidade, na direção do filósofo francês, como um produto social que traz em sua materialidade a diferença entre o espaço concebido e projetado por urbanistas, por exemplo, e sua experimentação e fruição pela população no seu dia a dia. A cidade é pensada aqui enquanto “texto e contexto de novos debates sobre relações sociais fundamentais” (HOLSTON, 1996, p. 252), na qual a vida se faz diversa e cada vez mais complexa, em que pesem as várias possibilidades de apropriação e reestruturação de seus espaços pelos sujeitos.

Nesse sentido, embora “a diversidade, alteridade e liberdade das cidades desencadeiem a construção de uma série de organizações burocráticas para controlar e racionalizar esta sociedade cada vez mais fragmentada” (NICHOLLS, 2008, p. 843, tradução nossa)³, algumas resistências aos vários mecanismos de controle impostos socialmente tendem a emergir, a exemplo das ocupações de espaços públicos e privados levados a cabo por vários movimentos sociais. Cabe citar como ilustração a luta do Movimento dos Sem-Terra (MST), de longos anos, do Espaço Comum Luiz Estrela aqui abordado e, mais recentemente, o movimento “Não fechem minha escola”. Este levou centenas de jovens a ocuparem dezenas de escolas da rede estadual de ensino de São Paulo, que lutavam pelo direito de não terem suas escolas fechadas ante o anúncio da chamada reestruturação da rede estadual de ensino proposta pelo governo de Geraldo Alckmin. Entendemos a resistência, no entanto, como a forma colocada por Silva (2007) em sua pesquisa sobre a ocupação de um prédio abandonado na cidade do Rio de Janeiro em 2004, na qual ela a pensa não como um movimento reativo, mas como uma ideia

³ The diversity, alterity and freedom of cities trigger the erection of a range of bureaucratic organizations to control and rationalize this increasingly fragmented society.

que possibilita a constituição de outros modos de se viver e experimentar o espaço — no caso, as ocupações.

Portanto, se queremos pensar a cidade, ela deve ser considerada como espaço de relação, de interação e experiência urbana onde grupos e pessoas de diferentes valores, estilos, orientações e práticas se encontram. Nessas interações, nem sempre pacíficas ou bem-vindas, uma complexa teia de papéis sociais norteia e configura comportamentos e atitudes, propiciando uma diversificada rede de relações e contatos. A *urbe*, então, concentra uma heterogeneidade de atores e dá ensejo a uma mobilidade cada vez maior e intensa, em que pese ainda o papel e uso das tecnologias digitais na atualidade. Assim, tornam-se cada vez mais complexas as relações que acontecem na paisagem urbana, cujos limites não mais se restringem a seu aspecto físico, geográfico (GUIMARÃES JÚNIOR, 2000; LEMOS, 2001, 2004, 2007; LÉVY, 1999; RIBEIRO, 1996, 1997, 2002).

Outro elemento fundamental para os propósitos deste trabalho é a discussão sobre movimentos sociais, especialmente os relacionados à cultura. Antes, porém, de abordarmos a construção de espaços públicos e emersão dos movimentos sociais, julgamos necessário recuperar algumas reflexões sobre os conceitos de público e privado a partir de Jürgen Habermas, mesmo que tais delineamentos teóricos precisem ser revisitados criticamente em razão das novas configurações do espaço público na contemporaneidade, conforme alerta Trivinhos (2010). Com essa iniciativa, no entanto, não oportunizamos um exame teórico minucioso da intrincada relação entre o espaço público e o privado na atualidade, mas a problematização necessária para pensar as relações estabelecidas pelos frequentadores do Luiz Estrela com esse espaço, com seus pares e a cidade.

Os estudos de Habermas (1984) indicam que as categorias “público” e “privado” têm suas origens na Grécia Antiga, sendo que a esfera da *polis* era de domínio dos cidadãos e separava-se de forma inflexível do *oikos*, esfera particular a cada indivíduo. Entretanto, no transcorrer da história, os conceitos de público e privado se disseminaram no Ocidente em sua tradução romana e, com o despontamento do Estado moderno, intensificou-se o afastamento da esfera pública burguesa da esfera privada. Em suas palavras, “chamamos de públicos certos eventos quando eles, em contraposição às sociedades fechadas, são acessíveis a qualquer um — assim como falamos de locais públicos ou de casas públicas” (HABERMAS, 1984, p. 14). Essa noção nos informa que devemos considerar como público o que seja acessível a todas as pessoas, como, por exemplo, uma praça, um restaurante, um jornal, por mais que se tenha que pagar determinado valor para acesso ao mesmo. Não obstante, espaços públicos não podem ser confundidos com esferas públicas.

O surgimento da esfera burguesa se deu a partir de uma esfera pública literária, desenvolvida nos cafês e salões nos séculos XVII e XVIII, onde os encontros aconteciam para a discussão de literatura. Posteriormente, essas reuniões começaram a ganhar um caráter político ao se propor a discussão das leis de intercâmbio de mercadorias e também sobre o trabalho social, configurando-se como um foro com um complexo de interesses e oposições entre a sociedade civil e o Estado. De tal sorte, esses lugares tiveram relevância destacada na constituição da esfera pública burguesa e deram aos espaços públicos novos contornos. A dicotomia burguesa apregoava a separação nos seguintes aspectos: a esfera pública relacionava-se ao mundo do trabalho, às questões políticas, ao mundo exterior à casa e ao homem branco burguês, e a esfera privada se associava à mulher, à família e às atividades

domésticas.⁴ De acordo com Habermas (2003), a esfera pública burguesa começou a degenerar-se quando se foi promovendo a intercessão interessada entre o setor público e o privado, visto que as pessoas passam a consumir o que disseminava a imprensa comercial. De leitoras, tais pessoas passam a consumidoras de informação, o que incorreu em sua destacada despolitização com o tempo. Nessa direção, com a emersão dos veículos de comunicação de massa nos séculos seguintes e a consequente subjugação da esfera pública por eles, dado o caráter mercantilizado dos primeiros, ela deixa de atender sua proposta inicial, que era mediar as necessidades da sociedade junto ao Estado.

Segundo o autor, buscando desvelar as inter-relações entre sociedade, economia e política,

em sociedades complexas, a esfera pública forma uma estrutura intermediária, que faz a mediação entre o sistema político, de um lado, e os setores privados do mundo da vida e sistemas de ação

⁴ As reflexões de Habermas não deixam de ser isentas de críticas. A esse respeito, Fraser (1990) assevera que a ideia do autor sobre a esfera pública se refere a um coletivo de homens de elite que tratava exclusivamente de interesses públicos visando o bem comum, sem considerar, em suas deliberações, as desigualdades sociais e os problemas de ordem privada. Por esse motivo, essa concepção é vista como normativa e sexista, pois, ao desconsiderar tais desigualdades e hierarquias sociais, tomando aquela configuração de esfera pública como a única possível, tal lógica servia aos homens de elite para atuarem em prol de uma ideologia burguesa que oprimia o proletariado e as mulheres. Considerando, pois, que os espaços são generificados e marcados, também, por outras categorias sociais, Fraser destaca a existência de esferas públicas variadas que debatiam assuntos não voltados ao bem comum, mas a questões relativas às políticas de gênero opressoras (obviamente reconhecidas, na época, por outros léxicos), à exclusão social de determinados grupos, à vida doméstica. Tais esferas, constituídas por mulheres, trabalhadoras, trabalhadores e outros grupos sociais, opunham-se, através de manifestações, motins e assembleias, àqueles que lhes impediam a conquista dos vários direitos que acreditavam lhes caber, levando suas ideias ao maior número possível de pessoas por meio de impressos diversos.

especializados em termos de funções, de outro lado. Ela representa uma rede supercomplexa que se ramifica espacialmente num sem número de arenas internacionais, nacionais, regionais, comunais e subculturais, que se sobrepõem umas às outras; essa rede se articula objetivamente de acordo com pontos de vista funcionais, temas, círculos políticos, etc., assumindo a forma de esferas públicas mais ou menos especializadas, porém, ainda acessíveis a um público de leigos (por exemplo, em esferas públicas literárias, eclesiásticas, artísticas, feministas ou, ainda, esferas públicas alternativas da política de saúde, da ciência e de outras áreas); além disso, ela se diferencia por níveis, de acordo com a densidade da comunicação, da complexidade organizacional e do alcance, formando três tipos de esferas públicas: esfera pública episódica (bares, cafês, encontros na rua), esfera pública de presença organizada (encontros de pais, público que frequenta o teatro, concertos de rock, reuniões de partidos ou congressos de igrejas) e esfera pública abstrata, produzida pela mídia (leitores, ouvintes e espectadores singulares e espalhados globalmente). Apesar dessas diferenciações, as esferas públicas parciais, construídas por meio da linguagem comum ordinária, são porosas, o que permite uma ligação entre elas (HABERMAS, 1997, p. 107).

Essa noção de esfera pública, como destaca Ribeiro (2002), está diretamente associada aos meios de comunicação e sua relação com a estruturação e mudanças do espaço público, o que importa substancialmente para o tratamento das cidades contemporâneas, nas quais as tecnologias de comunicação e informação têm transformado e constituído novas relações entre as pessoas. Desde essa perspectiva de Habermas (1997), um ponto importante a ser destacado é a analogia que ele usa — a de uma rede — para referir-se à esfera pública. Nessa perspectiva, a esfera pública

pode ser entendida como um território onde acontece a comunicação de conteúdo, discussão, argumentação e tomada de opinião pelos sujeitos, ações que oportunizam a articulação da opinião pública e o favorecimento do desenvolvimento da democracia. O espaço público, por sua vez, se refere a um lugar em que pode haver uma confluência de vozes não necessariamente geradora, no entanto, de um debate racional político em torno de um interesse comum.

Tendo em conta a diversidade de grupos, bem como as diferentes demandas e configurações que se colocam na contemporaneidade, o espaço público sofreu graves transformações, muito em razão das novas formas de comunicação e instauração de convívio e diálogo entre variados atores sociais. Sobre isso, Linhares (1999) destaca que:

Diferentemente da sociedade moderna, onde o espaço público era o lugar de busca de consenso, que padronizava e categorizava os desejos privados tornando-os públicos e descentrando-os para a sustentação e justificação do poder, atualmente a sociedade não procura o consenso pelo igual, absoluto e universalizante. Nesse sentido, desenvolve-se o esforço de conviver e aceitar o diferente, o grupal, o gênero, a etnia, a diversidade (LINHARES, 1999, p. 30).

Consoante a esse autor, o espaço público contemporâneo se constrói a partir do “mundo da vida”, concretizando-se nos atos comunicativos dinâmicos e mutáveis que são estabelecidos por meio das interações e mediações entre as pessoas, importando fundamentalmente nesse contexto o papel que as tecnologias de comunicação e informação têm atualmente enquanto mediação dessas relações.

Em investigações das ciências sociais sobre a vida nas cidades, não é novidade determinados segmentos da população, especialmente

aqueles de camadas mais abastadas, buscarem proteção e evitação de contato com pessoas de outros grupos e segmentos sociais. Tal situação contribui para o esvaziamento de determinados espaços públicos concretos, como os centros das grandes cidades, sendo já demonstrado por Caldeira (2000). A partir de seus estudos sobre a cidade de São Paulo, Caldeira aponta que as pessoas das camadas mais abastadas das grandes cidades têm abandonado seu centro, território que antes era valorizado e servia aos ricos como local de residência. Como consequência, esse território, de maneira geral, ficou praticamente relegado aos excluídos e transformado em trajeto turístico e reduto de compras, ainda que, aos que têm possibilidades de pagar, as compras tendem a acontecer nos *shoppings centers*. Quanto aos locais de moradia, a autora destaca que os diferentes grupos sociais tendem a estar separados por grandes distâncias físicas, ou então em territórios nos quais estão muitas vezes próximos fisicamente, mas separados pelos muros, tecnologias de segurança e marcadores identitários coletivos, fatores que promovem o distanciamento social entre os mesmos.

Putnam (1995, 2000) ao tratar do declínio do capital social nos Estados Unidos, cujo principal resultado é a diminuição crescente no número de associações no país, acredita que uma das razões para essa situação se deve às intensas tendências tecnológicas que estão radicalmente “privatizando” ou mesmo “individualizando” o uso do tempo livre das indivíduos, o que incidiria em alguma forma de prejuízo para a formação de capital social. Entretanto, embora as tecnologias têm levado a certo esvaziamento do espaço público, isso não quer dizer que sua morte — ou a de como fora tradicionalmente pensado — esteja iminente conforme vem sendo colocado em pauta por alguns teóricos das ciências sociais (HABERMAS, 1987; SENNET, 1988).

Ao que parece, no caso da sociedade brasileira, há um movimento duplo: algumas camadas da população têm se retirado do espaço público e, por outro lado, há também um aumento significativo no número e na cadência da constituição de associações no país (AVRITZER, 1997), o que colabora diretamente para o preenchimento e revigoramento do espaço público. Na mesma direção, Andrade, Jayme e Almeida (2009) argumentam que as considerações sobre o fim do espaço público devem ser relativizadas, pois há espaços públicos que mantêm grande vitalidade e, tendo em conta a investigação aqui em foco, outros espaços públicos estão sendo criados a partir de demanda (como o Luiz Estrela), ocupação, organização e constituição por parte das pessoas que não aquelas legitimadas como “atores da esfera pública”. Não faltam, pois, experiências de agregação de sociabilidades, de interesses comuns e práticas coletivas que se integram e constituem as tramas da cidade. Para dizer dos jovens, são vários os estudos que apresentam as várias modalidades de sua inserção na esfera pública, como, por exemplo, aquelas protagonizadas por atores em torno de estilos musicais, como os *punks*, os *rappers*, roqueiros, funkeiros (ABRAMO, 1994; ANDRADE, 1996; CECCHETO, 1997; HERSCHMANN, 2000). O mesmo pode ser dito de diversos agrupamentos em razão do entretenimento e do esporte, bem como aqueles de natureza mais fluida, que visam ocupar os centros das cidades para os passeios de bicicleta, pichações, grafite, escaladas de muros e viadutos. Há, ainda, as modalidades de experiências coletivas nas quais os jovens constroem certo associativismo em prol de ações voluntárias, comunitárias e de solidariedade em favor do meio ambiente, da segurança, da discussão de ações ligadas à saúde, bem-estar e prevenção de doenças, do combate à exclusão, ao racismo, à violência de gênero. (SPOSITO, 2000).

Diante dessas novas conformações, faz sentido considerar que a hibridação entre a vida pública e a vida privada se torna cada vez mais acentuada e de difícil discernimento, uma vez que elas se justapõem e se complementam, principalmente se considerarmos o lugar que o ciberespaço ocupa atualmente. Há, agora, a possibilidade de os indivíduos se colocarem em espaço público a partir de ambientes privados, em que as redes sociais e outros espaços têm destacada relevância, tais como *Facebook*, *Instagram*, *YouTube*, *Twitter* e também os *blogs*. Com as tecnologias digitais, portanto, o lugar ganhou um novo sentido, que extrapola sua dimensão geográfica, oportunizando que pessoas de distintos países, culturas, línguas passem a se relacionar através da rede. Ao viabilizar a conexão com qualquer parte do mundo em tempo real, o ciberespaço refutou as distâncias impostas pela geografia e permitiu tentar controlar o tempo. Assim, configurando-se como uma rede que interconecta muitos milhões de pessoas em todo o mundo, a internet é um meio de troca simbólica transnacional e de comunicação interativa que possibilita ao usuário entrar no ciberespaço e experimentar as façanhas da velocidade, simultaneidade e virtualidade, encontrar-se com outros milhões de usuários e também normas, perspectivas, visões de mundo e discursos que configuram uma cibercultura fragmentada em distintos segmentos (RIBEIRO, 1997). Em razão desse novo contexto, portanto,

a cibercultura leva ao paroxismo algumas das mais poderosas promessas da modernidade, incluindo a suposição de uma comunidade global diversificada, existente em tempo real, ali, em uma dimensão paralela, com seus muitos fragmentos, unificados apenas através de abstrações e implodindo sobre as cabeças dos atores perseguidos por antigas pretensões e identidade orgânicas resolvidas. A reconfiguração de corpos e identidades

– tornada possível pela multidão global virtual e pelo espaço fragmentado, descentrado, global, virtual – potencializa a experiência anônima cosmopolita internamente ao ciberespaço. (RIBEIRO, 1997, p. 11-12).

O ciberespaço, assim, trata-se de uma importante matriz de sentido que se coloca na contemporaneidade, sendo, portanto, relevante perspectiva para se pensar a sociedade, pois a cibercultura se dissipa nas práticas cotidianas, ganha vida no dia-a-dia, outorgando maior dinamismo ao imaginário contemporâneo e estabelecendo possibilidades de renovação e construção de novas práticas (MONTARDO; ROCHA, 2005). Dessa forma, a internet não possibilita, tão somente, um tipo de comunicação mais sofisticada e rápida, mas oportuniza a constituição de um espaço que influi extraordinariamente na forma como grande parte dos sujeitos interage com outros e com o mundo.

Nesse panorama, Lemos (2007) sugere que as cidades podem ser pensadas atualmente na perspectiva da “sociedade em rede”, constituídas por sua dimensão física, simbólica, econômica, cultural, política e imaginária, dentre outras. Daí,

a particularidade contemporânea é a hegemonia de um conjunto de redes, as redes telemáticas, que passam a integrar e mesmo a “comandar” (cibernética), as diversas redes que constituem o espaço urbano e as diversas formas de vínculo social que daí emergem. (LEMOS, 2007, p. 122).

Enfim, a complexidade da *urbe* contemporânea se intensifica, segundo o mesmo autor, com as metrópoles cibernéticas denominadas cibercidades, que podem ser pensadas como cidades nas quais a infraestrutura de comunicação e informação são uma realidade, cujas práticas que daí advêm constituem uma nova urbanidade (LEMOS, 2004, 2007).

Importante considerar que a cibercidade, como buscamos expor até aqui, não se refere ao surgimento de uma nova cidade ou a transposição radical de suas formas urbanas historicamente constituídas, mas à consideração de que as cidades têm se reconfigurado continuamente ante as tecnologias digitais, por meio da (re) configuração de seu espaço e a constituição de outras práticas sociais. Trata-se, pois, da hibridação dos elementos físicos e os virtuais, que conformam uma outra realidade na qual o global e o local coabitam. Nas palavras de Lemos (2004),

hoje, por meio dos diversos dispositivos eletrônicos, o espaço de lugar é complexificado pelo espaço de fluxo: relações estabelecidas *on-line* repercutem em encontros reais, compras e *home banking* interferem no dia a dia da cidade de concreto e aço, ativistas usam a rede para organizar manifestações políticas ou hedonistas como as atuais *flash mobs*. Na cidade-ciborgue, o espaço virtual está em sinergia com o espaço de lugar (LEMOS, 2004, p. 136).

Entendemos por virtual o fenômeno que sugere a existência de uma hiperrealidade. Tendo sido influenciado por Debord (1997) no estabelecimento de sua teoria a respeito do simulacro, Baudrillard (1991) destaca que seu conceito de sociedade de espetáculo, construído a partir de uma pretensa realidade por meio de processos retóricos ou tecnológicos, já não diz mais respeito ao cenário recente, porque, em seu modo de pensar, não há uma dissociação entre a vida real e os efeitos de sua simulação. Em vista das proposições teóricas desses autores, Frederico (2010) infere que “o conceito de espetáculo foi substituído pela fantasmagoria do simulacro – pela imagem autorreferente, a imagem que refere a si mesma em sua livre arbitrariedade, em seu jogo aleatório de significantes” (FREDERICO, 2010, p. 187).

A respeito do surgimento dos movimentos sociais, Costa (1997) manifesta que uma das abordagens mais consideradas nos últimos anos para o tratamento da esfera pública reside no pensamento de que tais movimentos emergem quando há um distanciamento entre os atores da esfera pública (porta-vozes dos partidos, grupos organizados, interesses econômicos, dentre outros) e as outras pessoas em geral, que não têm muita voz ativa e, por isso, seria um agrupamento atomizado, disperso, com pouca voz política.

Assim, frente à percepção pelo público geral de que as questões que lhes são mais caras, mais necessárias, têm o tratamento reduzido pelos “atores da esfera pública”, isto é, não são postas em cena com a relevância que consideram requerer, tais segmentos da população se organizam a fim de buscarem a atenção pública que almejam para suas questões. Essa perspectiva de análise, segundo Costa (1997), baseada no estudo de autores como Canclini (1998), Gerhards (1993) e Ribeiro (1994), indica que a ressonância pública das questões levadas a cabo pelos movimentos sociais não está obrigatoriamente ligada às temáticas efetivamente abordadas; isto é, podem não corresponder às reivindicações e interesses sociais potenciais ou mesmo a padrões de moralidade emergentes, dentre outros aspectos. Nesse sentido, é necessário considerar nessa análise que as repercussões alcançadas têm a ver também com a competência com que esses movimentos manejam os recursos comunicativos que detêm, cujos resultados podem ser atingidos seja por meio da espetacularização ou mesmo por um bom trabalho de relações públicas, por exemplo.

Em outra abordagem usual da temática, o foco de análise é ampliado, não se atendo notadamente à mídia. Nessa perspectiva, é relativizada sua ação manipuladora, vislumbrando-se a possibilidade de ocorrência de outros campos constitutivos da esfera pública, tais como os espaços de comunicação interpessoal, as redes

informativas de intercâmbio. Nessa direção, para Fraser (1990), as sociedades se constituem de diversas esferas públicas que se relacionam constantemente. Logo, os grupos subordinados que formam esferas públicas alternativas têm sempre buscado e encontrado modos de expressar suas questões, dentre os quais se encontram suas expectativas e necessidades. Nesse ponto, cabe recordar a importância que as redes sociais têm para as sociabilidades e agremiações, sejam no espaço físico e/ou em ambiências virtuais atualmente. Ainda de acordo com Costa (1997), tais considerações não prescindem desprezar os processos mencionados de espetacularização e a decorrente perda de substância de argumentação da comunicação pública, mas, sim, demonstrar que a esfera pública não se constitui tão somente desses mesmos fenômenos. Nas palavras do autor,

persiste, para além do espaço público transformado em mercado, um leque diversificado de estruturas comunicativas e uma gama correspondente de processos sociais (de recepção e reelaboração das mensagens recebidas e de interpenetração entre os diferentes microcampos da esfera pública) cuja existência confere, precisamente, consistência, ressonância e sentido ao espetáculo, ancorando-o, novamente, no cotidiano dos atores. Na ausência de tais processos, as imagens e mensagens, ainda que tecnicamente elaboradas e esteticamente empolgantes, ecoariam no vazio, destituídas de substância e credibilidade. (COSTA, 1997, p. 10).

Não faz parte dos objetivos deste atlas abordar de forma aprofundada essas perspectivas de tratamento da esfera pública, mas julgamos significativo considerá-las como ancoragem na análise do movimento de ocupação e constituição do Luiz Estrela e dos demais grupos pesquisados que ocupam a cidade, bem como na análise das relações estabelecidas, da apropriação e gestão dos espaços, das atividades desenvolvidas. No

lugar de optar por uma abordagem em detrimento de outra, consideramos que ambas trazem elementos que nos ajudam a pensar tais questões. Na direção do que constatou Costa em sua pesquisa, em vista do que propõe a primeira perspectiva de tratamento da esfera pública, não supomos que as comunicações entre os “frequentadores” do Luiz Estrela e dos outros grupos investigados e os gestores de políticas locais, por exemplo, aconteçam horizontalmente, que ambos os lados tenham condições de intercâmbio e manifestações democraticamente colocadas. Do mesmo modo, não faz sentido considerar que a esfera pública tenha apenas um grande centro, hermético, encerrado em si mesmo, cujos sujeitos que não tomam parte desse círculo constituam uma parte atomizada e passiva da sociedade. Como visto, as esferas públicas contemporâneas são diversas, e, nos dizeres de Costa, os processos sociais extrapolam o “comércio de imagens e ilusões” que caracterizaria a dimensão mais explícita da esfera pública. Portanto, buscamos afastar em nossa abordagem e tratamento das questões levantadas a dicotomia “produtores” versus “plateia” que consumiria passivamente os apelos midiáticos do mercado. Assim, a partir do que a investigação apontou, os frequentadores do Espaço Comum Luiz Estrela, apesar de transitarem periféricamente ao núcleo de maior visibilidade da esfera pública, também são produtores dessa mesma esfera — melhor dito, também coproduzem outras esferas públicas que constituem outra mais ampla, mais complexa e diversa do que se acreditava no passado.

As relações cotidianas que são produzidas pela apropriação e uso desse espaço constituem o plano vivido desses atores nesse ambiente (e também fora dele), contribuindo para a constituição de sua identidade e sentimento de pertencimento a um grupo. Na forma como, em seu dia a dia, constroem (e são construídos), transformam (e são transformados) e outorgam

(e encontram) sentido ao espaço público, é possível pensar a produção e apropriação dos espaços públicos pelos sujeitos como relações que acontecem na horizontalidade em seu interior, dada sua capacidade de inventividade e superação de uma racionalidade planejada e dominante que busca impor-se sobre a cidade (SOBARZO, 2006).

Na cena social e política, na última década do século XX e principalmente nos últimos cinco anos deste novo século, a temática da juventude tem ganhado maior projeção e também maior densidade, abrindo-se a estudos com perspectivas variadas. Atualmente, temos disponíveis, no Brasil e em outras regiões, pesquisas de grande porte, valendo-se de instrumentos quantitativos e qualitativos, abarcando quase a totalidade do território nacional, mapeando a diversidade de condições da juventude no país.

Dessa forma, no âmbito das grandes investigações, podem-se delimitar, pelo menos, duas perspectivas distintas, porém complementares. De um lado, há pesquisas em que o foco são os problemas sociais que atingem a população jovem. Destacam-se nessa via estudos sobre violência, criminalidade, drogas, abandono escolar, gravidez na adolescência, dentre outros temas que interferem diretamente nas condições concretas, materiais e simbólicas para se entender a condição juvenil no Brasil contemporâneo. Nessa direção caminham estudos desenvolvidos, coordenados e orientados por Abramovay e Rua (2002), Novaes (1997) e Zalar (1997).

De outro lado, há os estudos que buscam pensar o jovem e a juventude em sua positividade, destacando, entre outros aspectos, a cultura como espaço de sociabilidade e inserção social e política juvenil. Nesse caminho, duas vertentes são demarcadas: 1) foca-se as culturas e grupos juvenis como tempo/espaço privilegiado de expressão e construção identitária juvenil, bem como territórios de construção de projetos de

vida e futuro; 2) pensa-se os jovens como sujeitos sociais e políticos, agentes na sociedade. Importa destacar que esses são estudos e pesquisas realizados, coordenados e orientados por pesquisadores como Abramo (1994), Abramo e Branco (2005), Carrano (2003), Dayrell (2005, 2007), Sposito (2002, 2007), Tosta (2005), Tosta e Maia (2006).

Segundo Dayrell, a condição juvenil contemporânea no Brasil manifesta-se nas mais variadas dimensões, sendo as principais: as culturas juvenis – entendidas como “expressões simbólicas da condição juvenil”; a sociabilidade – entendida como “uma forma possível de associação, mas que apresenta características próprias, sendo a principal a sua emancipação dos conteúdos”; o trabalho; a relação que estabelecem com o lugar em que vivem; o tempo e as distintas formas de viver a transição para a vida adulta (DAYRELL, 2007, p. 1110-1114; MAIA, 2010).

Na construção da pesquisa *Culturas urbanas: georreferenciamento e análise cultural de grupos juvenis em sua relação com a escola, as tecnologias e com a cidade de Belo Horizonte/MG-Brasil*, a juventude foi escolhida como uma categoria chave para compreender e analisar as manifestações de grupos culturais em atividade na cidade de Belo Horizonte, tendo o hipercentro ampliado como delimitador da área física pesquisada. A categoria “juventude” foi utilizada sob a segunda perspectiva dos estudos citada anteriormente. A saber, o objetivo da pesquisa foi pensar o jovem que atua nos grupos culturais em Belo Horizonte, em sua positividade, de forma a destacar, de um lado, a cultura como espaço e expressão de sociabilidades e, de outro, a inserção social e política juvenil.

No caminho da pesquisa, todavia, os dados de campo nos levaram a questionar se a categoria “juventude”, tal como elaborada, conseguiria abarcar e servir como eixo analítico para o perfil dos participantes dos diversos grupos culturais mapeados e/ou etnografados. Muito da

dificuldade ocorreu ao considerar a questão etária e geracional. Ao ler Margulis e Urresti (1996), observa-se a ênfase dos autores na necessidade de considerar a cronologia nos estudos sobre jovens e juventude. Eles salientam que a matéria primordial da juventude é sua cronologia. Pensar a juventude, para eles, implicaria, necessariamente, manter uma base etária, pois, sem essa base, a juventude perderia sua especificidade.

Com efeito, os estudos desses pesquisadores do campo da juventude indicam ser preciso considerar que a condição juvenil tenha uma base material vinculada com a idade. Eles pensam imprescindível, nos seus estudos sobre juventude, não desconsiderar essa base material. Por esta via, então, seguindo parâmetros das organizações nacionais e internacionais, considera-se atualmente como jovens sujeitos com idades entre 18 e 34 anos.

Em que pese a história já se ocupar da questão da juventude desde, pelo menos, a idade média (DAVIS, 1990 apud MAIA, 2004), fica claro que pensar nos adolescentes e jovens no contexto atual apresenta configurações distintas e complexas que trazem questões próprias da época, principalmente quando se toma como referência as grandes metrópoles. Em termos legais e de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, ser jovem é estar na faixa etária entre 12 e 18 anos. Entretanto, estudos na Europa e no Brasil, deslocando o foco da linha jurídica, preferem trabalhar com uma faixa bastante mais alargada, que chega aos 30 anos ou mais, baseando-se em pesquisas que buscam a percepção dos sujeitos e consideram o contexto em que vivem. Nessa perspectiva, o ser adolescente e jovem se apresentam muito mais como um sentimento de pertença e de experiência, de “estado de espírito”, do que propriamente correspondente a um dado cronológico.

Na referida pesquisa de campo, observou-se que, em grande parte, os grupos

georreferenciados eram constituídos, majoritariamente, por sujeitos nessa faixa etária. Porém, em outros grupos, como o do “Quarteirão do Soul” ou do “Sarau vira-latas”, percebe-se uma conciliação etária bem mais diversificada e alongada, revelando uma composição intergeracional. Considerando o alerta de Margulis e Urresti (1996), não há como negar que a dimensão simbólica é parte da “condição juvenil”. Assim, do mesmo modo como não se deve desconsiderar a cronologia na compreensão da juventude, não se pode deixar de lado sua dimensão simbólica, sob o risco de se chegar a uma não compreensão dos fenômenos juvenis estudados. A essas alturas, importa esclarecer que, quando se faz referência à juventude, trata-se de conjuntos de representações sociais que vão se construindo e se modificando no decurso do tempo e das circunstâncias históricas. Logo, essa característica da categoria “juventude” complexifica o trabalho de quem se aventura por essas paisagens. Nas sociedades contemporâneas, é certo que o termo juventude deixou de ser considerado um atributo exclusivo dos sujeitos situados na faixa etária jovem para se tornar um estilo de vida, um projeto perseguido por diferentes sujeitos, independentemente do critério idade. Características antes relacionadas à juventude e à cultura jovem, tais como incerteza, mobilidade, transitoriedade, abertura para a mudança, parecem ter se deslocado para além dos limites biológicos (MELUCCI, 1997).

A princípio, a própria ideia de uma identidade jovem já sinaliza para uma situação ou uma identificação “temporária”. Ser jovem, pensando no curso da vida, seria uma condição que teria uma certa duração, logo “deixando-a para trás” e adentrando-se à vida adulta e posteriormente à velhice, com toda a trama e pluralidade de pertencas e identificações que essas fases da vida trariam.

Como já posto por Margulis e Urresti (1996) e Melucci (2004), na contemporaneidade a juventude deixou de ser atributo de um grupo etário jovem, descolou-se da cronologia e tornou-se “signo”; no dizer de Peralva (in: Spósito, 2007), um modelo cultural. Como nos lembra Bauman (2005), no cenário contemporâneo, nenhum “pertencimento” ou “identidade” têm a solidez de uma rocha, nem são garantidos pela vida toda, sendo “bastante negociáveis e revogáveis”. E a tarefa da construção da identidade é, como diria Lévi-Strauss, a de um *bricoleur*, que constrói todo tipo de coisa com os materiais que tem à mão (BAUMAN, 2005; TOSTA, 2005).

Desse modo, dado o caráter polissêmico que o termo juventude apresenta, definimos por trabalhar com a categoria “juventude” a partir de referenciais amplos, entendendo-a como um vasto processo de constituição de sujeitos, cujas especificidades marcam a vida de cada um. E, mais ainda, buscando uma certa tradução do que é ser jovem, a partir da observação atenta das narrativas e ações dos sujeitos nos grupos etnografados na pesquisa *Culturas urbanas*.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. **Cenas juvenis**: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Página Aberta, 1994.
- ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.
- ANDRADE, E. N. **Movimento negro juvenil**: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- ANDRADE, L. T.; JAYME, J. G.; ALMEIDA, R. C. Espaços públicos: novas sociabilidades, novos controles. **Cadernos Metrôpole**, n. 21, 1º sem. 2009.
- AVRITZER, L. Um desenho institucional para o novo associativismo. **Lua Nova**, n. 39, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n39/a09n39.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2011.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D’Água, 1991.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.
- LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CALDEIRA, T. P. R. São Paulo: três padrões de segregação espacial. In: CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: 34: EDUSP, 2000. p. 211-255.
- CANCLINI, N. G. Del espacio público a teleparticipación. In: CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. México: Grijalbo, 1998.
- CARRANO, P. C. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- CECCHETTO, F. As galeras funk cariocas: entre o lúdico e o violento. In: VIANNA, H. (org.). **Galeras cariocas**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- CIRCUITO FORA DO EIXO. **Folia de Reis Espaço Comum Luiz Estrela - Belo Horizonte (MG)**: O Espaço Comum Luiz Estrela realizou hoje a Folia de Reis. [Belo Horizonte], 12 jan. 2014. Flickr: Circuito Fora do Eixo @foradoeixo. Disponível em: www.flickr.com/photos/foradoeixo. Acesso em: 17 jun. 2017.
- COSTA, S. Movimentos sociais, democratização e a construção de esferas públicas locais. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 12, n. 35, fev. 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091997000300008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 05 jun. 2011.
- DAYRELL, J. T. **A música entra em cena**: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- DAYRELL, J. T. A escola “faz” as juventudes?: reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302007000300022&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 05 jun. 2011.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ESPAÇO COMUM LUIZ ESTRELA. **Hoje à tarde teremos nova reunião com o Governo de Minas Gerais [...]**. Belo Horizonte, 27 nov. 2013. Facebook: Espaço Comum Luiz Estrela @espacoluizestrela. Disponível em: <https://www.facebook.com/espacoluizestrela/posts/>. Acesso em: 17 jun. 2017.
- FRASER, N. Rethinking the public sphere: a contribution to the critique of actually existing democracy. **Social Text**, n. 25-26, p. 56-80, 1990.
- FREDERICO, C. Debord: do espetáculo ao simulacro. **MATRIZES**, São Paulo, ano 4, n. 1, p. 179-191, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38283>. Acesso em: 11 nov. 2013.
- GEERTZ, C. **Obras e vidas**: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.
- GERHARDS, J. **Neue Konfliktlinien in der Mobilisierung öffentlicher Meinung**. Opladen: West-deutscher Verlag, 1993.

GUIMARÃES JÚNIOR, M. L. O ciberespaço como cenário para as ciências sociais. **Ilha**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p.139-153, dez. 2000. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/viewArticle/14652>. Acesso em 20 dez. 2010.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HABERMAS, J. Arquitetura moderna e pós-moderna. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 18, 1987.

HABERMAS, J. O papel da sociedade civil e da esfera pública política. In: HABERMAS, J. **Direito e Democracia: entre facticidade e validade**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. v. 2.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HERSCHMANN, M. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.

HOLSTON, J. Espaços de cidadania insurgente. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 24, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Recorte espacial da Avenida do Contorno e o Hipercentro de Belo Horizonte. 2016. Disponível em: <https://mapas.ibge.gov.br/bases-e-referenciais/bases-cartograficas/malhas-digitais.html>. Acesso em: 3 de fevereiro de 2016.

LEFEBVRE, H. **El derecho a la ciudad**. Barcelona: Península, 1978.

LEMOS, A. Cibercidades. In: LEMOS, A.; PALACIOS, M. (org.). **Janel@s do ciberespaço**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2001.

LEMOS, A. Cidade-ciborgue: a cidade na cibercultura. **Galáxia**, São Paulo, n. 8, p. 129-148, out. 2004.

LEMOS, A. Cidade e mobilidade: telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **MATRIZES**, São Paulo, n. 1, p. 121-137, out. 2007.

LÉVY, P. **O que é virtual?**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: 34, 1996. (Coleção Trans)

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 1999. (Coleção Trans).

LINHARES, R. N. Internet e ação comunicativa como elementos do espaço público sob uma perspectiva habermasiana: crise e transição. **Novos olhares**, n. 4, p. 29-43, 1999. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/novosolhares/article/view/8417/7751>. Acesso em: 12 set. 2017.

MAIA, C.V.V.L. **Entre gingas e berimbaus**: um estudo de caso sobre culturas juvenis, grupos e escola. 2004. 386 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2004.

MAIA, C.V.V.L. **Cartografias Juvenis**: mudanças e permanências nos territórios e modos de ser jovem. 2010. 361 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço**. São Paulo: Hucítec, 1998.

MAGNANI, J. G. C. Introdução: circuito de jovens. In: MAGNANI, J. G. C.; SOUZA, B. M. (org.). **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MALINOWSKI, B. **Tema, método e objetivo desta pesquisa**. São Paulo: Victor Civita, 1984. (Coleção Os Pensadores).

MARGULIS, M.; URRESTI, M. La Juventud es más que una Palabra. In: MARGULIS, M. (org.). **La Juventud es más que una Palabra**: ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Biblos, 1996. p. 13-30.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5-6, p. 5-14, maio/dez. 1997.

MELUCCI, A. **O Jogo do Eu**: A mudança de si em uma sociedade global. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

MONTARDO, S. P.; ROCHA, P. J. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. **E-Compós**, v. 4, dez. 2005. Disponível em: <http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/55>. Acesso em: 22 dez. 2010.

NICHOLLS, W. J. The urban question revisited: the importance of cities for social movements. **International Journal and Regional Research**, v. 32, n. 4, p. 841-859, Dec. 2008.

NOVAES, R. R. **De corpo e alma**: catolicismo, classes sociais e conflitos no campo. Rio de Janeiro: Graphic, 1997.

PERALVA, A. T. O jovem como modelo cultural. In: FÁVERO, O.; SPÓSITO, M. P.; CARRANO, P.; NOVAES, R. R. (org.). **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 284 p. p. 13-28. (Coleção Educação para Todos, 16).

PUTNAM, R. D. Bowling Alone: America's declining social capital. **Journal of Democracy**, Johns Hopkins University Press, v. 6, n. 1, p. 65-78, Jan. 1995.

PUTNAM, R. D. **Bowling alone**: the collapse and revival of American community. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 2000.

RIBEIRO, G. L. **Internet e a comunidade transnacional imaginada-virtual**. Brasília, 1996. Disponível em: <http://dan.unb.br/images/doc/Serie198empdf.pdf>. Acesso em 23 abr. 2011. (Série Antropologia, 198).

RIBEIRO, G. L. **A condição da transnacionalidade**. Brasília, 1997. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie223empdf.pdf>. Acesso em 23 abr. 2011. (Série Antropologia, 223).

RIBEIRO, G. L. **El espacio público virtual**. Brasília, 2002. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie318empdf.pdf>. Acesso em 23 abr. 2011. (Série Antropologia, 318).

RIBEIRO, R. J. A política como espetáculo. In: DAGNINO, E. (org.). **Anos 90**: política e sociedade no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SENNET, R. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, L. V. Tramas urbanas de uma cidade ocupada. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 50-62, dez. 2007.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOBARZO, O. A produção do espaço público: da dominação à apropriação. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, n. 19, p. 93-111, 30 dez. 2006.

SPOSITO, M. P. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 13, p. 73-94, jan./abr. 2000. Trabalho apresentado na XXII Reunião Anual da ANPEd, 1999, Caxambu, MG.

SPOSITO, M. P. **O povo vai à escola**: a luta popular pela expansão do ensino público em São Paulo. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

SPOSITO, M. P. (coord.). **Espaços públicos e tempos juvenis**: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Global, 2007.

TOSTA, S. P. Sociabilidades Contemporâneas: jovens em escolas. In: PEIXOTO, A. M. C.; PASSOS, M. (org.). **A escola e seus atores**: educação e profissão docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 197-220.

TOSTA, S.; MAIA, C. Dialogando com jovens: etnografia na pesquisa educacional. SIMPÓSIO INTERAMERICANO DE INVESTIGACIÓN ETNOGRÁFICA EM EDUCACIÓN, 9, 2006, Buenos Aires. **Anales...** Buenos Aires: UBA, 2006.

TRIVINHOS, E. Espaço público, visibilidade mediática e cibercultura: obliteração estrutural da esfera pública no cyberspace. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 266-277, set./dez. 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/8194/5883>. Acesso em 02 maio 2015.

ZALUAR, A. As imagens da e na cidade: a superação da obscuridade. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, v. 3, n. 2, p. 107-119, 1995.

ZALUAR, A. EXCLUSÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS: dilemas teóricos e alternativas políticas. **Rev. bras. Ci. Soc.** vol. 12 n. 35 São Paulo Feb. 1997

PREFÁCIO

Atlas de espaços físicos nos localizam no mundo e nos ajudam a navegar em rotas desconhecidas. Atlas de espaços tópicos, por sua vez, nos ajudam a visualizar a extensão e a estrutura de nosso conhecimento coletivo: eles revelam dinamismo de atividades, caminhos, ideias e fronteiras sociais que podem ser exploradas.

Hoje, portanto, a alfabetização de dados está se tornando tão necessária quanto à alfabetização linguística. As visualizações bem projetadas podem nos levar a entender melhor problemas de natureza espacial. Este Atlas descreve o poder de mapear diferentes geografias (KRIZ; CARTWRIGHT; HURNI, 2010), fortalecendo o conceito clássico de *Graphicacy*, tão bem introduzido por Balchin (1976) e explorado recentemente por Borner (2010; 2014). Como Atlas da Cultura Juvenil, ele fornece aos leitores princípios para visualizar o conhecimento e oferece uma série de exemplos localizados na cidade de Belo Horizonte, principalmente no hipercentro, que valorizam principalmente as áreas de cultura, educação, arte e vida cotidiana. O trabalho apresentado é muito criativo, bem estruturado e de leitura fácil, sendo interessante apontar o equilíbrio estabelecido entre o digital e o analógico nos exemplos, fundamental na educação atual.

Os capítulos são estruturados seguindo uma lógica clara, organizando muito bem a cronologia com textos, mapas e imagens. Conforme

salientam os autores, o livro “contribui para a ampliação do conhecimento sobre a atuação de grupos culturais na cidade, não só subsidiando futuras pesquisas correlatas, mas, também, fornecendo material de referência para professores, artistas, educadores, pesquisadores e agentes culturais”.

A expectativa é a de que este produto seja, sem dúvida, um instrumento de disseminação de ideias férteis para os múltiplos agentes que atuam na área, além de um elemento difusor muito importante da cultura mineira.

Boa leitura!

Prof. Dr. João Francisco de Abreu
Ex-professor da PUC- Minas e
Professor Titular aposentado da UFMG.

REFERÊNCIAS

- BALCHIN, W. G. *Graphicacy. The American Cartographer*, [S.l.]: Taylor & Francis, v. 3, n. 1, p. 33-38, 1976. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1559/152304076784080221>. Acesso em 19 jun. 19.
- BORNER, K. *Atlas of science*. [S.l.]: The MIT Press, 2010.
- BORNER, K. *Atlas of knowledge*. [S.l.]: The MIT Press, 2014.
- KRIZ, K.; CARTWRIGHT, W.; HURNI, L. (ed.). *Mapping different geographies*. Berlin: Springer, 2010. (Lecture Notes in Geoinformation and Cartography).

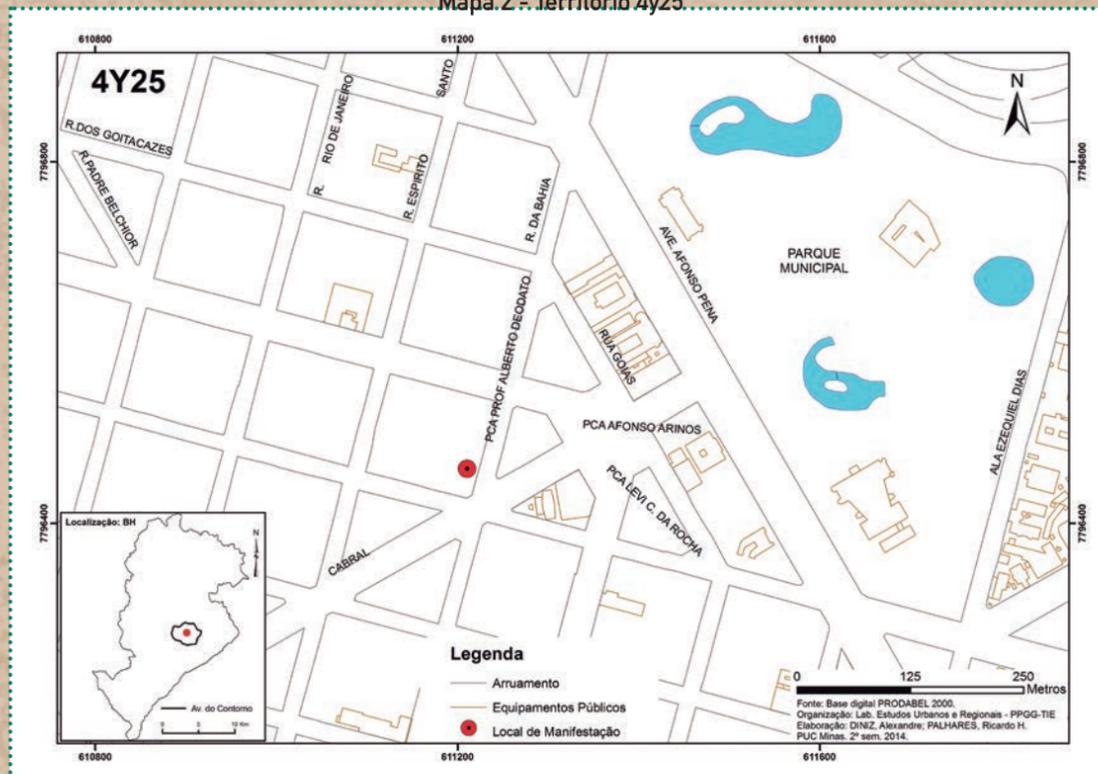
4Y25 / 4E25

“É UM ESPAÇO DE ESTUDOS (LIVRARIA, GALERIA DE ARTE, CAFÉ)

E EXPERIMENTAÇÃO DA LINGUAGEM EM SEUS SETORES VARIADOS (PERFORMANCES, ARTE, MÚSICA), DE CONCEPÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS” (4E25, 2019).

- FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA: literatura e artes gráficas;
- ESTILO ARTÍSTICO: experimental e contemporâneo;
- MISSÃO/OBJETIVOS: oferecer um espaço de experimentação de variadas linguagens para o desenvolvimento de projetos artísticos;
- TIPOLOGIA/PERFIL DOS ADEPTOS: jovens e adultos de perfis diversos;
- FUNDAÇÃO: 2011;
- LOCAL DE MANIFESTAÇÃO: Rua da Bahia, 1148, sobreloja 74.

Mapa 2 - Território 4y25



Fonte: Criado a partir de Belo Horizonte (2000).

CRONOLOGIA

2011

AGOSTO:
tipografia, poesia visual, tipograpixo;

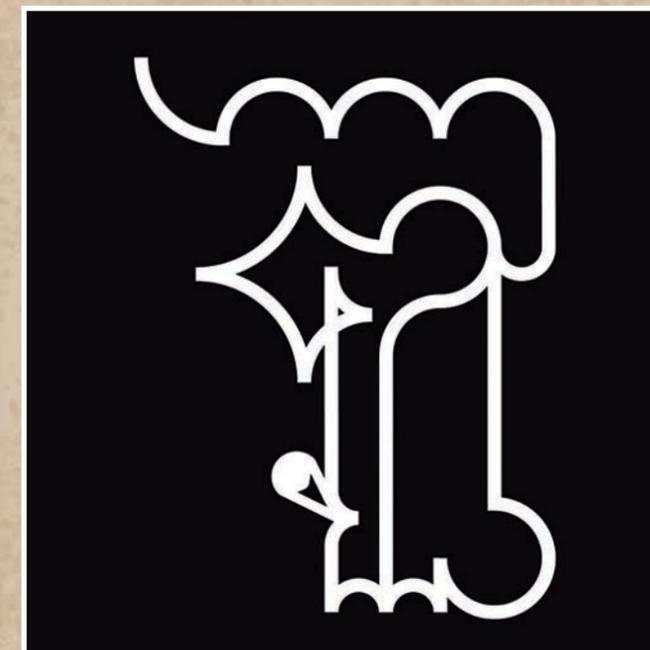
2012

NOVEMBRO:
projeto gráfico realizado para o CD da banda Madame Rrose Sélavy. “Jass Volume 3” é o último da série “JASS”;

2013

ABRIL
muro pelo projeto “Graffiti, painting”. Pintura realizada na Av. do Contorno com Av. Prudente de Moraes, Belo Horizonte-MG. Em sua composição foram usadas as cores do padrão CMYK (ciano, magenta, amarelo e preto), de maneira que as outras cores se formam com o distanciamento do olhar observador. As hachuras usadas na pintura foram inspiradas no livro “Grafismo indígena: estudos de antropologia estética”.

Imagem 1 - Arte 4y25



Fonte: 4e25 (2015).

Foto 3 - Grafite 4y25



Fonte: Azucrina (2012).

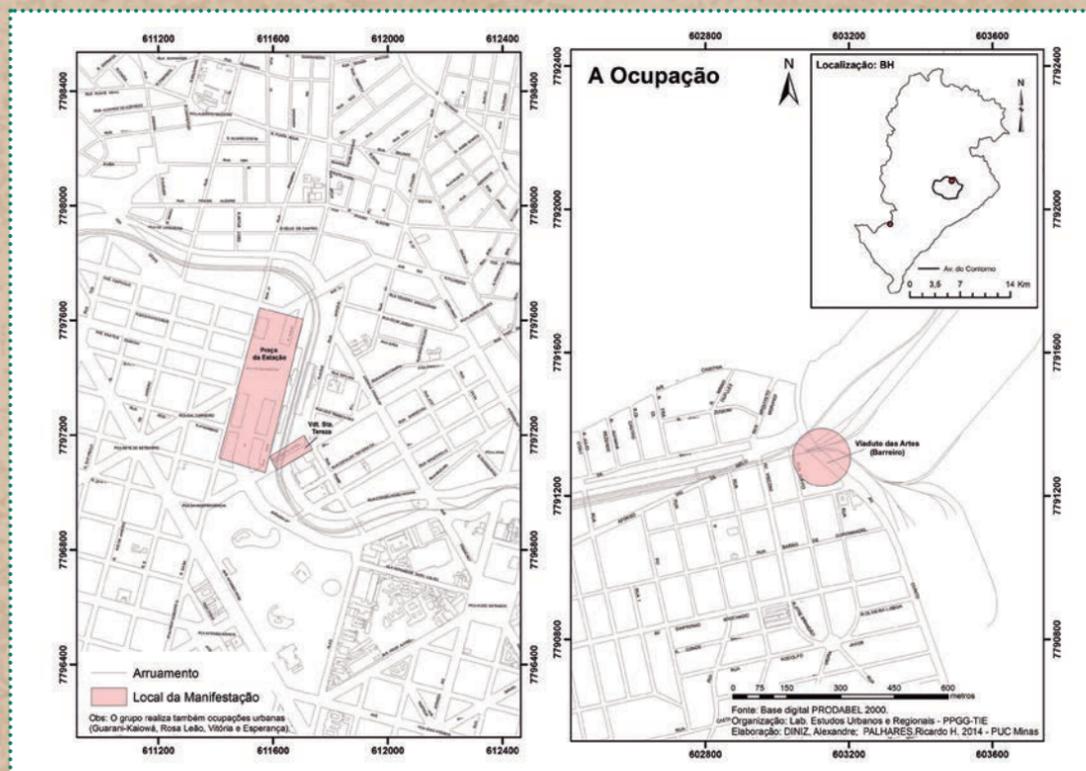
A OCUPAÇÃO

UM "ATO ARTÍSTICO E POLÍTICO, CONSTRUÍDO PELA SOCIEDADE CIVIL."

A OCUPAÇÃO É UM EVENTO CONSTRUÍDO DE FORMA COLABORATIVA, HORIZONTAL E AUTOGESTIONADA. (A OCUPAÇÃO, 2013).

- FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA: todas;
- ESTILO ARTÍSTICO: variado;
- MISSÃO/OBJETIVOS: ocupar a cidade com atividades culturais diversificadas em espaços públicos e de resistência política;
- TIPOLOGIA/PERFIL DOS ADEPTOS: diversificado;
- FUNDAÇÃO: 05 de julho de 2013;
- LOCAIS DE MANIFESTAÇÃO: Viaduto Santa Tereza, Rua Aarão Reis, Praça da Estação, Santa Tereza, ocupações urbanas (Guarani-Kaiowá, Rosa Leão, Vitória e Esperança), Viaduto do Barreiro.

Mapa 3 - Território A Ocupação



Fonte: Criado a partir de Belo Horizonte (2000).

CRONOLOGIA

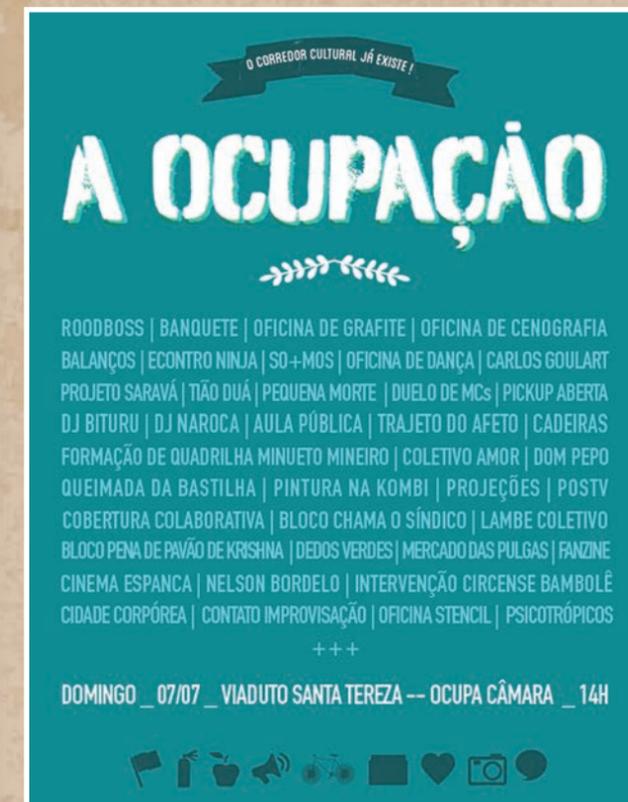
2013

- 07 DE JULHO:** primeira ocupação cultural, no Viaduto Santa Tereza, na Rua Aarão Reis e na Praça da Estação;
- 11 DE AGOSTO:** segunda ocupação cultural, no Viaduto Santa Tereza, na Rua Aarão Reis e na Praça da Estação;
- 20 DE OUTUBRO:** quarta ocupação cultural, no Bairro Santa Tereza, no corredor do Bar do Orlando, na Vila Dias, em Conselheiro Rocha e em Marechal Rondon;
- 22 DE SETEMBRO:** terceira ocupação cultural, no Viaduto Santa Tereza, na Rua Aarão Reis e na Praça da Estação em prol do Movimento Tarifa Zero;
- 14 DE DEZEMBRO:** quinta ocupação cultural, no Viaduto do Barreiro, regional de Belo Horizonte.

2014

- 24 DE MAIO:** sexta ocupação cultural, na ocupação urbana Guarani-Kaiowá;
 - 10 DE AGOSTO:** oitava ocupação cultural, nas ocupações urbanas Rosa Leão, Esperança e Vitória.
 - 22 DE JUNHO:** sétima ocupação cultural, no Viaduto Santa Tereza, na Rua Aarão Reis e na Praça da Estação;
- TECNOLOGIAS/DIVULGAÇÃO: A página do Facebook é o principal meio de divulgação.

Figura 1 - Flyer de evento d'A Ocupação



Fonte: A Ocupação (2013).

Figura 2 - Sétima edição d'A Ocupação



Fonte: A Ocupação (2014).

A ZICA

“A ZICA, URUCUBACA EM FORMA DE REVISTA, É UM FANZINE ANUAL DE TEMAS-TABU, COM ILUSTRAÇÕES, QUADRINHOS, AFORISMOS E TEXTOS DE UM TANTO DE GENTE DO MUNDO TODO” (A ZICA, 2015).

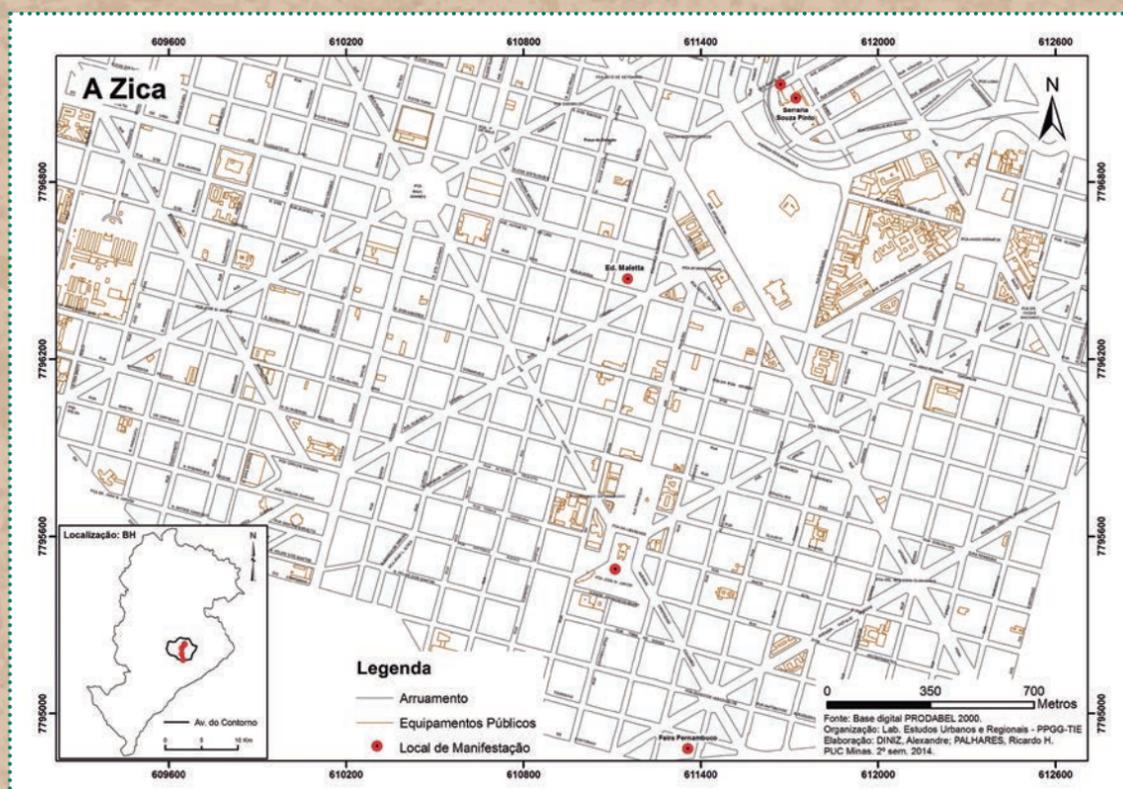
A Zica é urucubaca em forma de fanzine. Recheada de seres míticos, como urubus com patas de boi e gárgulas quixotescas, além de despachos mal-ajambrados e sinistros mantras para alguma causa gananciosa. Fruto podre de promessa feita pela madrugada, A Zica surgiu entre goles de cachaça. A Zica, como fanzine, se transformou em revista colaborativa. É uma publicação atemporal, sem periodicidade. Seu projeto editorial é experimental e independente. Recheada de humor negro bem costurado e criterioso, A Zica está aberta às novas linguagens imagéticas, textuais, poéticas, o caralho. As colaborações podem ser enviadas por qualquer pessoa, em texto ou imagem. Não há fins lucrativos: a venda é revertida num esquema de autossuficiência, em que cada exemplar garante um outro para a próxima edição. E cada colaborador recebe em troca um número X de exemplares, a combinar. (urubois.org/azica/about/)

No lançamento de cada número da revista, os editores, junto a amigos e colaboradores da publicação, organizam uma festa de lançamento com exposições, apresentações musicais, em clima de grande festividade e irreverência.

• **FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA:** fanzine;

• **ESTILO ARTÍSTICO:** diversificado;

Mapa 4 - Território A Zica



Fonte: Criado a partir de Belo Horizonte (2000).

- **MISSÃO/OBJETIVOS:** divulgar conteúdos em texto e imagens que poderiam ser classificados como contraculturais, uma vez que investem contra as convenções sociais predominantes ao tratarem de temas como maconha, macumba, pirataria, morte, vandalismo;
- **TIPOLOGIA/PERFIL DOS ADEPTOS:** bastante heterogêneo, mas com predominância de certo gosto por temas contraculturais, expressões no modo de se vestir, com camisetas com estampas irreverentes, calça jeans, tênis e acessórios variados (essas características puderam ser observadas de modo bastante genérico nas festas de lançamento da revista). A Zica tem um público muito variado, uma vez que, conforme o evento, a revista interessa a todas as idades, fugindo de classificações de faixa etária ou gênero;
- **FUNDAÇÃO:** criada em 18 de setembro de 2010, por João Perdigão, Luiz Navarro e Marcelo Lustosa;
- **LOCAIS DE MANIFESTAÇÃO:** Edifício Maletta; Viaduto Santa Tereza; Serraria Souza Pinto (Festival Internacional de Quadrinhos, edição 2013); Calçada do Nelson Bordello; Feira Pernambuco (esquina da Rua Pernambuco com Rua Fernandes Tourinho); Praça da Liberdade (Museu do Instante).

• CRONOLOGIA

2010 ... #0 : morte, macumba e classe média;

2011 ... #1 : putaria, *sci-fi* e propaganda;

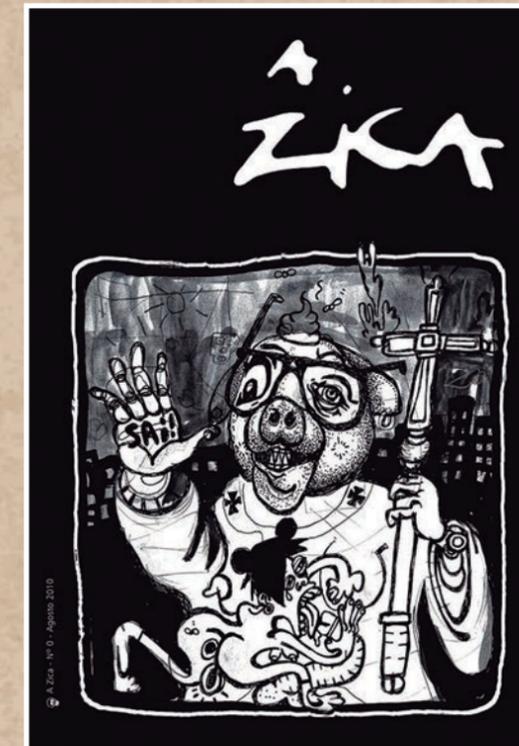
2012 ... #2 : apocalipse, *bullying* e maconha;

2013 ... #3 : vandalismo, pirataria e trevas;

2014 ... #4 : *funk*, dinossauro e Rússia.

• **TECNOLOGIAS/DIVULGAÇÃO:** A ferramenta de tecnologia reconhecida é a utilização da internet para divulgação de eventos através da fanpage do Facebook (@revistazica). Há, igualmente, o suporte impresso da própria revista, que é trocada e comercializada entre os colecionadores.

Imagem 2 - A Zica #0



Fonte: A Zica (2010).

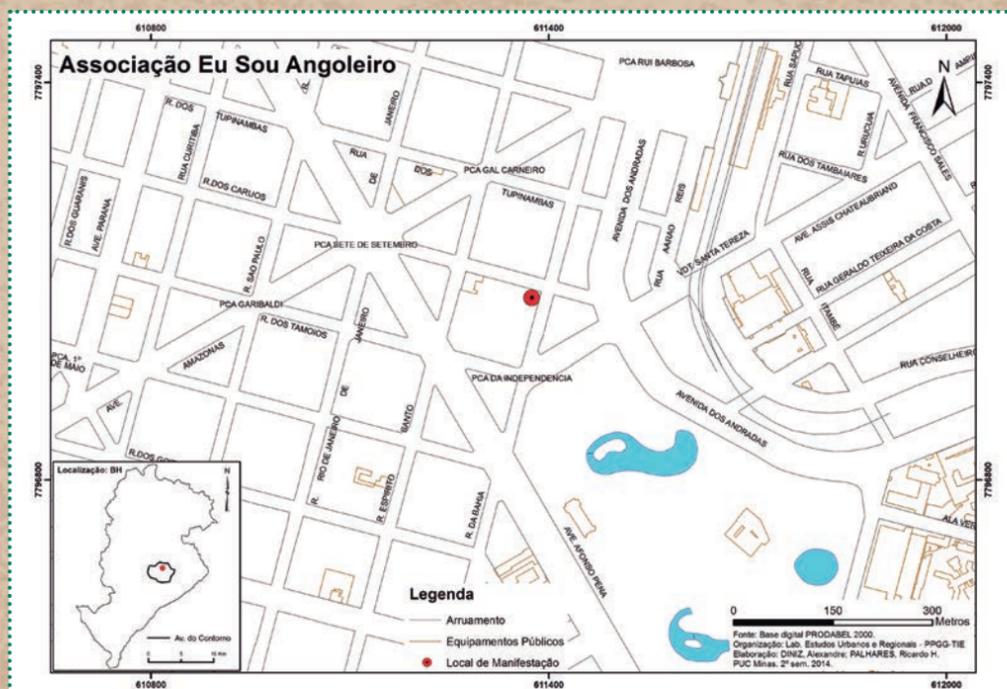
EM SE TRATANDO DE UMA PUBLICAÇÃO, A ZICA SERIA, TAMBÉM, DE MODO EXPANDIDO, UM ESPAÇO DE APRENDIZAGENS, UMA VEZ QUE HÁ NELA TODO UM PROCESSO DE CRIAÇÃO, LEITURA, INTERPRETAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DOS MAIS VARIADOS SABERES. COM CERTEZA, A ZICA CAUSARIA MUITOS DESLOCAMENTOS CASO ENTRASSE EM SALA DE AULA DE UMA ESCOLA DO ENSINO REGULAR (AINDA QUE LIMITADA A UMA FAIXA ETÁRIA, EM FUNÇÃO DE SEU CONTEÚDO). DE FATO, SEU CONTEÚDO PARECE DESAFIAR, NÃO DE MODO INTENCIONAL, AS CONVENÇÕES DOS SABERES QUE A ESCOLA PROMOVE.

ASSOCIAÇÃO EU SOU ANGOLEIRO MESTRE JOÃO

HÁ VINTE ANOS MESTRE JOÃO VEM FORMANDO MILITANTES CULTURAIS, CAPOEIRISTAS ANGOLEIROS, DANÇARINOS AFROS, PERCUSSIONISTAS E ARTESÃOS. GRANDE PARTE DESSES ATUA EM COMUNIDADES E EM ESCOLAS PÚBLICAS, TENDO A CULTURA NEGRA COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO E ESTRATÉGIA DE ORGANIZAÇÃO POPULAR.

- FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA: capoeira e dança;
- ESTILO ARTÍSTICO: angola (capoeira) e afro-brasileira (dança);
- MISSÃO/OBJETIVOS: praticar, difundir, pesquisar e divulgar a capoeira angola e a dança afro-brasileira; promover a valorização da cultura negra como tema central dos trabalhos; contribuir para a diminuição dos preconceitos étnicos, sociais e raciais; fortalecer a identidade cultural do povo brasileiro; contribuir para a conquista de dignidade e cidadania das comunidades negras e indígenas; trabalhar com a cultura no sentido da transformação e inclusão social para afrodescendentes em situação de risco social;
- TIPOLOGIA/PERFIL DOS ADEPTOS: jovens e adultos;
- FUNDAÇÃO: 1993;
- LOCAIS DE MANIFESTAÇÃO: Rua da Bahia, nº 570, sala 1200, Centro, Belo Horizonte.

Mapa 5 - Território Associação Eu Sou Angoleiro



Fonte: Criado a partir de Belo Horizonte (2000).

CALENDÁRIO ANUAL

MAIO: participação nas comemorações do 13 de Maio, na Semana da Abolição, e na grande festa de 13 de maio de Nossa Senhora do Rosário, com Dona Isabel Casemiro, no Bairro Concórdia;

ÚLTIMA SEMANA DE MAIO: Encontro de Cultura de Raiz Lapinha Museu Vivo no Mês da Abolição (Lagoa Santa-MG). Coordenação local do treinél Gercino — Irmandade Atores da Pândega. Coordenação geral de Mestre João. Participação de todas as frentes de trabalho da Associação Cultural Eu Sou Angoleiro (ACESA);

FEVEREIRO: participação nos desfiles de escolas de samba da cidade em parceria com a Escola de Samba Cidade Jardim e a Escola de Samba Inconfidência Mineira;

27 DE JULHO: aniversário da ACESA;

NOVEMBRO: mês da consciência negra;

13 DE NOVEMBRO: homenagem à mestre Pastinha. Rodas abertas de capoeira angola. Rodas de conversa.

EVENTOS REALIZADOS JUNTO AO MANGUE (MOVIMENTO DOS ANGOLEIROS DE MINAS GERAIS) Aldeia Kilombo Século XXI – Encontro de Culturas de Raiz com os vários segmentos artísticos e culturais da cidade (reinado de Nossa Senhora do Rosário, reisado, capoeira angola, dança afro, samba, hip-hop, reggae, umbanda, candomblé, artesanato).

TECNOLOGIAS/DIVULGAÇÃO: A página oficial no Facebook é o principal meio de divulgação.

Foto 4 – Roda da ACESA



Fonte: ACESA (2016).

Foto 4 – Roda da ACESA



Fonte: ACESA (2015).

A ASSOCIAÇÃO VEM TRABALHANDO, NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS, NO DESENVOLVIMENTO DE UMA PEDAGOGIA LIBERTÁRIA, NA FORMAÇÃO DE SEUS QUADROS, EVENTOS, CURSOS, PALESTRAS, OFICINAS E ESPETÁCULOS, ALÉM DE PROMOVER ATIVIDADES DE FORMAÇÃO E INTERCÂMBIO CULTURAL COM COMUNIDADES, CASAS E TERREIROS DE TRADIÇÃO, PODER PÚBLICO, INSTITUIÇÕES E SOCIEDADE CIVIL, AMPLIANDO O DIÁLOGO ENTRE ESSES VÁRIOS SEGMENTOS SOCIAIS E CONTRIBUINDO NA ELABORAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DE AÇÕES AFIRMATIVAS E POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A COMUNIDADE EM GERAL.

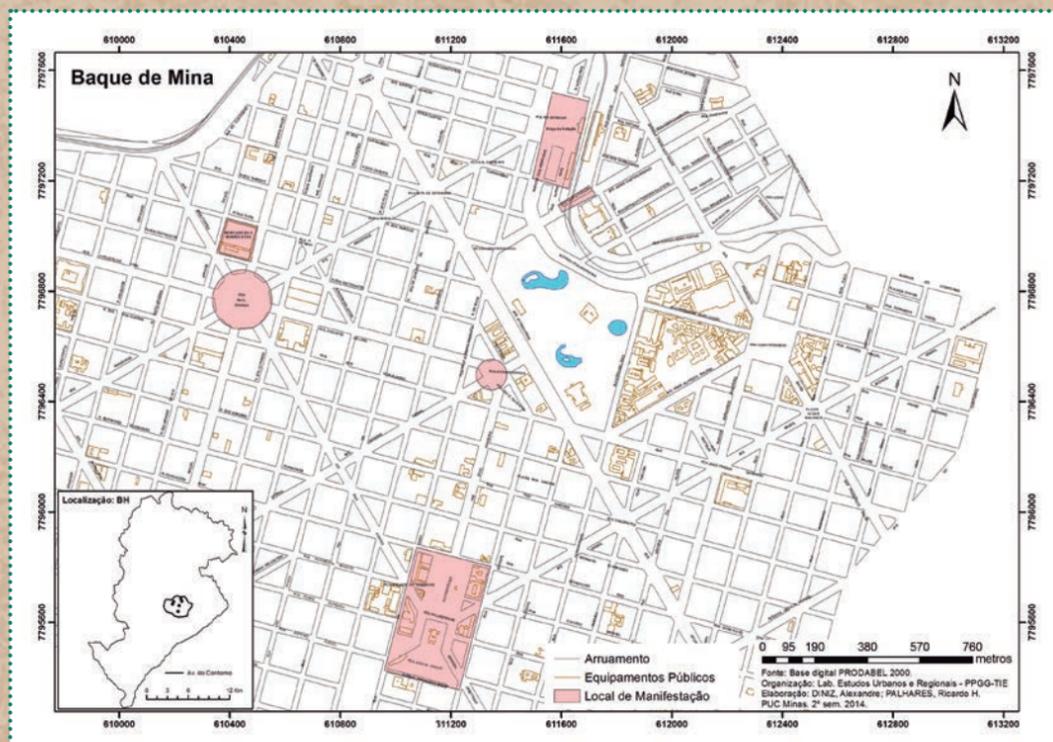
BAQUE DE MINA

GRUPO DE MARACATU CRIADO EM JANEIRO DE 2013 E COMPOSTO SOMENTE POR MULHERES.

COORDENADO PELO MÚSICO CELSO SOARES (CORISCO).

- FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA: música;
- ESTILO ARTÍSTICO: maracatu;
- MISSÃO/OBJETIVOS: promover e cultivar a cultura popular do maracatu;
- TIPOLOGIA/PERFIL DOS ADEPTOS: diversificado e na faixa etária de 25 a 34 anos;
- FUNDAÇÃO: 13 de janeiro de 2013;
- LOCAIS DE MANIFESTAÇÃO: Viaduto Santa Tereza, Praça da Estação, Mercado das Borboletas, Praça Raul Soares, Praça da Liberdade, Praça da Savassi, Praça Afonso Arinos.

Mapa 7 - Território Baque de Mina



Fonte: Criado a partir de Belo Horizonte (2000).

CRONOLOGIA

2013

14 DE FEVEREIRO: ...
“Carnaval Não Acabou”
2º Desfile de Carnaval;

29 DE ABRIL: ...
“1º Cortejo Dançante” no Dia Internacional da Dança;

12 DE FEVEREIRO: ...
1º Desfile no Carnaval de Rua BH Praça Duque de Caxias no Santa Tereza;

08 DE MARÇO: ...
Marcha das Mulheres no Dia Internacional das Mulheres;

19 DE OUTUBRO: ...
“2º Mundialito de Rolimã do Abacate”.

2014

11 DE JANEIRO: ...
Casa Show Grafinos com Orquestra Voadora do Rio de Janeiro;

4 DE MARÇO: ...
Carnaval de Rua de Belo Horizonte da Rua da Bahia até Praça da Savassi;

18 DE MAIO: ...
Cortejo no Encontro Latino-Americano de Mulheres;

28 DE FEVEREIRO: ...
Baque de Mina no Festival S.E.N.S.A.C.I.O.N.A.L.;

27 DE ABRIL: ...
Festa de Batuque no Rio de Janeiro;

17 DE OUTUBRO: ...
Cortejo no Festejo do Tambor Mineiro.

TECNOLOGIAS/DIVULGAÇÃO: Divulgam-se as apresentações no bloco no carnaval e em outros locais ou festivais (S.E.N.S.A.C.I.O.N.A.L, Casa Granfinos-BH, Virada Cultural-BH) na página do *Facebook*.

Foto 7 - Grupo Baque de Mina



Fonte: Baque de Mina (2013a).

Foto 8 - Baque de Mina na Avenida Afonso Pena



Fonte: Baque de Mina (2013b).

Imagem 4 - Selo oficial Baque de Mina



Fonte: Baque de Mina (2014).

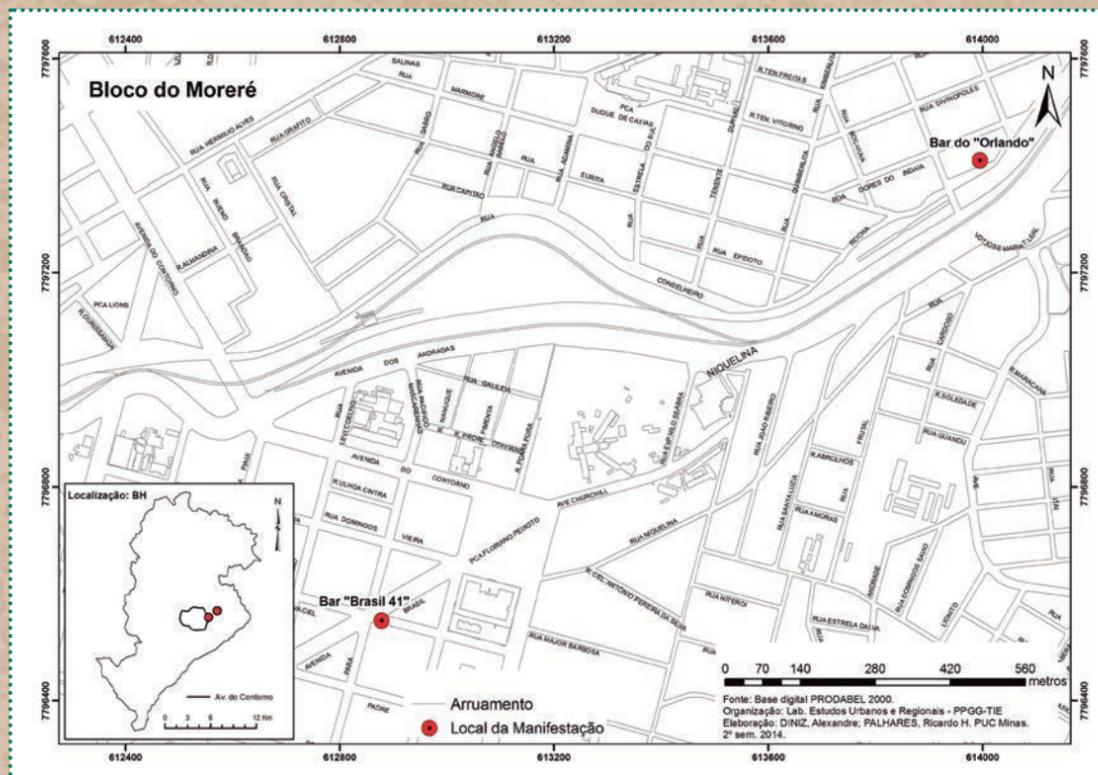
BLOCO DO MORERÉ

MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 12 DE JANEIRO – MORERÉ:

amigos reunidos para fazer a festa do samba de roda no carnaval de rua de Belo Horizonte, com muito samba e partido alto. Moreré é uma praia no estado da Bahia (Ilha de Boipeba), onde os amigos deste bloco se encontram todo mês de janeiro e lá, também, fazem samba de roda.

- FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA: música;
- ESTILO ARTÍSTICO: samba, partido alto, carnaval de rua;
- MISSÃO/OBJETIVOS: tocar com os amigos no carnaval de rua de Belo Horizonte, bem como reunir os amigos na praia do Moreré, na Bahia, no mês de janeiro;
- TIPOLOGIA/PERFIL DOS ADEPTOS: diversificado e na faixa etária de 25 a 34 anos;
- FUNDAÇÃO: 07 de fevereiro de 2011 ou 21 de janeiro de 2011;
- LOCAIS DE MANIFESTAÇÃO: Bar do Orlando (bairro Santa Tereza), Bar Brasil 41 (Bairro Santa Efigênia).

Mapa 11 - Território Bloco do Moreré



Fonte: Criado a partir de Belo Horizonte (2000).

CRONOLOGIA

- 2011**
- 07 DE FEVEREIRO:** ... carnaval de rua de Belo Horizonte no Bar do Orlando.
- 2013**
- 06 DE JULHO:** ... casa de show Utópica Marcenaria;
- 15 DE SETEMBRO:** ... Virada Cultural BH
- 16 DE FEVEREIRO:** ... carnaval de rua de Belo Horizonte no Bar do Orlando;
- 11 DE AGOSTO:** ... casa de show Granfinos;
- 2014**
- 27 DE FEVEREIRO:** ... carnaval de rua de Belo Horizonte no Bar Brasil 41;
- 25 DE JANEIRO:** ... Bar Brasil 41;

- TECNOLOGIAS/DIVULGAÇÃO:** Divulgam saída do bloco no carnaval e em outros locais ou festivais (Praia do Moreré-BA, Casa Granfinos-BH, Virada Cultural de Belo Horizonte) na página (@bloco-do-moreré-123157587771154) e no grupo público (BLOCO DO MORERÉ, 2011a) no Facebook.

Foto 9 - Bloco do Moreré em apresentação



Fonte: Moreré... (2014).

Imagem 6 - Selo da Mocidade Dependente do Moreré



Fonte: Bloco do Moreré (2011b).

Imagem 6 - Selo da Mocidade Dependente do Moreré



Fonte: Bloco do Moreré (2015).

CASA FORA DO EIXO MINAS

● **COMPREENDE, EM UM SÓ LUGAR, MORADIA, ESPAÇO DE VIVÊNCIAS, ALÉM DE SER AMBIENTE DE TRABALHO PARA TODAS AS FRENTES DO CIRCUITO FORA DO EIXO.**

Essas residências culturais atuam como espaços de intercâmbio de informações, metodologias, práticas colaborativas, construção coletiva, constituindo-se como mais um campus da Universidade Livre Fora do Eixo.

- **FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA:** casa de vivências socioculturais;
- **ESTILO ARTÍSTICO:** livre;
- **MISSÃO/OBJETIVOS:** promover vivências socioculturais e sediar regionalmente o circuito Fora do Eixo Minas;
- **TIPOLOGIA/PERFIL DOS ADEPTOS:** viajantes de várias partes do país e artistas.
- **FUNDAÇÃO:** iniciado o circuito em 2005, a Casa Fora do Eixo Minas foi fundada em abril de 2012;
- **LOCAL DE MANIFESTAÇÃO:** Rua Guanhães, nº 116, Casa A, Bairro Floresta, Belo Horizonte.

Mapa 12 - Território Casa Fora do Eixo Minas



Fonte: Criado a partir de Belo Horizonte (2000).

● CRONOLOGIA

2012

● **ABRIL:** criada a Casa Fora do Eixo Minas.

2014

● **JANEIRO:** recebeu os manauaras Elisa Neves e Danilo Reis. Os dois mantêm um projeto que impulsiona trocas de repertórios entre artistas circenses.

● **TECNOLOGIAS/DIVULGAÇÃO:** Utilização da internet para divulgação de eventos através da fanpage no Facebook (@casaforadoeixominas).

Figura 8 - Divulgação do "Cine na Casa"



Fonte: Casa Fora do Eixo Minas (2014).

Figura 9 - Lançamento da Casa Fora do Eixo Minas



Fonte: Casa Fora do Eixo Minas (2012).

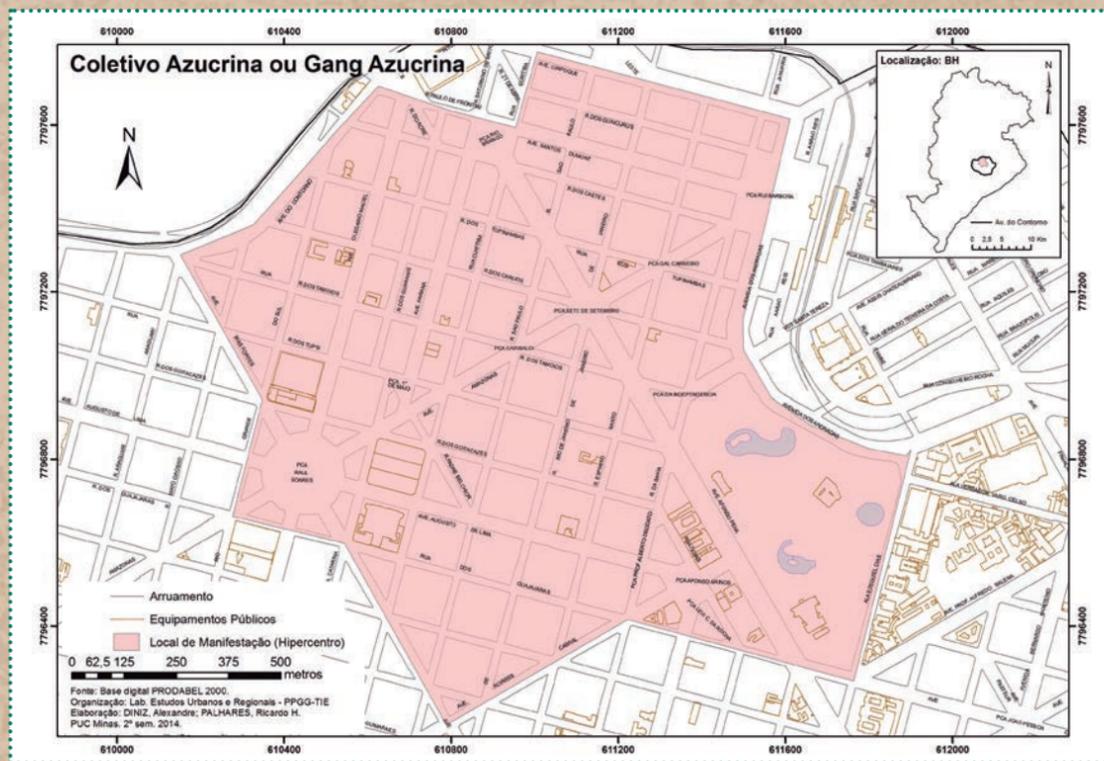
COLETIVO AZUCRINA / GANG AZUCRINA

“UM COLETIVO DE ARTISTAS, DESIGNERS, MÚSICOS E TODO TIPO DE PESSOA QUE COMPARTILHA UMA ATITUDE ‘FAÇA VOCÊ MESMO’” (CURI, 2019).

A Azucrina Records, por sua vez, consiste de “um circuito de experimentação eletrônica e sonora. Através das redes colaborativas, realizam atividades em sintonia com transmissões ressonantes: tecnologia artesanal, ouvido ativo e desejo de ruir” (CASA DA ÁRVORE, 2011). O coletivo foi ampliado para englobar novos aspectos de arte.

- ◉ **FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA:** grafite;
- ◉ **ESTILO ARTÍSTICO:** variado;
- ◉ **MISSÃO/OBJETIVOS:** estimular e incentivar a produção de pinturas murais e a produção de arte coletiva;

Mapa 14 – Território do Coletivo Azucrina / Gang Azucrina



Fonte: Criado a partir de Belo Horizonte (2000)

- ◉ **TIPOLOGIA/PERFIL DOS ADEPTOS:** apreciadores de grafite/arte coletiva de diversas idades/sexo/grau de escolaridade;
- ◉ **FUNDAÇÃO:** formado em setembro de 2007, atua na difusão do grafite através de formações e de articulações feitas com outros grupos e artistas de Belo Horizonte e região metropolitana;
- ◉ **MEMBROS:** Alexandre Perocco, André Teixeira, André Wakko, Bim Fernandez, Francisco Martins, Francisco Vianna, kiD, Lucas Barbi, Manuel Andrade, Marcos Batista, Paulo Barcelos, Shairon Lacerda e Vanessa De Michelis;
- ◉ **LOCAL DE MANIFESTAÇÃO:** hipercentro de Belo Horizonte.

CRONOLOGIA

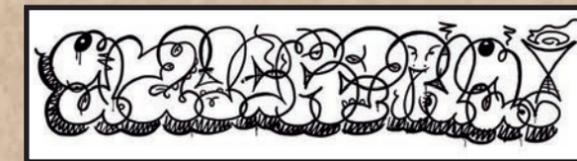
2012

31 DE DEZEMBRO:

evento previsto para acontecer quinzenalmente, “Terça Sim | Terça Não” é uma oportunidade dentro da cidade de Belo Horizonte para a divulgação e realização de vivências autorais. A iniciativa é resultante do ensejo de criar espaços que aglomerem parte do amplo campo que é o das artes, entendendo por isso seu vasto modo de expressão. O palco é livre.

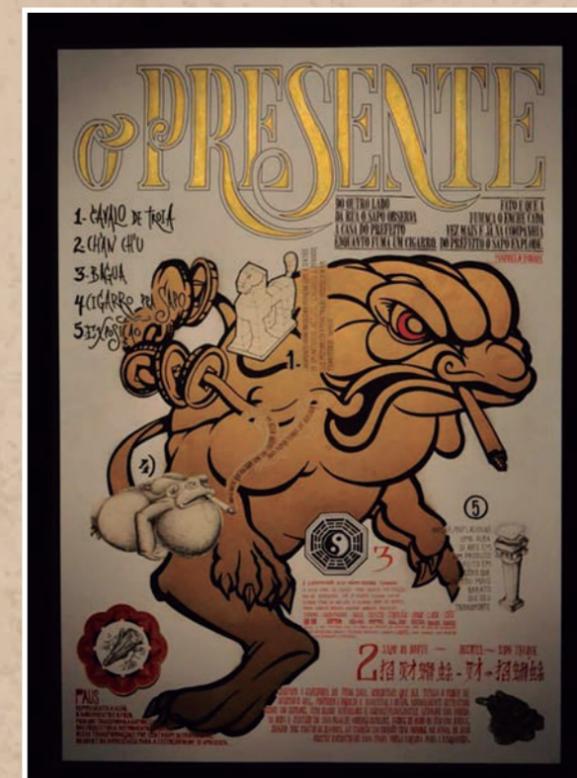
- ◉ **TECNOLOGIAS/DIVULGAÇÃO:** O perfil no Facebook (@ganguie.azucrina) e no Flickr (@azucrina) são os principais meios de divulgação das atividades do Coletivo Azucrina. É um espaço democrático de divulgação de arte.

Imagem 8 - Grafites Azucrina!



Fonte: Gang Azucrina (2019)

Imagem9 - Grafites Azucrina!



Fonte: Gang Azucrina (2019)

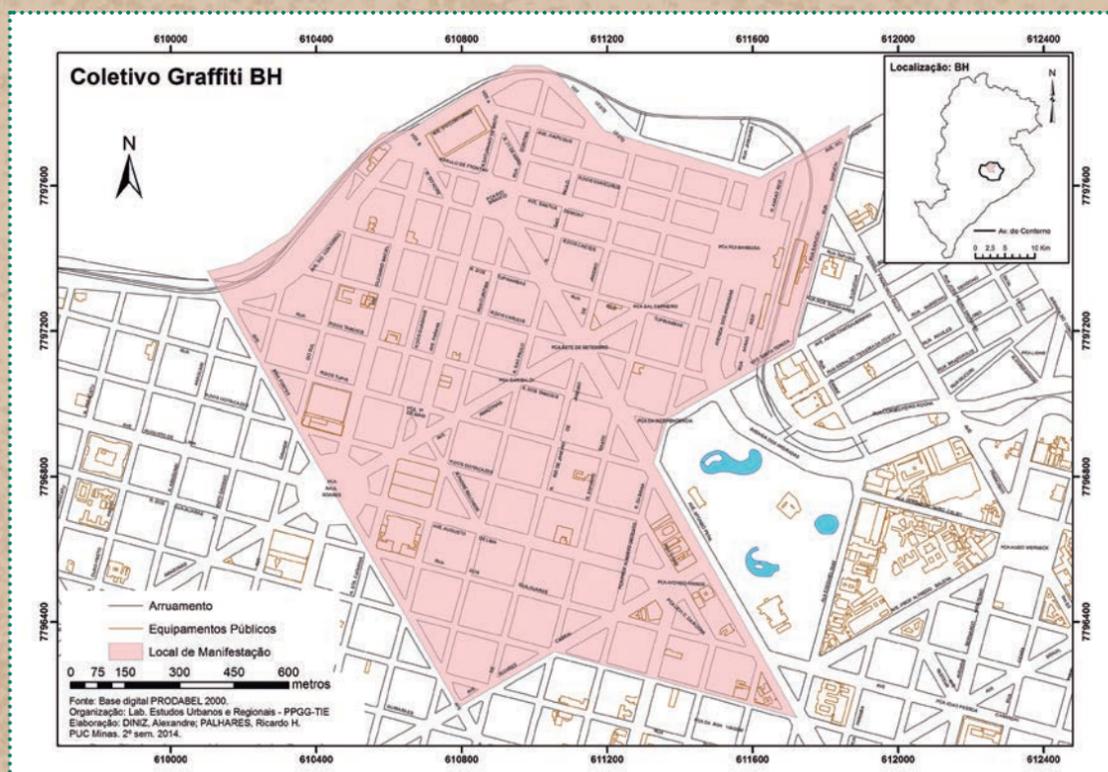
COLETIVO GRAFFITI BH

◉ **CONSISTE DA DIFUSÃO DO GRAFITE, ATRAVÉS DE FORMAÇÕES E DE ARTICULAÇÕES COM OUTROS GRUPOS E ARTISTAS DE BELO HORIZONTE E REGIÃO METROPOLITANA.**

Busca-se também estimular e incentivar a produção de pinturas murais e a produção de arte coletiva. Há também a proposta de momentos de troca de ideias e reflexões sobre as formas de intervenção e apropriação de espaços públicos na cidade.

- ◉ **FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA:** produções, criações e formações na área do grafite, educação social e design gráfico;
- ◉ **ESTILO ARTÍSTICO:** arte em pinturas com grafite nos espaços urbanos;
- ◉ **MISSÃO/OBJETIVOS:** fortalecer a rede de artistas existente, potencializar suas ações na cidade e em suas comunidades, melhorar a forma de intervir, ganhar maior visibilidade e aprimorar a qualidade dos seus trabalhos;
- ◉ **TIPOLOGIA/PERFIL DOS ADEPTOS:** rede de artistas envolvidos com o grafite e com a cultura *hip-hop*;
- ◉ **FUNDAÇÃO:** janeiro de 2009.

Mapa 15 – Território do Coletivo Graffiti BH



Fonte: Criado a partir de Belo Horizonte (2000)

A PROPOSTA DO GRAFITE ACONTECE ATRAVÉS DAS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE O EU E O OUTRO NO AMBIENTE URBANO ATRAVÉS DA ARTE. A EDUCAÇÃO SE FAZ PRESENTE NAS MEDIAÇÕES ATRAVÉS DA LINGUAGEM NÃO APENAS VERBAL, MAS VISUAL-SIMBÓLICA PELOS MUROS DA CIDADE, UMA VEZ QUE A LINGUAGEM

ADQUIRE FORMA E EXISTÊNCIA NOS SIGNOS CRIADOS POR UM GRUPO ORGANIZADO NO CURSO DE SUAS RELAÇÕES SOCIAIS. OS SIGNOS SÃO O ALIMENTO DA CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL, A MATÉRIA DE SEU DESENVOLVIMENTO, E ELA REFLETE SUA LÓGICA E SUAS LEIS. A LÓGICA DA CONSCIÊNCIA É A LÓGICA DA COMUNICAÇÃO IDEOLÓGICA DA INTERAÇÃO SEMIÓTICA DE UM GRUPO SOCIAL. (BAKHTIN, 1992, P. 35-36).

NESTE SENTIDO, A EDUCAÇÃO SE CONSTITUI TENDO COMO VEÍCULO AS EXPRESSÕES ARTÍSTICAS, TANTO NO VIÉS DA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL DE CADA UM, BEM COMO NAS MEDIAÇÕES ENTRE O EU E O GRUPO. CHARLOT (2000) CITADO EM DAYRELL (2003, P. 43) LEMBRA AINDA QUE A ESSÊNCIA ORIGINÁRIA DO INDIVÍDUO HUMANO NÃO ESTÁ DENTRO DELE MESMO, MAS SIM FORA, EM UMA POSIÇÃO EXCÊNTRICA, NO MUNDO DAS RELAÇÕES SOCIAIS. TRATA-SE DA OUTRA FACE DA CONDIÇÃO HUMANA A SER DESENVOLVIDA: A SUA NATUREZA SOCIAL.

A ARTE DO GRAFITE, ASSIM, REVELA A POSIÇÃO EXOTÓPICA DO HUMANO, DO SENSÍVEL, DA COMUNICAÇÃO CARREGADA DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS SOCIAIS, HISTÓRICOS E CULTURAIS.

◉ CRONOLOGIA

- 2013
 - ... criação do coletivo Graffiti BH.;
 - ... apresentação na Avenida do Contorno, na esquina com a Rua Juramento;
- 2016
 - ... apresentação no Minas Tênis Clube e Pintura da Semana Hip-Hop.

◉ **TECNOLOGIAS/DIVULGAÇÃO:** Blog oficial e página no Facebook.

Imagem 9 - Convocação para o Graffiti



Fonte: Coletivo Pagada (2009)

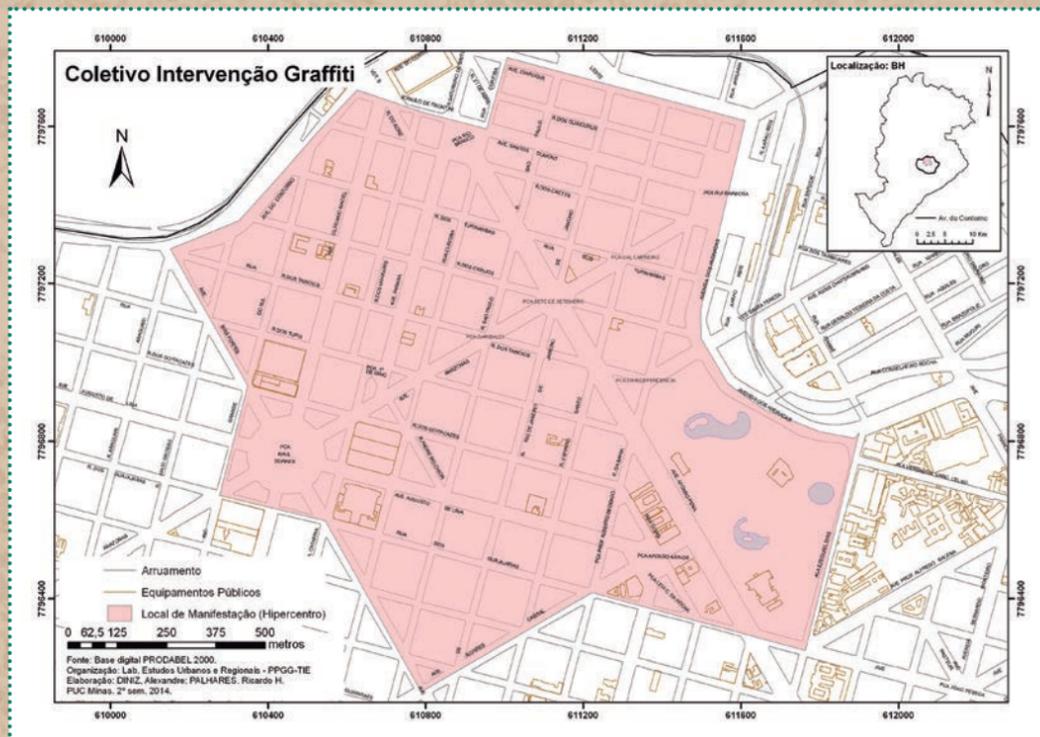
COLETIVO INTERVENÇÃO GRAFFITI

PRODUÇÃO DE PINTURAS MURAIS E A PRODUÇÃO DE ARTE COLETIVA NO HIPERCENTRO DE BELO HORIZONTE.

Acredita no fortalecimento da rede de artistas existente e que o fazer coletivo pode potencializar suas ações na cidade e em suas comunidades, melhorando a forma de intervir, ganhando maior visibilidade e aprimorando a qualidade dos seus trabalhos.

- **FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA:** grafite;
- **ESTILO ARTÍSTICO:** múltiplo;
- **MISSÃO/OBJETIVOS:** estimular e incentivar a produção de pinturas murais e de arte coletiva e propor momentos de troca de ideias e reflexões sobre as formas de intervenção e apropriação de espaços públicos na cidade;
- **TIPOLOGIA/PERFIL DOS ADEPTOS:** apreciadores de hip-hop/rap de diversas idades/sexo/grau de escolaridade;

Mapa 16 – Território do Coletivo Intervenção Graffiti



Fonte: Criado a partir de Belo Horizonte (2000)

• **FUNDAÇÃO:** formado em janeiro de 2009, atuando desde então na difusão do grafite por meio de formações e de articulações feitas com outros grupos e artistas de Belo Horizonte e região metropolitana;

CRONOLOGIA

2011

12 DE NOVEMBRO
grafitagem ao vivo do #cursodegraffiti no muro da comunidade 90lojas (Horto) com os 25 participantes.

2012

01 DE OUTUBRO
grafitagem para o Patrus (fechou a caravana por vários bairros da cidade: cores, alegria e apoio na reta final).

2013

13 DE ABRIL
apresentação de ata do Encontro Mensal Coletivo de Grafitadores;

02 DE MARÇO
apresentação de ata e pautas do Coletivo Intervenção Graffiti;

08 DE JUNHO
reunião do coletivo no Edifício Maletta.

2014

12 DE MARÇO
disponibilização do programa “Onde é o Centro Cultural?” (primeiro de uma série de novos programas).

• **TECNOLOGIAS/DIVULGAÇÃO:** a página no Facebook e o blog são os principais meios de divulgação das atividades do Coletivo Intervenção Graffiti. São espaços democráticos de divulgação de arte.

Imagem 10 - Intervenção 1



Fonte: Coletivo Intervenção Graffiti (2019)

Imagem 11 - Intervenção 2



Fonte: Coletivo Intervenção Graffiti (2019)

Imagem 12 - Intervenção 3



Fonte: Coletivo Intervenção Graffiti (2019)

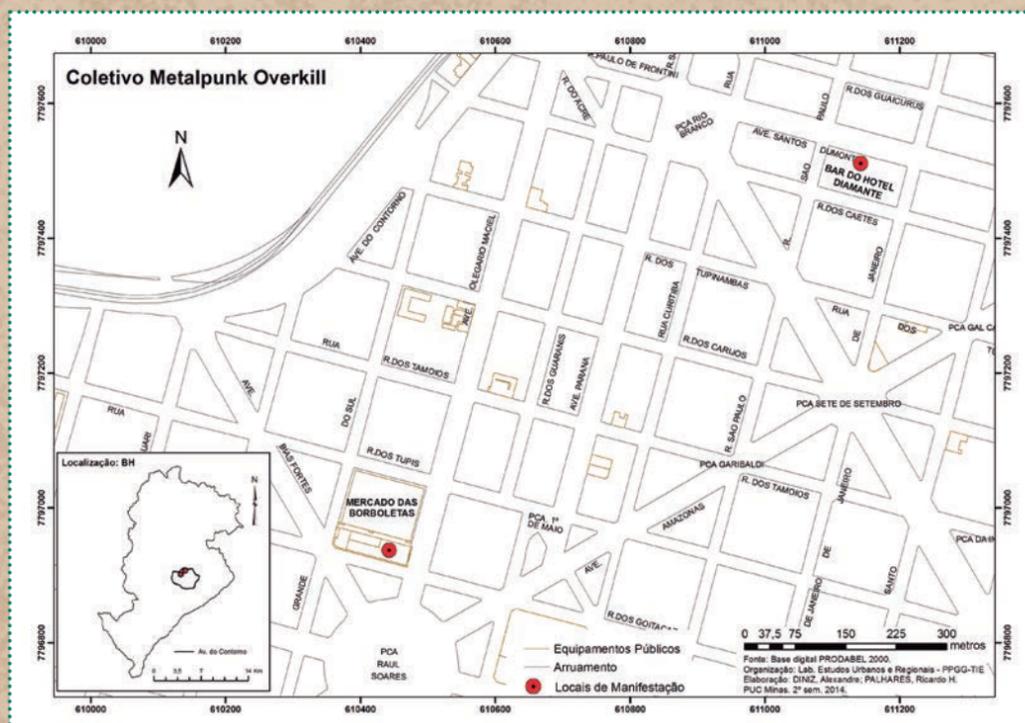
COLETIVO METALPUNK OVERKILL

EVENTO PRODUZIDO DE FORMA *UNDERGROUND* E AUTOGERIDA, TEM COMO DIFERENCIAL NÃO BUSCAR LUCRO, MAS, SIM, PROLIFERAR BARULHO E ATITUDE POLÍTICA.

Como resposta ao impacto provocado pela brutalidade estética e todo o significado desse contato, o indivíduo deixa de ser apenas fã e passa a dedicar-se ao *underground*, seja montando bandas, organizando eventos, publicando *fanzines*. “Manter a chama do *underground* acesa” (CAMPOY, 2010, p. 36) implica ultrapassar a barreira do comércio e de um consumo distanciado da produção, sem envolvimento com o produto. O *underground* é construído exclusivamente pelos seus praticantes e, por isso, deve-se lutar para a sua manutenção contínua, sua sobrevivência em face de um grande mercado cujo *modus operandi* é favorável ao seu esmagamento (LOURENÇO, 2013, p. 156).

A educação, nesse sentido, se sobressai a partir das experiências estéticas implicadas no movimento *underground*, assim como todos os seus elementos e desdobramentos nos encontros pela cidade. A educação se constitui nesse coletivo muito além do ensino-aprendizagem intencional que a escola oferece, abarcando a dimensão política e crítica proposta por Paulo Freire (1996) e, mais precisamente, pelos usos e ocupações da cidade vistos em Gadotti (2007).

Mapa 17 – Território do Coletivo Metalpunk Overkill



Fonte: Base Digital PRODABEL (2000).

- FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA: shows de bandas de diversas vertentes da cena *underground punk* e *heavy metal* de Belo Horizonte, outras cidades, estados e também do exterior;
- ESTILO ARTÍSTICO: *punk* e *heavy metal*;
- MISSÃO/OBJETIVOS: manter viva a cena *underground* na cidade de Belo Horizonte e divulgar a cena de outros lugares do Brasil e do exterior;
- TIPOLOGIA/PERFIL DOS ADEPTOS: seguidores do *punk* e *heavy metal* e músicos de bandas ligadas à cena;
- FUNDAÇÃO: formado em março de 2013, com um grupo de seguidores do movimento *underground* ligado ao *punk* e a vertentes do metal extremo;
- LOCAIS DE MANIFESTAÇÃO: Mercado das Borboletas (Avenida Olegário Maciel, nº 742, Centro, Belo Horizonte), Bar do Hotel Diamante (Avenida Santos Dumont, 574, Centro, Belo Horizonte).
- ENDEREÇO VIRTUAL: www.facebook.com/metalpunkoverkill?fref=ts

CRONOLOGIA

2013criado o Coletivo Metalpunk Overkill.

TECNOLOGIAS/DIVULGAÇÃO: A página no *Facebook* é o principal meio de divulgação.



Fonte: Metalpunk (2019)

A RELAÇÃO DO COLETIVO METALPUNK OVERKILL COM A EDUCAÇÃO SE FAZ NO ESPAÇO URBANO: A DIVERSIDADE DA CENA MUSICAL *UNDERGROUND* É ACOLHIDA, ENTRELACANDO O *PUNK* E O *HEAVY METAL* COM CULTURAS LOCAIS DE DIVERSAS CIDADES PELA APRESENTAÇÃO DE BANDAS DO NORDESTE, DO EXTERIOR, DE VÁRIOS LUGARES, OU MESMO DE BELO HORIZONTE. A CENA MUSICAL DO COLETIVO ABRANGE TAMBÉM OUTRAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS, ENTRE EXPOSIÇÕES DE PINTURAS, *FANZINES*, POESIAS MARGINAIS, VESTIMENTAS, DEMOS E OUTROS. PORTANTO, A ARTE É DIVULGADA PELO COLETIVO COMO FORMA DE EDUCAÇÃO ESTÉTICA E TAMBÉM POLÍTICA, DESDE AS LETRAS DAS MÚSICAS, PERFORMANCES NO PALCO, CRIAÇÃO DE SEUS FIGURINOS POR CADA SUJEITO ALI ENVOLVIDO, TRAZENDO, ASSIM, O MOVIMENTO ARTÍSTICO ENGAJADO NA POLÍTICA, REFORÇANDO AS SUBJETIVIDADES SOB DIVERSAS FORMAS DE CONTESTAÇÃO DO QUE ESTÁ POSTO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO.

CORRE COLETIVO

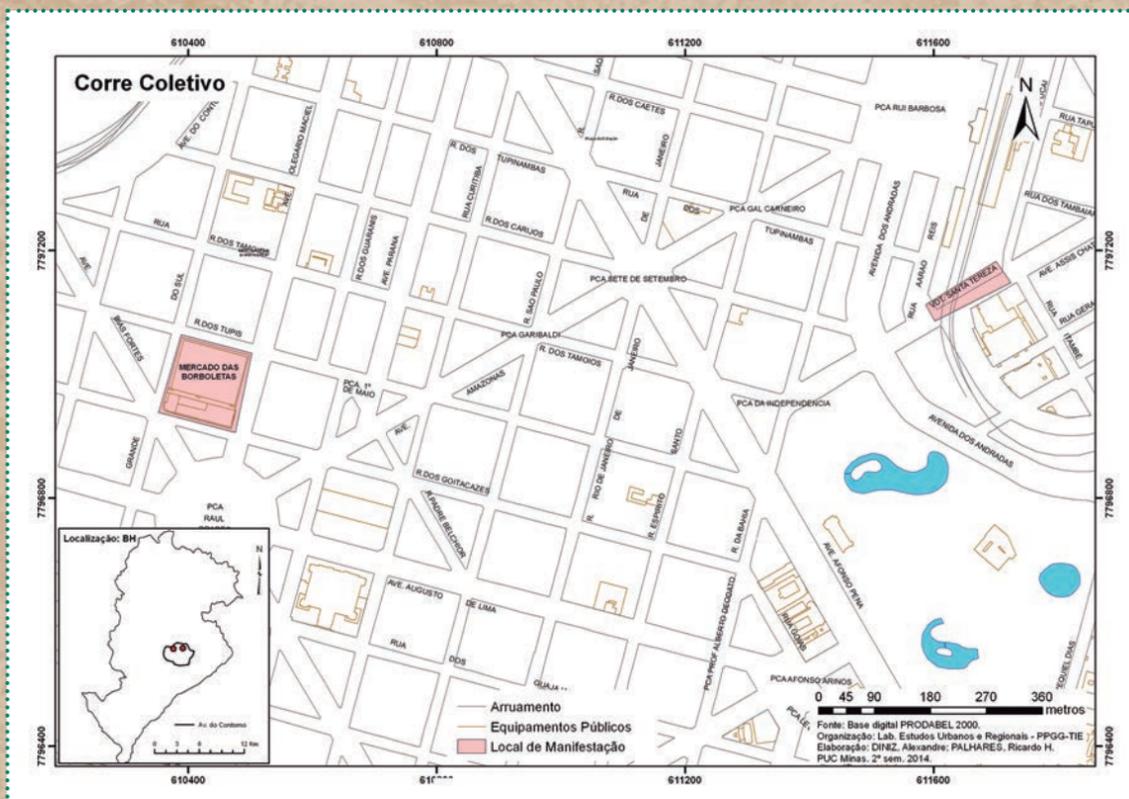
COLETIVO QUE CONCENTRA MÚSICOS, PRODUTORES, ARTISTAS PLÁSTICOS E COLABORADORES EM GERAL DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE.

Tem como princípio fomentar a arte e a cultura *reggae* em toda a sua cadeia produtiva com trocas de experiências, parcerias em um diálogo amplo e horizontal. É um projeto de conscientização para a ocupação, manutenção e preservação de espaços públicos. Fazem parte do coletivo: Arte Rudy, Bangah, Caban, DJ Pedro (Deskareggae), Gui Dub, Kabalions, Leal Sound System, Raiz de Jequí, Roots Ativa, Rudyboys (Marcelino Neves), Sabedoria Nahtiva, Uai Sound System.

FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA: música;

ESTILO ARTÍSTICO: *reggae*;

Mapa 19 – Território do Corre Coletivo



Fonte: Criado a partir de Belo Horizonte (2000)

CRONOLOGIA

2011

7 DE SETEMBRO ...
festival “Reggae da Independência” no Mercado das Borboletas.

5 DE FEVEREIRO ...
primeira ação do Corre Coletivo – “Reggae Música de Louvor” – no Viaduto Santa Tereza;

2012

10 DE MARÇO ...
festival “Reggae e Resgate” no Viaduto Santa Tereza;

20 DE MAIO ...
festival “One Love Serra”.

2013

17 DE MAIO ...
audiência na Assembleia Legislativa de Minas Gerais — “Surgimento do Reggae”;

31 DE AGOSTO ...
festival “Reggae Nomos” no Viaduto Santa Tereza.

TECNOLOGIAS/DIVULGAÇÃO: Os festivais, as reuniões e as atividades dos parceiros são divulgados na página oficial no *Facebook*.

- MISSÃO/OBJETIVOS: fortalecer a cena do *reggae* em Minas Gerais;
- TIPOLOGIA/PERFIL DOS ADEPTOS: diversificado e na faixa etária de 25 a 34 anos;
- FUNDAÇÃO: fevereiro de 2011;
- LOCAL DE MANIFESTAÇÃO: Viaduto Santa Tereza, Mercado das Borboletas (3º andar, Mercado Novo, Centro).

Imagem 17 - Grupo: Corre Coletivo



Fonte: Corre Coletivo (2019)

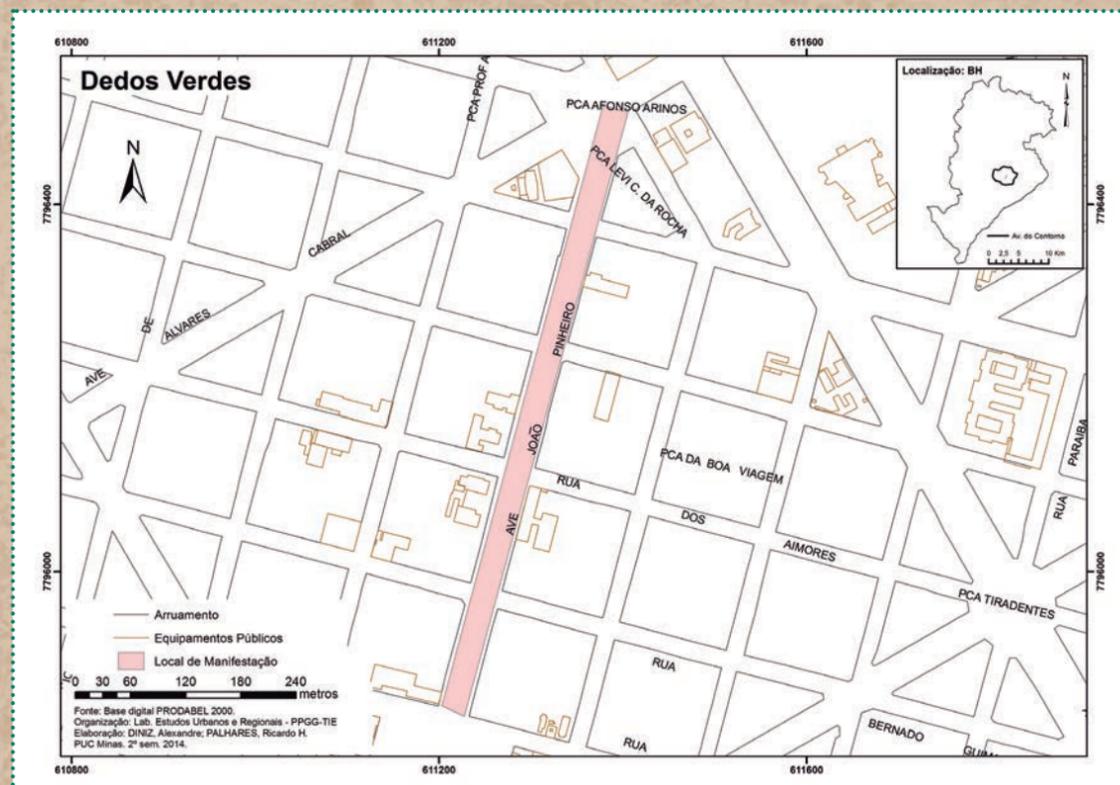
DEDOS VERDES

◉ O COLETIVO DE INTERVENÇÕES URBANAS DEDOS VERDES SE INSPIRA NO LIVRO *O MENINO DO DEDO VERDE*.

A história é sobre um menino questionador que, com seu dedo verde, levava flores e alegria por onde quer que passasse. Analogicamente, o coletivo promove ações que abrem espaço para um novo horizonte possível e positivo.

- ◉ **FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA:** intervenções urbanas e humanas;
- ◉ **ESTILO ARTÍSTICO:** intervenção urbana;
- ◉ **MISSÃO/OBJETIVOS:** transformar o delírio de uma cidade mais florida e feliz em realidade;
- ◉ **TIPOLOGIA/PERFIL DOS ADEPTOS:** viajantes de várias partes do país e outros, majoritariamente artistas;
- ◉ **FUNDAÇÃO:** 2012;
- ◉ **LOCAL DE MANIFESTAÇÃO:** avenida João Pinheiro e outros (perfil de itinerância);

Mapa 20 - Território dos Dedos Verdes



Fonte: Criado a partir de Belo Horizonte (2000)

CRONOLOGIA

2012

Grupo fundado por uma estudante de psicologia e três estudantes de arquitetura. Em um trabalho de formiguinhas, eles mudam cenários por poucos e valiosos instantes;

“Uma flor ameniza uma dor”;
Distribuição de flores às pessoas que passavam pelas ruas.

“Experiência nº 1: circulação da palavra e do amor e...” na Praça da Liberdade. Uma flor e um pergaminho que continha um desafio que precisava ser aceito;

2013

JANEIRO:

- projeto “Uma flor ameniza uma dor”;
- projeto “Jogo conversa fora”;
- projeto “Um sonho por um sonho”;
- “Vaga viva” na avenida João Pinheiro. Ocupação de vagas de carros de maneiras diversas: livros, música, lanchinhos.

◉ **TECNOLOGIAS/DIVULGAÇÃO:** Fanpage no Facebook.

Imagem 18 - Coletivo Dedos Verdes em uma das suas intervenções



Fonte: Coletivo Dedos Verdes (2019)

Imagem 19 - Fundadora do grupo, Gabriela Bouzada.



Fonte: Coletivo Dedos Verdes (2019)

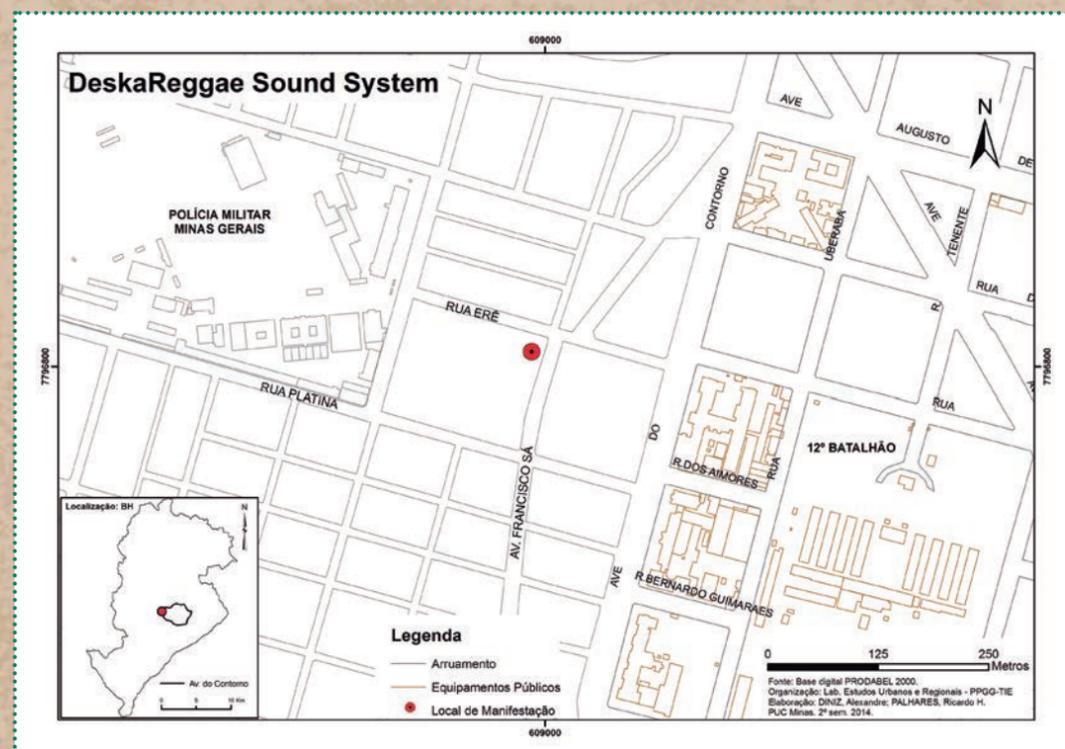
É COSTUMEIRO AFIRMAR QUE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, NÃO HÁ LUGAR PARA A CRENÇA NA DOAÇÃO EM TERMOS AFETIVOS. O GRUPO VEM DESMISTIFICAR ISSO MOSTRANDO QUE, MESMO NOS DIAS DE HOJE, HÁ ESPAÇO PARA AS BOAS AÇÕES, MOMENTOS DE CARINHO E ACONCHEGO, LUGARES E GESTOS BONITOS. E, O MELHOR, TUDO ISSO DE GRAÇA! NÃO HÁ EDUCAÇÃO SEM O CONTATO HUMANO, SEM O DIÁLOGO, SEM A INTERAÇÃO. O GRUPO BUSCA O RESGATE DESSE COLETIVO TÃO PERDIDO NOS DIAS ATUAIS.

DESKAREGGAE SOUND SYSTEM

POSSUEM O IDEAL DE ESPALHAR A MENSAGEM DO *REGGAE* E FOMENTAR O MOVIMENTO *REGGAE* EM BELO HORIZONTE.

- FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA: música;
- ESTILO ARTÍSTICO: ritmos como *ska*, *rocksteady* e *early reggae* predominam nos bailes, acompanhados por demais vertentes como *dub*, *deejay*, *dancehall*, *rub-a-dub*, entre outros;
- MISSÃO/OBJETIVOS: divulgar gêneros musicais da Jamaica e promover diversão entre o público;
- TIPOLOGIA/PERFIL DOS ADEPTOS: DJs, produtores, *designers* e público ligado à música jamaicana;
- FUNDAÇÃO: o Deskareggae Sound System foi criado em 29 de outubro de 2011 em Belo Horizonte, Minas Gerais, inspirado nos antigos sistemas de som que se tornaram populares na Jamaica na década de 1950. Criado por Leo Vidigal, Rafael Rosa e Pedro Varella, que decidiram se reunir para agregar o conhecimento e o acervo musical de cada integrante com o objetivo de realizar eventos e festas para divulgar os gêneros musicais da Jamaica e promover diversão. Em 2013, a equipe cresceu com a entrada do DJ e agitador cultural Yuga;
- LOCAL DE MANIFESTAÇÃO: apresentações em praças e ruas de Belo Horizonte (em especial, na avenida Francisco de Sá, nº 16) e em outras cidades (Fortaleza-CE, São Paulo-SP, Natal-RN).

Mapa 21 - Território do DeskaReggae Sound System



Fonte: Criado a partir de Belo Horizonte (2000)

O DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO SE FAZ PRESENTE AQUI NÃO SOMENTE NA MÚSICA JAMAICANA COMO MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA, MAS NOS ASPECTOS INTERCULTURAIS DE REAPROPRIAÇÃO DESTA CULTURA JAMAICANA DE FORA E SUAS NUANCES EM DIVERSAS REGIÕES DO BRASIL, COM SUAS HIBRIDIZAÇÕES. O *REGGAE* É EXEMPLIFICADO PRIMEIRAMENTE PELOS ENDOCLIPES E OUTRAS INDICAÇÕES MAIS DIRETAS, COMO NO TRECHO EM QUE O GÊNERO MUSICAL É CONFRONTADO COM OS “SOTAQUES” DE UMA DAS MODALIDADES DE MÚSICA PRATICADA PELOS MARANHENSES, O BUMBA MEU BOI (VIDIGAL, 2011, P. 176).

Imagem 20 - Grupo: Deskareggae Sound System



CRONOLOGIA

2011

OUTUBRO:

criado o Deskareggae Sound System.

TECNOLOGIAS/DIVULGAÇÃO:

Páginas no *Facebook*, *Soundcloud*, *Mixcloud*.



Fonte: Deskareggae Sound System (2019)

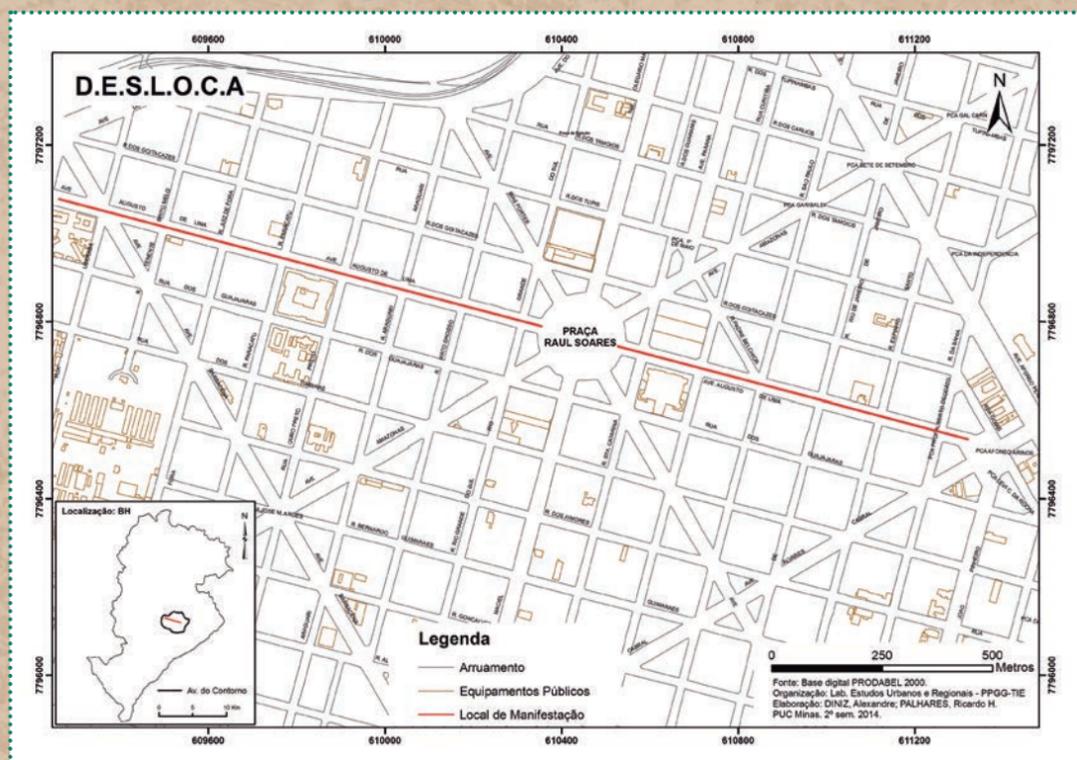
D.E.S.L.O.C.A.

○ D.E.S.L.O.C.A. - DISPOSITIVO ESPONTÂNEO SONORO DE LIVRE OCUPAÇÃO E CIRCULAÇÃO AUTÔNOMA

de um grupo de pessoas que disponibilizam um aparelhamento móvel de áudio para eventos de ocupação urbana como, por exemplo, o duelo de MCs.

- **FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA:** música;
- **ESTILO ARTÍSTICO:** livre;
- **MISSÃO/OBJETIVOS:** potencializar o debate em torno das ocupações espontâneas e diversas realizadas nos espaços públicos de Belo Horizonte;
- **TIPOLOGIA/PERFIL DOS ADEPTOS:** de acordo com sua página no Facebook, seus integrantes têm idades entre 18 e 24 anos;
- **FUNDAÇÃO:** foi construído durante o festival Eletronika 2012;
- **LOCAL DE MANIFESTAÇÃO:** diversos, já que se trata de um dispositivo móvel.

Mapa 22 - Território do D.E.S.L.O.C.A.



Fonte: Criado a partir de Belo Horizonte (2000)

○ CRONOLOGIA

2012 ... SETEMBRO:
estreia no duelo de MCs.

- **TECNOLOGIAS/DIVULGAÇÃO:** O grupo faz o uso de redes sociais como forma de divulgação de suas ações, sendo elas Facebook, Twitter, Instagram e YouTube.

Figura 11 - D.e.s.l.o.c.a. territorializando a cidade



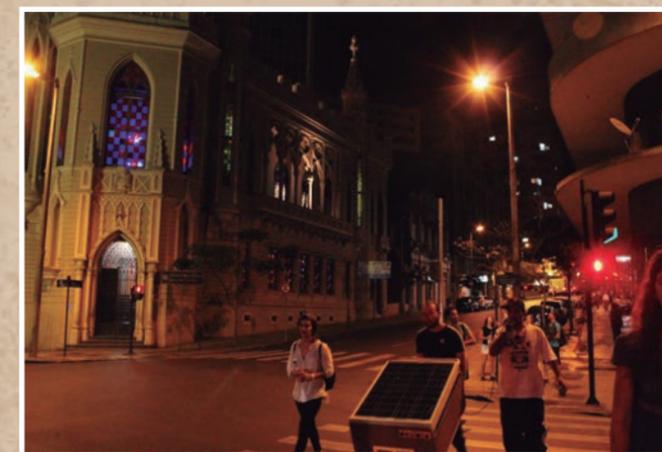
Fonte: D.E.S.L.O.C.A. (2019)

Figura 2 - D.e.s.l.o.c.a nas ruas de BH



Fonte: D.E.S.L.O.C.A. (2019)

Figura 3 - D.e.s.l.o.c.a em deslocamento nas ruas da cidade.



Fonte: D.E.S.L.O.C.A. (2019)

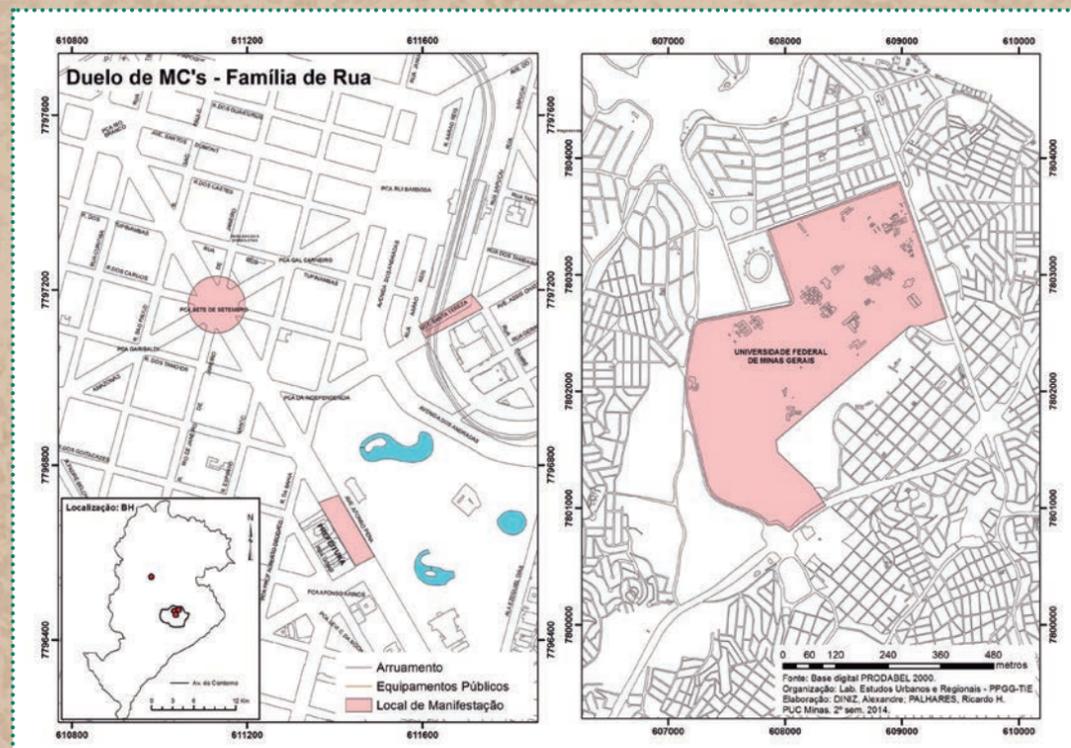
DUELO DE MCS

FAMÍLIA DE RUA

○ O DUELO SEMPRE COMEÇA QUANDO DOIS MCS SOBEM NO PALCO. COM TEMÁTICA LIVRE, COMEÇAM AS BATALHAS DE VERSOS, SEMPRE EM *ROUNDS* DE 45 SEGUNDOS. AO FINAL DOS *ROUNDS* E DAS RODADAS, TERÁ O VENCEDOR. É UM SHOW DE IMPROVISO E INTELIGÊNCIA.

- **FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA:** música;
- **ESTILO ARTÍSTICO:** *hip-hop/rap*;
- **MISSÃO/OBJETIVOS:** preservar e difundir a cultura *hip-hop* e o skate em seus moldes originais enquanto expressão artística e estilo de vida, gerar oportunidades e sustentabilidade por meio da profissionalização, atuar em rede e exercer a cidadania;
- **TIPOLOGIA/PERFIL DOS ADEPTOS:** contrapondo-se ao imaginário acerca de estereótipos associados a movimentos de *hip-hop*, o perfil dos participantes extrapola a periferia e a baixa idade, apresentando um público heterogêneo proveniente de diversas classes sociais e faixas etárias;

Mapa 23 - Território do Duelo de MC's – Família de Rua



Fonte: Criado a partir de Belo Horizonte (2000)

- **FUNDAÇÃO:** realizado desde 24 de agosto de 2007, o duelo de MCs, a princípio, ocupava semanalmente o Viaduto Santa Tereza (Centro de BH), sendo voltado a disputas musicais da cultura *hip-hop*. O movimento cultural engloba o *rap*, o *djing*, o *breakdance* e o grafite. Fruto do duelo de MCs, a Família de Rua é composta por um grupo de amigos que acreditam na essência da cultura e manifestações artísticas urbanas. Atualmente, é a organização responsável pela realização do projeto, além de outras manifestações como “Família de Rua Game of Skate”, “Duelo de MCs Nacional”, “O Som que Vem das Ruas”, “Guerra de Estilos”, “FDR Allstyles” e “Família de Rua na Estrada”;
- **LOCAL DE MANIFESTAÇÃO:** itinerante, atuando sob Viaduto Santa Tereza, Praça Sete, UFMG e avenida Afonso Pena (em frente à Prefeitura).

○ CRONOLOGIA

- 2007** ocorrência semanal do duelo sob o viaduto Santa Tereza (região central de Belo Horizonte);
- 2013** em junho, por motivos de segurança e dificuldades com o poder público, o grupo interrompeu os duelos, retornando às atividades em novembro, com apresentações aos domingos à tarde;
- 2014** após perderem o Viaduto Santa Tereza para uma obra da prefeitura, iniciaram em junho a ocupação quinzenal de eventos na Praça Sete, que pretendiam ser promovidos até novembro (quando as obras fossem finalizadas). A partir do dia 20 agosto de 2014, a Família de Rua iniciou uma campanha de financiamento coletivo para realizar a grande final do Duelo de MCs Nacional 2014, objetivando arrecadar mais de 56 mil reais por meio do Catarse para a efetivação do evento.
- **TECNOLOGIAS/DIVULGAÇÃO:** Parcela relevante dos fluxos informacionais ocorre na página do Facebook do coletivo Família de Rua. Além da divulgação dos encontros, lá se encontram informações referentes à cidade, movimentos de ocupação e outros coletivos.

○ O SENSO COMUM LIGA A CULTURA *HIP-HOP* À MARGINALIDADE E EU VERIFIQUEI QUE O DUELO DE MCS AJUDA A QUEBRAR ESSA VISÃO, UMA VEZ QUE ESSE EVENTO CONTA COM UM TRABALHO MUITO INTENSO DE EDUCAÇÃO, POLITIZAÇÃO E REIVINDICAÇÃO DE DIREITOS SOCIAIS. A MANIFESTAÇÃO DO DUELO DE MCS PROMOVE A CIDADANIA A PARTIR DO MOMENTO QUE PERMITE AOS CIDADÃOS O EXERCÍCIO DE SEUS DIREITOS, SEJA OCUPANDO UM ESPAÇO QUE É PÚBLICO, SEJA DISCUTINDO AS POLÍTICAS DE SUA CIDADE” (JÚNIOR, 2013).

Imagem 21 - Grupo: Duelo de MCs BH (Douglas Din)



Fonte: Duelo de MC's – Família de Rua (2019)

Imagem 22 - Grupo: Duelo de MCs BH (Douglas Din)



Fonte: Duelo de MC's – Família de Rua (2019)

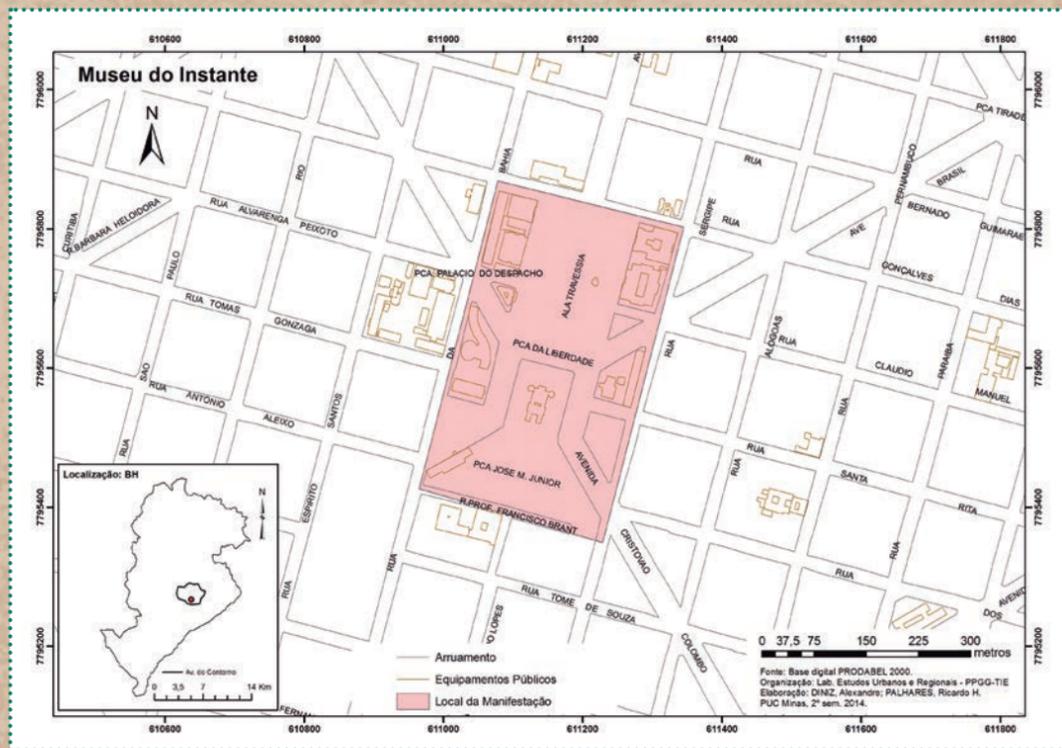
MUSEU DO INSTANTE

○ O MUSEU DO INSTANTE É UMA INTERVENÇÃO CULTURAL NA PRAÇA DA LIBERDADE QUE DESCONSTRÓI A IDEIA DO MUSEU TRADICIONAL PARA RECONSTRUI-LO NA ESCALA URBANA.

ABARCA ATIVIDADES COMO TEATRO DE RUA, CINEMA AO AR LIVRE, TROCA DE MUDAS E DIVERSAS OUTRAS INTERVENÇÕES ESPONTÂNEAS. É UM MECANISMO PARA DIVULGAR AS ARTES DE MANEIRA INFORMAL, RELACIONANDO CULTURA COM A VIDA COTIDIANA.

- FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA: artes/cultura;
- ESTILO ARTÍSTICO: livre;
- MISSÃO/OBJETIVOS: Reduzir a distância entre o conteúdo dos museus e a cultura que é produzida cotidianamente na cidade, valorizar práticas e acontecimentos instantâneos que ocorrem no espaço público;

Mapa 25 - Território do Museu do Instante



Fonte: Criado a partir de Belo Horizonte (2000)

- TIPOLOGIA/PERFIL DOS ADEPTOS: artistas, músicos e outros;
- FUNDAÇÃO: 2014 (edital Circuito Aberto – Circuito Cultural Praça da Liberdade);
- LOCAL DE MANIFESTAÇÃO: Praça da Liberdade.

CRONOLOGIA

2014

25 DE JANEIRO:

Foram convidados para atividades grupos que promovem ações culturais nos espaços públicos de Belo Horizonte, como Sarau Vira Lara, Tirana Cia. de Teatro, Kamelô Gráfico, Em Nome do Amor, Troca de Mudas, Menestréis Errantes, Dedos Verdes, Micrópolis e Liga Brasileira de Queimada.

- TECNOLOGIAS/DIVULGAÇÃO: Página oficial no Facebook e site oficial Dobra Oficina de Arquitetura.

Imagem 23 - O Museu na praça



Fonte: Grupo: Museu do Instante (2019)

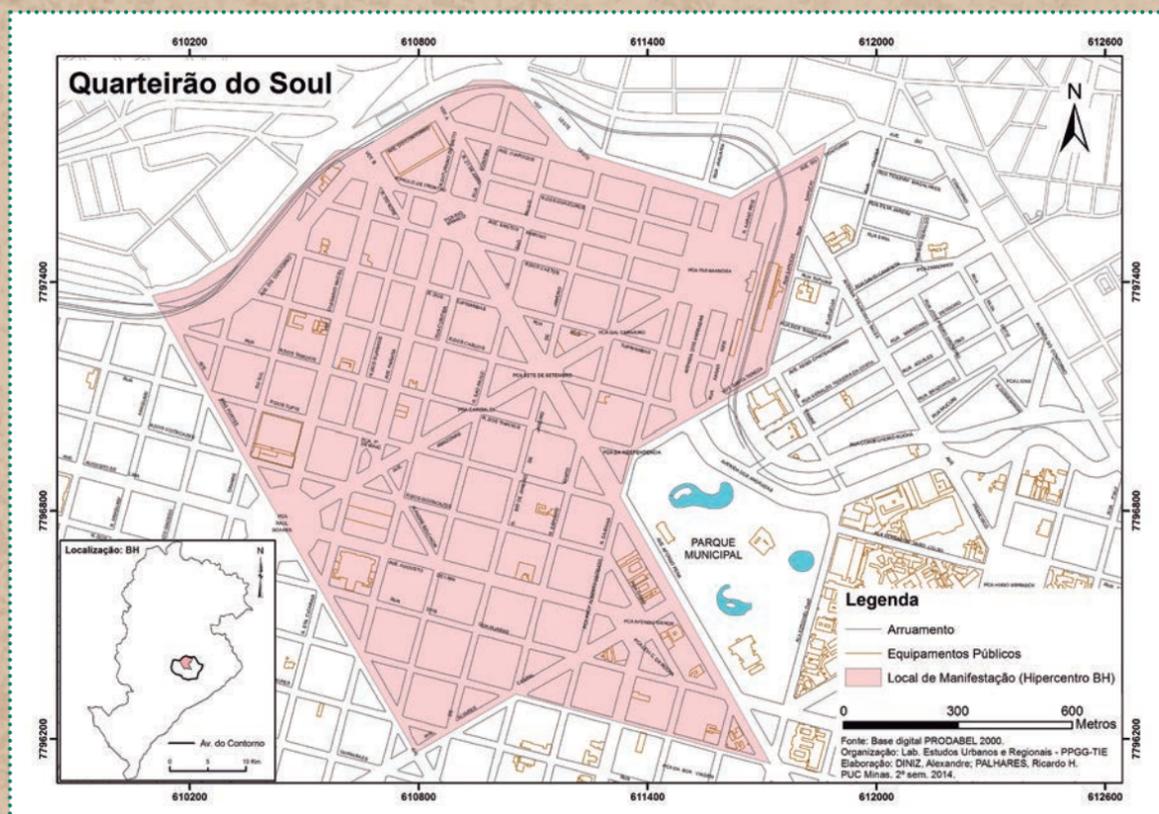
QUARTEIRÃO DO SOUL

ENCONTRO DE PESSOAS QUE CURTEM BLACK MUSIC PARA ESCUTAR BOA MÚSICA E DANÇAR NA RUA.

É representado pela figura de James Brown, ícone que tem seus passos e roupas copiados pelos frequentadores do espaço. Monta-se uma pick-up de vinis na calçada, estendem-se tapetes de carpete na rua e está montada a festa. Figurões que parecem ter vindo diretamente da década de 1970 dão um show na “pista”. Tudo isso numa rua no Centro de Belo Horizonte.

- **FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA:** música/dança;
- **ESTILO ARTÍSTICO:** soul;
- **MISSÃO/OBJETIVOS:** manter jovem a soul music, pois “o soul nunca envelhece”.
- **TIPOLOGIA/PERFIL DOS ADEPTOS:** não há imposição de faixa etária para os que querem participar dos encontros. A maioria dos dançarinos tem em torno de 50 anos de idade, mas há participação de jovens e crianças.

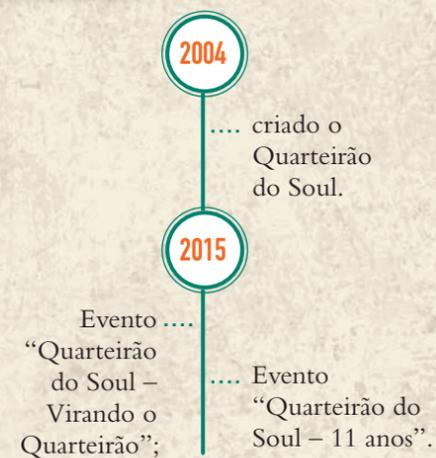
Mapa 29 - Território do Quarteirão do Soul



Fonte: Criado a partir de Belo Horizonte (2000)

- **FUNDAÇÃO:** em Belo Horizonte, o movimento soul começou com os chamados bailes black, que aconteciam no Centro da cidade nos anos 1970, mas o movimento se extinguiu. Em 2004, um grupo de amigos se reuniu no quarteirão da Rua Goitacazes, entre as ruas São Paulo e Curitiba, no Centro da capital. Eles estavam em uma Caravan 86 onde colocaram o som para tocar e começaram a dançar. O encontro de sete amigos propiciou o resgate da soul music e seu estilo. A localização central proporcionou um ponto de encontro em um local até então praticamente sem movimento aos sábados. Foi fundado com o objetivo de reencontrarem os amigos que frequentavam os bailes black nos anos 1970 que, com o passar dos anos, foram expurgados para a periferia da cidade;
- **LOCAL DE MANIFESTAÇÃO:** hipercentro ampliado de Belo Horizonte.

CRONOLOGIA



- **TECNOLOGIAS/DIVULGAÇÃO:** Utilizam o perfil do grupo no Facebook para divulgação dos encontros e participações em outros espaços. Os encontros acontecem todos os sábados, de 14h às 22h, na Rua Santa Catarina entre Avenida Amazonas e Rua Tupis.

Imagem 31 - Quarteirão do Soul no centro da capital



Fonte: Quarteirão do Soul (2019)

Imagem 32 - Apresentação do Quarteirão do Soul



Fonte: Quarteirão do Soul (2019)

“O RESGATE DA MEMÓRIA E A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA SÃO MARCAS FORTES DO MOVIMENTO QUE PODEM SER LEVADAS A UM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO. VIVEMOS UM MOMENTO DE RECONHECIMENTO E APROPRIAÇÃO DAS CULTURAS E IDENTIDADES AFRO E O QUARTEIRÃO DO SOUL É UMA PROPOSTA DE INTERDISCIPLINARIDADE PARA ESTE TRABALHO DE CONSCIENTIZAÇÃO DOS ALUNOS.”

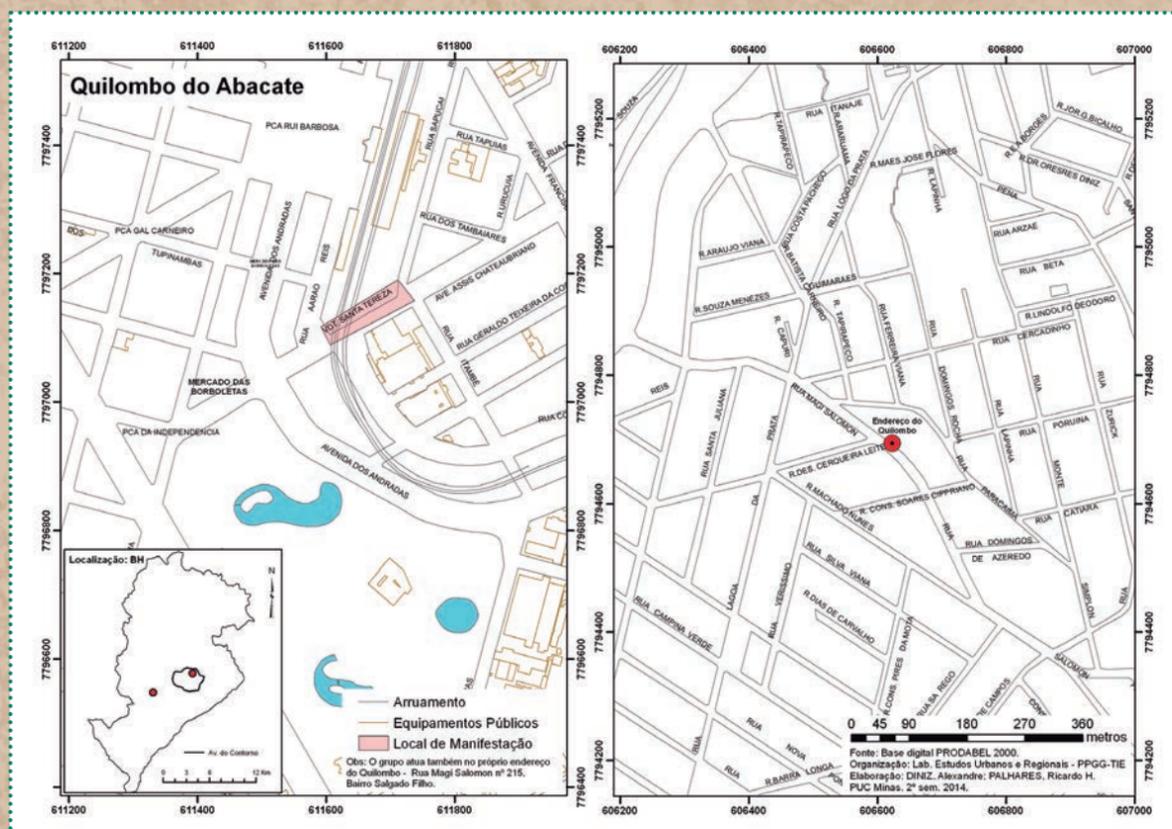
QUILOMBO DO ABACATE

É UM ESPAÇO ABERTO A VIVÊNCIAS ATRAVÉS DA ARTE E DA CULTURA, PERMITINDO TROCAS, EXPERIÊNCIAS E APRENDIZADOS.

COM CINEMA, CARRINHO DE ROLIMÃ, ARRAIÁ JUNINO, MÚSICA, DENTRE OUTRAS DIVERSAS EXPRESSÕES ARTÍSTICAS.

- FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA: diversa;
- ESTILO ARTÍSTICO: livre;
- MISSÃO/OBJETIVOS: promover vivências através da arte e da cultura, permitir trocas, experiências e aprendizados, incentivar manifestações artísticas, ideias absurdas e parceiros de criatividade a favor da multiplicidade dos sentidos e do dinamismo do espaço;

Mapa 30 - Território do Quilombo do Abacate



Fonte: Criado a partir de Belo Horizonte (2000)

- TIPOLOGIA/PERFIL DOS ADEPTOS: participantes da página do Facebook, entre 25 e 34 anos;
- FUNDAÇÃO: 30 de agosto de 2011;
- LOCAIS DE MANIFESTAÇÃO: Viaduto Santa Tereza, Quilombo do Abacate (Rua Magi Salomon, nº 215, bairro Salgado Filho.)

CRONOLOGIA

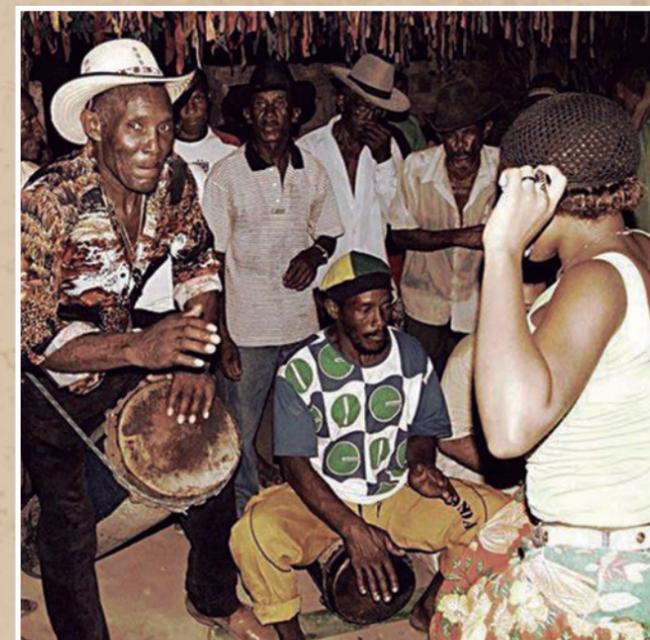
- 2011**
 - SETEMBRO: divulgação do Cine Abacate.
- 2012**
 - OUTUBRO: primeiro Mundialito de Rolimã do Abacate.
- 2013**
 - JULHO: ArraiáBacate do Quilombo.
- 2014**
 - JUNHO: o Quilombo do Abacate recebeu Mestre Wanderley, que ministrou oficina sobre o Tambor de Crioula. A oficina contou também com a participação do percussionista maranhense Paulo Lobato.
- TECNOLOGIAS/DIVULGAÇÃO: Foi usada basicamente a rede Facebook para divulgar seus eventos, além do site de vídeos YouTube.

Imagem 33 - Apresentação do Quilombo



Fonte: Quilombo do Abacate (2019)

Imagem 34 - Quilombo interage com público



Fonte: Quilombo do Abacate (2019)

Imagem 35 - Quilombo na rua



Fonte: Quilombo do Abacate (2019)

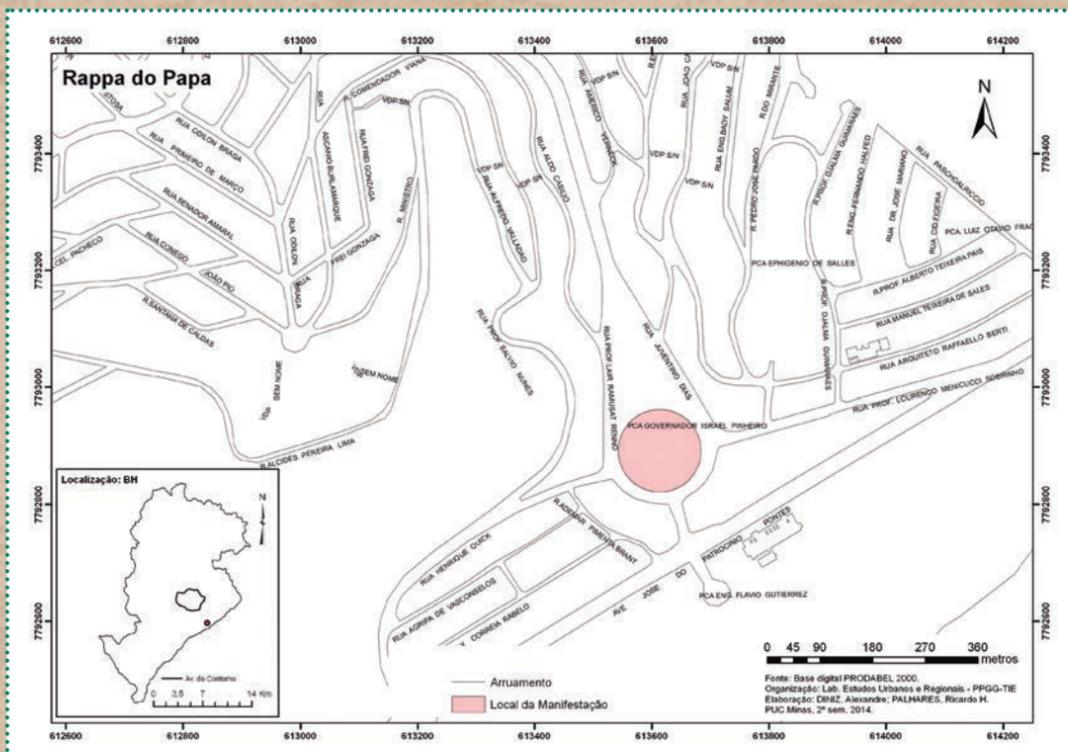
RAPA DO PAPA

ENCONTRO CULTURAL REALIZADO EM PROL DO RAP NACIONAL.

DUELO, DEBATES E DISPOSIÇÃO. TODO DOMINGO, NA PRAÇA DO PAPA.

- FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA: música;
- ESTILO ARTÍSTICO: *hip-hop/rap*;
- MISSÃO/OBJETIVOS: reafirmar a cena de *hip-hop* e *rap* de Belo Horizonte;
- TIPOLOGIA/PERFIL DOS ADEPTOS: apreciadores de *hip-hop/rap* de diversas idades/sexo/grau de escolaridade;
- FUNDAÇÃO: 2013;
- LOCALIZAÇÃO: Praça do Papa, Belo Horizonte;
- LOCAL DE MANIFESTAÇÃO: Praça do Papa, Belo Horizonte.

Mapa 31 - Território do Rappa do Papa



Fonte: Criado a partir de Belo Horizonte (2000)

CRONOLOGIA

2013

12 DE MAIO:
Debate Político
+ Batalha do
Conhecimento;

26 DE MAIO:
Pocket Show +
Batalha Tradicional;

2 DE JUNHO:
sarau de livre
expressão e duelo
Bate e Volta de duplas;

16 DE JUNHO:
Tributo e Batalha
dos Personagens;

05 DE MAIO:
Sarau +
Bate e Volta;

19 DE MAIO:
Tributo + Batalha
do Personagem;

27 DE MAIO:
Ata da Reunião
Geral da Rapa do
Papa;

9 DE JUNHO:
Debate e
Batalha do
Conhecimento;

23 DE JUNHO:
Show e Duelo
Tradicional (Dia D).

2014

11 DE OUTUBRO:
contando com shows
de três artistas de peso
da cena conterrânea,
na Jungle Music Bar,
acontece a primeira
edição da festa
“RAPBH”.

- TECNOLOGIAS/DIVULGAÇÃO: A página no Facebook é o principal meio de divulgação das atividades. É um espaço democrático onde outros eventos ligados a *hip-hop* também são divulgados.

“SOMOS UM MOVIMENTO CULTURAL,
OCUPANDO A PRAÇA DO PAPA, UMA
PRAÇA PÚBLICA, QUEREMOS APENAS
OCUPÁ-LA COM CULTURA, COM
RESPEITO, COM EDUCAÇÃO E UNIÃO.”

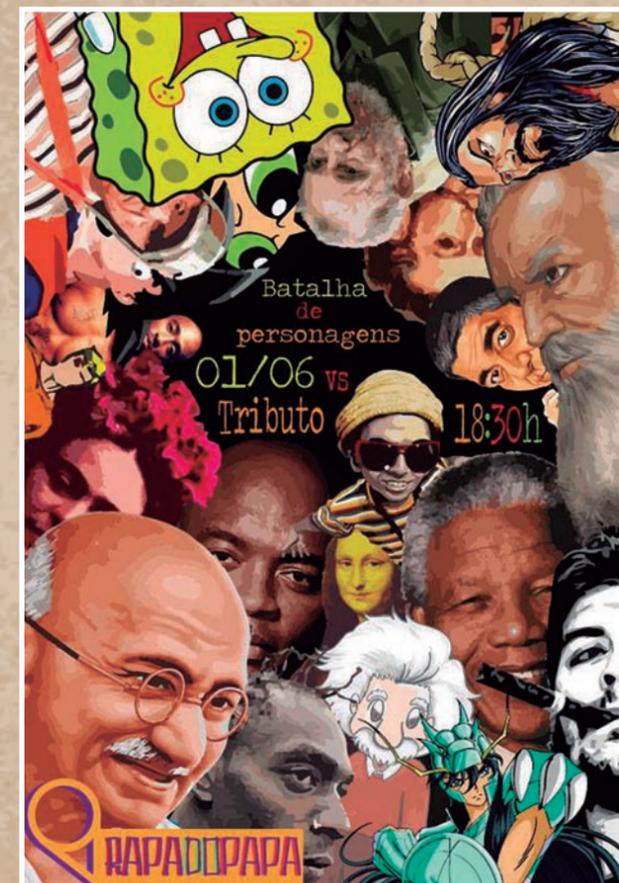
<https://www.facebook.com/watch/?v=653755451356064>
Acesso em: 25/08/19

Imagem 36 - Sarau do Rapa na Praça do Papa



Grupo: Rapa do Papa (2019)

Imagem 37 - Grupo anuncia evento



Grupo: Rapa do Papa (2019)

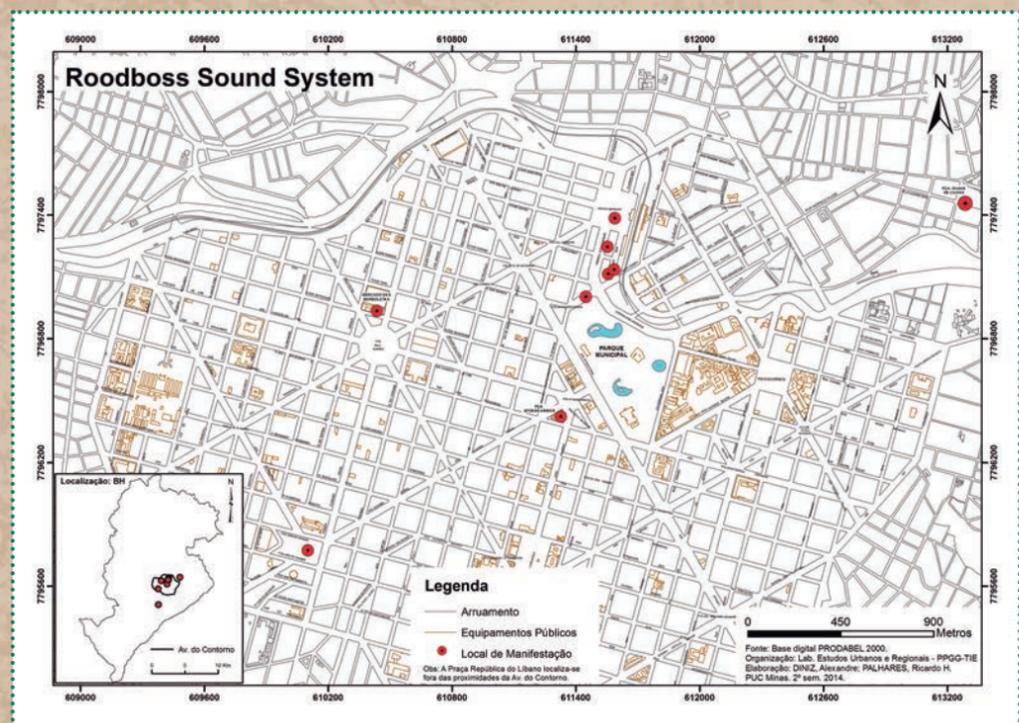
ROODBOSS SOUNDSYSTEM

- O ROODBOSS SURTIU INSPIRADO PELA CULTURA SOUND SYSTEM ORIGINADA NA JAMAICA NOS ANOS 50. TRATA-SE DE UM SISTEMA DE SOM CONSTITUÍDO POR AMPLIFICADORES, FALANTES, CROSSOVER, EQUALIZADORES, TOCA-DISCOS E PERIFÉRICOS SOMADOS À EQUIPE QUE CONTROLA ESTE EQUIPAMENTO.

A seleção musical é focada na era de ouro da música jamaicana: produções da década de 60 e início dos anos 70. Prensados em 7" em sua maioria, muitos destes discos foram adquiridos na própria ilha caribenha. Sendo assim, ritmos como *ska*, *rocksteady* e *early reggae* predominam nos bailes, acompanhados por demais vertentes como *dub*, *deejay*, *dancehall*, *rub-a-dub*, entre outros.

- FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA: música
- ESTILO ARTÍSTICO: *reggae* e suas demais vertentes
- MISSÃO/OBJETIVOS: A essência é disseminar esta rica sonoridade, mantendo viva a cultura jamaicana. Sendo assim, o RoodBoss complementa propostas promovendo tanto bailes a céu aberto (RoodBossHometown) quanto bailes indoor (RoodBossDownbeat). Com sistema de som próprio, também se apresenta em festivais organizados por terceiros e seus seletores participam dos melhores eventos do gênero na cidade. Com energia inigualável, o RoodBoss vem alegrando pessoas de todo tipo e idade por onde passa.

Mapa 32 - Território RoodBoss Soundsystem



Fonte: Criado a partir de Belo Horizonte (2000)

- TIPOLOGIA/PERFIL DOS ADEPTOS: Jovens entre 16 a 30 anos, skinheads e adeptos de diferentes estilos alternativos.
- FUNDAÇÃO: As atividades tiveram início em 2008 instalando-se nas ruas e praças de Belo Horizonte. Além de potencializar o bom uso dos espaços públicos, os eventos aproximam uma enorme quantidade e diversidade de pessoas que acabam contaminadas pelos ritmos num clima de pura diversão e harmonia.
- LOCAIS DE MANIFESTAÇÃO: Praça Duque de Caxias, Viaduto Santa Tereza, Praça Afonso Arinos, Praça Carlos Chagas, Praça da Estação, Praça República do Líbano, Mercado das Borboletas, Nelson Bordello (Rua Aarão Reis, 554), Av. dos Andradas (nas proximidades do edifício central), BAIXO centro cultural (antigo Nelson Bordello) entre outros.

CRONOLOGIA

2008

.... O RoodBoss Soundsystem iniciou suas atividades em 2008 instalando-se nas ruas e praças da cidade.

2011

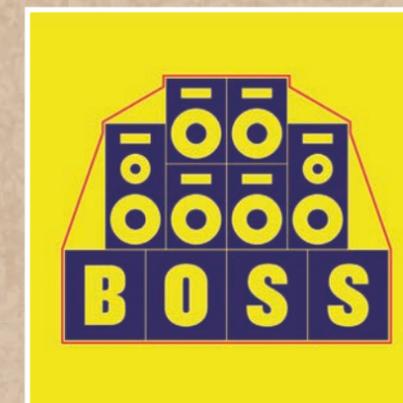
Em 2011 o projeto teve a oportunidade de ampliar sua atuação trazendo cultuados nomes da velha guarda jamaicana para se apresentar em pessoa na cidade. Já passaram por aqui: Jackie Bernard, lead singer do trio vocal The Kingstonians; o seletor Dexter 'Echo' Campbell, detentor da maior coleção de discos do gênero e membro fundador do EchoVibrationsound system; King Stitt (RIP), deejay fundação da cultura sound system jamaicana à frente do CoxsonDownbeat e; Dennis Alcapone, deejay pioneiro e criativo que consolidou o estilo singjay, influenciando toda uma nova geração

2015

.... 2015 o projeto completa 7 anos, e em Janeiro se apresentaram com o artista internacional no BAIXO Centro Cultural.

- TECNOLOGIAS/DIVULGAÇÃO: As ferramentas de tecnologia reconhecidas é a utilização da internet para divulgação de eventos através da fanpage do Facebook, e também equipamentos de multimídia como notebook, caixas de som, amplificadores, entre outros.

Imagem 40 - Grupo Rood Soundsystem



Fonte: Grupo Rood Soundsystem (2012)

Imagem 41 - Grupo Rood Soundsystem



Fonte: Grupo Rood Soundsystem (2012)

SAMBA DA MEIA NOITE

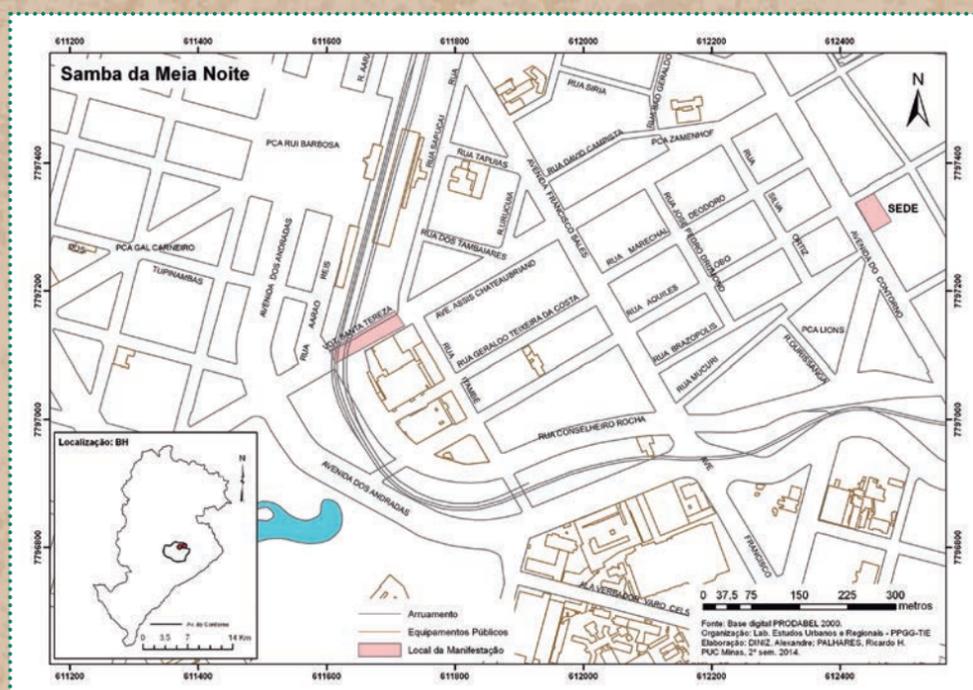
○ O SAMBA DA MEIA NOITE É UMA FAMÍLIA DE SAMBADORES E SAMBADEIRAS, QUE TRAZ EM SEUS BATUQUES E CHULAS AS HERANÇAS, LEMBRANÇAS E VIVÊNCIAS ANCESTRAIS DE UMA CULTURA SINGULAR QUE TEM ORIGEM NO RECÔNCAVO BAIANO.

Através da oralidade multirregional tipicamente brasileira, o Samba da Meia Noite expressa, com um tempero mineiro, a herança deste legado de acordo com a história de cada membro do grupo.

O grupo Samba da Meia Noite é composto pelos músicos: Jefferson Gomes, Luiz Carlos, Tico Percussão, Elton Alabe e Marcos Eduardo e dançarinos: Erika Rocha, Gabriel Mendes, Milene Braz, Rogeria Belarmino, Valeria Silva, Iara Araujo, Kelly Cristina e Luana.

- **FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA:** música/dança
- **ESTILO ARTÍSTICO:** samba
- **MISSÃO/OBJETIVOS:** por intermédio do samba de roda, busca afirmar, sustentar, divulgar e manter a riqueza cultural brasileira.
- **TIPOLOGIA/PERFIL DOS ADEPTOS:** tanto os membros que compõem o grupo quanto o público que acompanha as manifestações são de predominância do sexo feminino, não havendo uma homogeneidade etária.

Mapa 33 - Território Samba da Meia Noite



Fonte: Criado a partir de Belo Horizonte (2000)

- **FUNDAÇÃO:** criado em março de 2012, idealizado por Jefferson Gomes, o grupo é composto por percussionistas e sambadeiras, iniciando suas intervenções artísticas debaixo do viaduto Santa Tereza, a partir da meia noite.
- **LOCAL DE MANIFESTAÇÃO:** principais atuações ocorrem sob viaduto Santa Tereza; Sede: Avenida do Contorno, 2145 Bairro: Floresta.

○ CRONOLOGIA

- 2011**
 - Samba da Meia Noite, debaixo do Viaduto Santa Tereza, Belo Horizonte (MG), evento de rua quinzenal, desde 2011
- 2012**
 - SETEMBRO:** Virada Cultural de Belo Horizonte
 - NOVEMBRO:** BH Music Station (MG)
 - DEZEMBRO:** I Festival de Artes Afro-diaspóricas de Ouro Preto (MG)
 - NOVEMBRO:** Tambores do Brasil, Belo Horizonte (MG)
- 2013**
 - **MAIO:** Conexão (MG) maio/2013.
- 2014**
 - SETEMBRO:** Virada Cultural de Belo Horizonte

- **TECNOLOGIAS/DIVULGAÇÃO:** A ferramenta de tecnologia reconhecida é a utilização da internet para divulgação de eventos através da fanpage do *Facebook*.

Imagem 42 – Grupo Samba da Meia Noite



Fonte: Grupo Samba da Meia Noite (2012)

Imagem 43 – Grupo Samba da Meia Noite



Fonte: Grupo Samba da Meia Noite (2012)

O INTENSO REPERTÓRIO DE SAMBAS E BATUQUES É FRUTO DA VIVÊNCIA DO COORDENADOR DO GRUPO, JEFFERSON GOMES, DURANTE SUA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA NO MUNICÍPIO MINEIRO DE ALMENARA, NA BACIA DO RIO JEQUITINHONHA, ONDE AS CANTORIAS DE BEIRA-RIO (AS CHULAS E OS BENDITOS) ERAM ENTOADAS INCANSAVELMENTE PELOS MORADORES DA REGIÃO.

SAMBA DE TERREIRO

O GRUPO SAMBA DE TERREIRO É COMPOSTO PELOS MÚSICOS:

Camilo Gan, Leonardo Alabê, Cumpadre Carlinhos e Lucio Angola (percussão e vocal). E pelas sambadeiras: Elba Santos, Erika Rodrigues, Camila Sa e Chica Reis.

FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA: música/dança

ESTILO ARTÍSTICO: samba

MISSÃO/OBJETIVOS: divulgar a história e relembrar as origens do samba através de shows, performances, intervenções urbanas, oficinas, vivências, palestras e shows didáticos promovendo a educação, socialização e eventos culturais, são os principais objetivos do grupo.

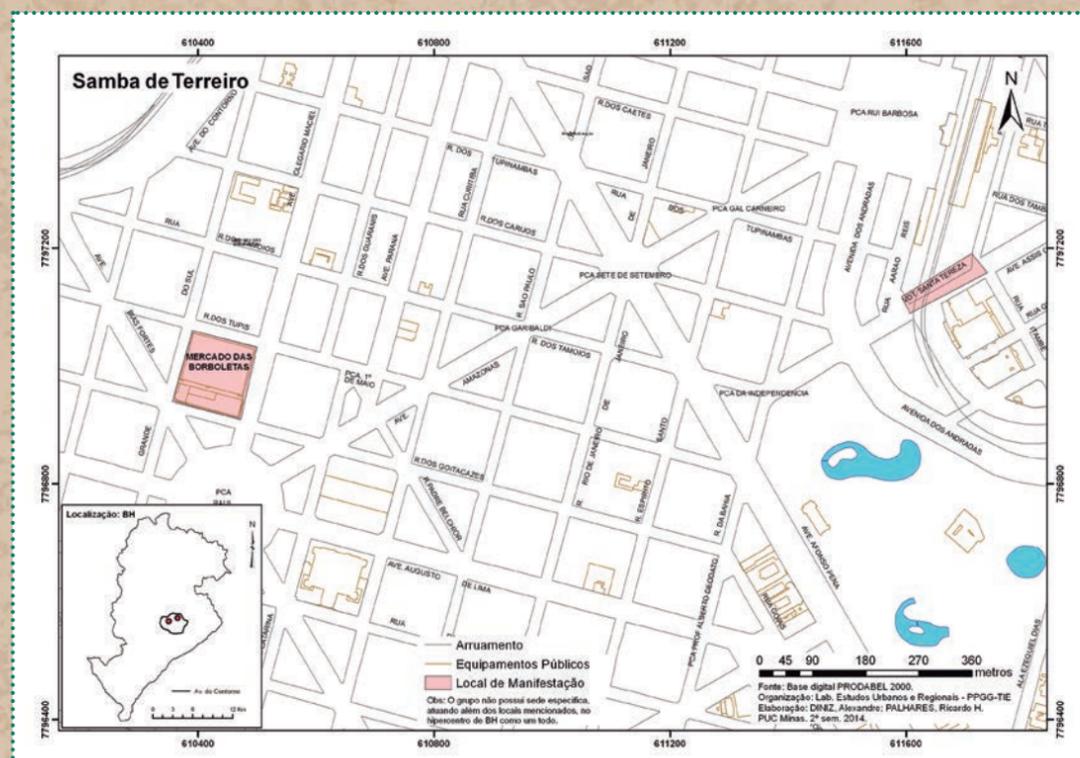
TIPOLOGIA/PERFIL DOS ADEPTOS: o público que acompanha as manifestações é de predominância do sexo feminino não havendo uma homogeneidade etária.

FUNDAÇÃO: criado em 2002 por Camilo Gan também conhecido como Fabiano Camilo, o grupo nasceu da vontade do mesmo de levar ao conhecimento da sociedade os elementos essenciais que originaram o samba, e que estão ficando esquecidos tais como: reza do corpo, ritmos, tambores, improvisação vocal e interatividade.

LOCAL DE MANIFESTAÇÃO: não possui uma sede, mas atua principalmente no hipercentro de BH; mercado das borboletas; sob o viaduto Santa Tereza.

TECNOLOGIAS/DIVULGAÇÃO: A ferramenta de tecnologia reconhecida é a utilização da internet para divulgação de eventos através da fanpage do Facebook.

Mapa 34 - Território Samba de Terreiro



Fonte: Criado a partir de Belo Horizonte (2000)

REFERENTE À PRÁTICAS EDUCATIVAS O GRUPO ATUOU NOS SEGUINTE PROJETO:

- ARTE E CULTURA, SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, (BH/MG);
- PROGRAMA PARA JOVENS, SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, (BH/MG);
- CRIANÇA NEGRA CRIANÇA LINDA, PASTORAL DO NEGRO, (BH/MG);
- TODA CRIANÇA SORRIR NA MESMA COR, PASTORAL DO NEGRO, (BH/MG);
- TUDO AVER, SECRETÁRIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, (BH/MG);
- PROGRAMA FICA VIVO, COORDENADORIA ESPECIAL DE PREVENÇÃO
- À CRIMINALIDADE POR MEIO DOS CENTROS DE PREVENÇÃO À CRIMINALIDADE (BH/MG).
- PROJETO EDUCAÇÃO PELO TAMBOR, CONTAGEM, (MG);
- HISTORIA DA ÁFRICA FAVIUV COM O GRUPO BATAKA, (SC);
- PROJETO ARENA DA CULTURA, SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, EQUIPE DE PATRIMÔNIO CULTURAL, (BH/MG).

CRONOLOGIA



Imagem 43 – Grupo Samba de Terreiro



Fonte: Grupo Samba de Terreiro (2014)

Imagem 44 – Grupo Samba de Terreiro

Fonte: Grupo Samba de Terreiro (2014)



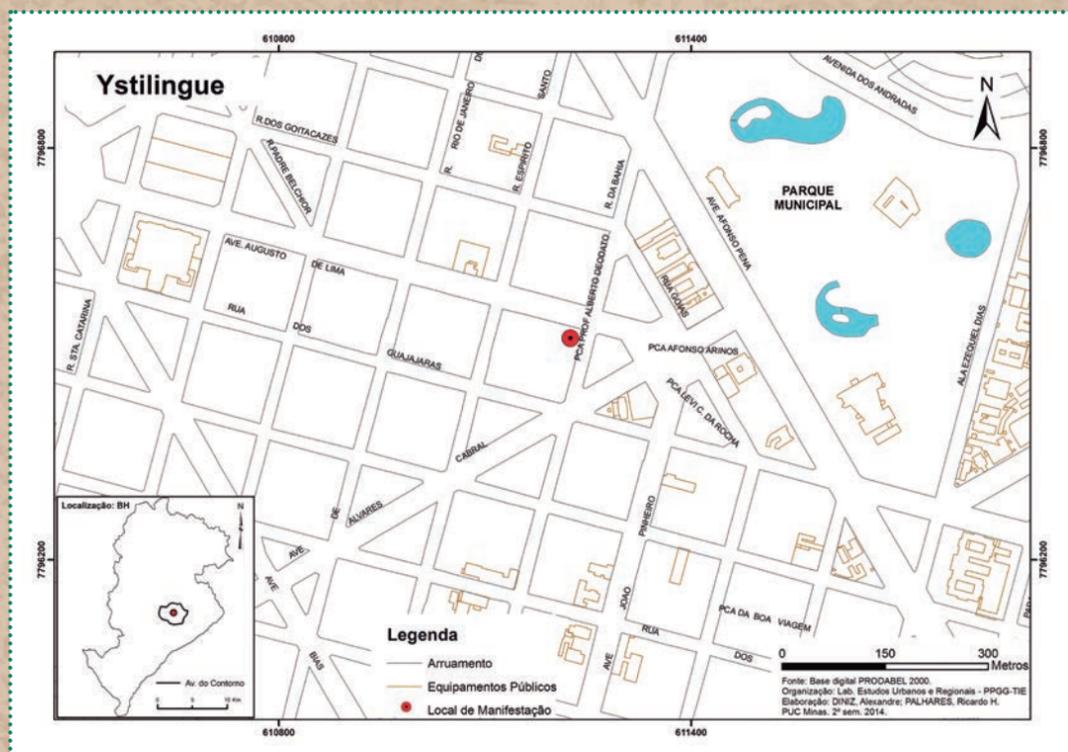
YSTILINGUE

○ O YSTILINGUE EM SEUS MAIS DE 10 ANOS DE ATIVIDADE ACOLHEU DIVERSOS COLETIVOS COM PROPOSTAS DIVERSIFICADAS.

FOI E CONTINUA SENDO LOCAL PARA AGENCIAMENTOS DE DIVERSAS PROPOSTAS COMO MÍDIA LIVRE, TEATRO DO OPRIMIDO, EXPOSIÇÕES, EXIBIÇÃO DE DOCUMENTÁRIOS.

- **FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA:** espaço autogestionado usado por diversos coletivos para ações teatrais, literárias, audiovisuais e colaborativas de modo geral.
- **ESTILO ARTÍSTICO:** variado e múltiplo
- **MISSÃO/OBJETIVOS:** “É conectar várias matrizes de práticas de compartilhamento de produção de conhecimento, e de uso aberto das coisas. A ideia de conectar espaço urbano, ferramentas lógicas - software, plataforma, internet -, e produção material segundo esse conceito de ferramentas livres e cultura livre. Ou seja, não é pra ser... ideia não pode ser, de ter dono. Produção imaterial não tem dono (...).” (SILVA, 2013, p. 106).
- **FUNDAÇÃO:** 2001
- **LOCAL DE MANIFESTAÇÃO:** edifício Maletta, sobreloja 35.

Mapa 36 - Território Ystilingue



Fonte: Criado a partir de Belo Horizonte (2000)

CRONOLOGIA

2001
2012

Teve funcionamento ininterrupto, sendo espaço para agenciamentos de propostas variadas sempre com a construção de ações autogestionárias.

2013
2014

Após passar por reformas o Espaço Ystilingue reabriu suas portas sendo agora mobilizado por associações sem fins lucrativos. Essas associações ou mesmo propostas de pequenos grupos são discutidas e viabilizadas pelos seus integrantes. O Espaço Ystilingue continua sendo local para o compartilhamento de conteúdos diversos.

○ **TECNOLOGIAS/DIVULGAÇÃO:** Blog, *flyers* de eventos nas redes sociais.

O ESPAÇO YSTILINGUE É LOCAL PARA ENCONTROS DE COLETIVOS QUE SE REÚNEM EM TORNO DE PLANEJAMENTO DE PROPOSTAS DIVERSAS. EM CERTA MEDIDA, ACOLHEU GRUPOS QUE ESTUDAVAM OU MILITAVAM EM DETERMINADAS CAUSAS, COMO DOS VEGANOS, TEATRO DO OPRIMIDO, MÍDIA INDEPENDENTE. É, SOBRETUDO, ESPAÇO PARA ENCONTROS PÚBLICOS EM UM EDIFÍCIO QUE É LENDÁRIO NA HISTÓRIA DA CAPITAL MINEIRA. SEGUNDO O SEU IDEALIZADOR, O YSTILINGUE CANALIZOU INTERAÇÕES E AGENCIAMENTOS EM TORNO DO PÚBLICO E DOS ENCONTROS ENTRE “ESTRANHOS” (SILVA, 2013).

Imagem 47 – Grupo Ystilingue



Fonte: Grupo Ystilingue (2019)

Imagem 48 – Grupo Ystilingue



Fonte: Grupo Ystilingue (2019)

REFERÊNCIAS

(EM ORDEM DE APARIÇÃO)

4E25. **Tudo**. [Belo Horizonte, 2019]. Disponível em: <https://4e25.org/category/projetos>. Acesso em: 18 set. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO 4Y25. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos**. Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

4E25. **Foto de Perfil**. Belo Horizonte, 28 nov. 2015. Bêhance: 4e25. Disponível em: <https://www.behance.net/4e25/info>. Acesso em: 23 set. 2019.

AZUCRINA. **Mural**. Foto 06. [Belo Horizonte], 22 mar. 2012. Cargo Collective: az5kid. Disponível em: <https://cargocollective.com/az5kid/following/az5kid/QUEBRADA>. Acesso em 23 set. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO A OCUPAÇÃO. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos**. Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

A OCUPAÇÃO. **Sobre**. [Belo Horizonte], 05 jul. 2013. Facebook: @AOcupacao. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/AOcupacao/about/>. Acesso em 23 set. 2019.

A OCUPAÇÃO. **O Corredor Cultural já existe!**: Venha ocupar com a gente [...]. Belo Horizonte, 05 jul. 2013. Facebook: @AOcupacao. Disponível em: <https://www.facebook.com/AOcupacao/photos/a.548753105187302/548755558520390/>. Acesso em 23 set. 2019.

A OCUPAÇÃO. **Ocupe a cidade!**: A Ocupação está de volta a um dos principais palcos [...]. [Belo Horizonte], 20 jun. 2014. Facebook: @AOcupacao. Disponível em: <https://www.facebook.com/AOcupacao/photos/a.548753105187302/727759757286635/>. Acesso em 19 set. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO A ZICA. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos**. Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

A ZICA. **A Zica / Urubois**. Belo Horizonte, 04 abr. 2015. Tumblr: azica. Disponível em: <https://azica.tumblr.com/post/115535140950/a-zica-urubois-urubois-foi-um-selo-criado-para>. Acesso em: 23 set. 2019.

A ZICA. Belo Horizonte: [s. n.], edição #0, set. 2010. Disponível em: <https://issuu.com/canhotagem/docs/azica0>. Acesso em: 23 set. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO ASSOCIAÇÃO EU SOU ANGOLEIRO. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos**. Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL EU SOU ANGOLEIRO (ACESA). **O olhar de Antonio Russillo sobre a roda da ACESA**. Foto 54. [Belo Horizonte], 23 jan. 2015. Facebook: @acesaeusouangoleiro. Disponível em: <https://www.facebook.com/acesaeusouangoleiro/photos/a.1547767725491895/1547782302157104/>. Acesso em: 25 set. 2019.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL EU SOU ANGOLEIRO (ACESA). **Foto de Perfil**. Foto 01. [Belo Horizonte], 11 jul. 2016. Facebook: @acesaeusouangoleiro. Disponível em: <https://www.facebook.com/acesaeusouangoleiro/photos/a.1521454678123200/1774827992785866/>. Acesso em: Acesso em: 25 set. 2019.

PLATAFORMA corpocidade. [2019]. Disponível em: <http://www.corpocidade.dan.ufba.br/>. Acesso em: 26 set. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Invenção de Práticas do Não Saber. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **6º Festival de Verão da UFMG**. [Belo Horizonte], 2012. Disponível em: <https://www2.ufmg.br/festivaldeverao/Festival/Oficinas/Projetos-Especiais/Invencao-de-Praticas-do-Nao-Saber>. Acesso em: 26 set. 2019.

FUTEBOL e cidade: Belo Horizonte, dia 8 de janeiro de 2012. Amanhecemos com a notícia: “Prefeitura de BH coloca campos de várzea à venda”. **Blog do Juca Kfour**, [S. l.], 11 jan. 2012. Esportes. Disponível em: <https://blogdojuca.uol.com.br/2012/01/futebol-e-cidade/>. Acesso em: 26 set. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO BAIXO BAHIA. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos**. Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

BAIXO BAHIA. **BAixo Bahia tem o prazer de mais uma vez dividir o título de Campeã com todos os movimentos sociais, culturais, políticos e gastronômicos da grande BH que participaram da I Copo do Povo [...]**. Belo Horizonte, 22 jun. 2014a. Facebook: @BAixoBAhIA. Disponível em: <https://www.facebook.com/BAixoBAhIA/photos/a.219983884720994/755359171183460/>. Acesso em: 26 set. 2019.

BAIXO BAHIA. **Nota de esclarecimento**: Viemos através desta nota informar e esclarecer os fatos ocorridos na Copa dos Povos ontem durante a #ocupação7 envolvendo o Baixo Bahia e demais times escalados [...]. Belo Horizonte, 23 jun. 2014b. Facebook: @BAixoBAhIA. Disponível em: <https://www.facebook.com/BAixoBAhIA/photos/a.219983884720994/755542024498508/>. Acesso em: 26 set. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO BAQUE DE MINA. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos**. Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

BAQUE DE MINA. **Foto de Capa**. Foto 77. [Belo Horizonte], 02 fev. 2013a. Facebook: @BaqueDeMina. Disponível em: <https://www.facebook.com/BaqueDeMina/photos/a.327432454033149/327432457366482/>. Acesso em: 26 set. 2019.

BAQUE DE MINA. **Baque na Marcha**. Fotografia de Tahiana Saúde. [Belo Horizonte], 08 mar. 2013b. Facebook: @BaqueDeMina. Disponível em: <https://www.facebook.com/BaqueDeMina/photos/a.327439270699134/342297102546684/>. Acesso em: 26 set. 2019.

BAQUE DE MINA. **Foto de Perfil**. [Belo Horizonte], 14 maio 2013. Facebook: @BaqueDeMina. Disponível em: <https://www.facebook.com/BaqueDeMina/photos/a.327425274033867/523511421091917/>. Acesso em: 26 set. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO BATALHA DA ESTAÇÃO. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos**. Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

BATALHA DA ESTAÇÃO. É uma pena nosso querido amigo não estar aqui pra compartilhar conosco a primeira sexta feira de Batalha da Estação com Caixa de Som e Microfone [...]. [Belo Horizonte], 12 fev. 2014a. Facebook: @BatalhaDaEstacaoBHZ. Disponível em: <https://www.facebook.com/BatalhaDaEstacaoBHZ/photos/a.517735461636896/592090337534741/>. Acesso em: 02 out. 2019.

BATALHA DA ESTAÇÃO. **SEXTA É DIA DE BATALHA DA ESTAÇÃO!**. [Belo Horizonte], 05 out. 2014b. Facebook: @BatalhaDaEstacaoBHZ. Disponível em: <https://www.facebook.com/BatalhaDaEstacaoBHZ/photos/a.517735461636896/713788488698258/>. Acesso em: 02 out. 2019.

O HIP HOP é foda. Direção de Filipe Borba. [São Paulo]: Laboratório Fantasma Produções LTDA. 04 set. 2013. 1 vídeo (3 min). Publicado por Rael. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e5lBmJLsw4>. Acesso em: 02 out. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO BATALHA DA SANTÊ. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos.** Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

BATALHA DA SANTÊ. **BATALHA DA SANTÊ 15/08/2014:** BATALHA TRADICIONAL, POCKET SHOW, POETAS ANÔNIMOS, RAP, GRAFFITI, SKATE, OCUPA A RUA. [Belo Horizonte], 11 ago. 2014. Facebook: @batalhadasantê. Disponível em: <https://www.facebook.com/batalhadasantê/photos/a.278890332284236/304651586374777/>. Acesso em: 02 out. 2019.

BATALHA DA SANTÊ. **É O REP! É O BECO!**. [Belo Horizonte], 27 ago. 2014b. Facebook: @batalhadasantê. Disponível em: <https://www.facebook.com/batalhadasantê/photos/a.315682218605047/315682265271709/>. Acesso em: 02 out. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO BH CAOS. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos.** Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

SINFONOISE DISTRO RECORDS. **Lançamento coletânea BH CAOS.** Belo Horizonte, 15 nov. 2014a. Facebook: @sinfonoise. Disponível em: <https://www.facebook.com/sinfonoise/photos/p.621765701303261/621765701303261/>. Acesso em: 02 out. 2019.

SINFONOISE DISTRO RECORDS. **É hoje e amanhã: 2 dias de caos em BH.** Belo Horizonte, 06 dez. 2014b. Facebook: @sinfonoise. Disponível em: <https://www.facebook.com/sinfonoise/photos/a.233985493414619/633505350129296/>. Acesso em: 02 out. 2019.

GADOTTI, M. Lições de Freire. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo: USP, v. 23, n. 1-2, p. 13-24, jan. 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Vozes: Rio de Janeiro, 1997.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO DO MORERÉ. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos.** Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

BLOCO DO MORERÉ. **Grupo oficial no Facebook.** [Belo Horizonte], 07 fev. 2011a. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/169111756468055>. Acesso em: 03 out. 2019.

BLOCO DO MORERÉ. **Foto de Perfil.** [Belo Horizonte], 04 jul. 2011b. Facebook: @bloco-do-moreré-123157587771154. Disponível em: <https://www.facebook.com/123157587771154/photos/a.123158261104420/123158264437753/>. Acesso em: 03 out. 2019.

BLOCO DO MORERÉ. **Moreré abrindo pro ídolo Jorge Ben Jor no evento Do Brasil S/A.** Fotografia de João Viegas. [Belo Horizonte], 23 fev. 2015. Facebook: @bloco-do-moreré-123157587771154. Disponível em: <https://www.facebook.com/123157587771154/photos/a.378774715542772/772799982806908/>. Acesso em: 03 out. 2019.

MORERÉ no Granfinos. Foto 01. [Belo Horizonte], 12 mar. 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10152276612293276&set=pcb.677986342247258>. Acesso em: 03 out. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO CASA FORA DO EIXO MINAS. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos.** Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

CASA FORA DO EIXO MINAS. **É agora!:** Temos o prazer anunciar o Lançamento da Casa Fora do Eixo Minas!. Belo Horizonte, 17 abr. 2012. Facebook: @casaforadoeixominas. Disponível em: <https://www.facebook.com/casaforadoeixominas/photos/a.240405206046544/282799551807109/>. Acesso em: 03 out. 2019.

CASA FORA DO EIXO MINAS. **É amanhã!!!:** Nesta terça-feira (23), a Casa Fora do Eixo Minas abre mais uma vez suas portas para receber a última edição do Cine na Casa [...]. Belo Horizonte, 22 set. 2014. Facebook: @casaforadoeixominas. Disponível em: <https://www.facebook.com/casaforadoeixominas/photos/a.240405206046544/729322073821519/>. Acesso em: 03 out. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO CASSINHA – ASSOCIAÇÃO CULTURAL. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos.** Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

SITE oficial da Casinha. [Belo Horizonte, 2015]. Disponível em: <http://www.casinha.art.br>. Acesso em: 21 out. 2015.

BLOG da Casinha. [Belo Horizonte, 2015]. Disponível em: <http://blogdacasinha.blogspot.com.br/>. Acesso em: 21 out. 2015.

CASINHA. **Fotos do Perfil.** [Belo Horizonte, 2015]. Facebook: @casinhacultural. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/casinhacultural/photos/?tab=album&album_id=229509757127746&ref=page_internal. Acesso em: 21 out. 2015.

CURI, E. #niverpegada – FadaRobocopTubarão. *In:* COLETIVO PEGADA. **Pegada:** Se apegas, que pega!. [Belo Horizonte, 2009]. Disponível em: <https://coletivopegada.wordpress.com/2009/09/28/niverpegada-fadarobocoptubarao/>. Acesso em: 16 out. 2019.

CASA DA ÁRVORE. **Selecionados os artistas residentes para edições de 2011.** [Belo Horizonte, 2011]. Disponível em: <http://casadaarvore.art.br/tag/resultado>. Acesso em: 16 out. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO DO COLETIVO AZUCRINA/GANG AZUCRINA. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos.** Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

GANGUE AZUCRINA. **Grafites Azucrinas!** [Belo Horizonte, 2014]. Facebook: @gangue.azucrinas. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=658462800898863&set=a.434876029924209&type=1&theater>. Acesso em: 03 jan. 2014.

GANGUE AZUCRINA. **A Coleta.** [Belo Horizonte, 2014]. Facebook: @gangue.azucrinas. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=564077080337436&set=pb.100002054475033.-2207520000.0.&type=3&theater>. Acesso em: 03 jan. 2014.

GANGUE AZUCRINA. **O Presente.** [Belo Horizonte, 2014]. Facebook: @gangue.azucrinas. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=564077037004107&set=pb.100002054475033.-2207520000.0.&type=3&theater>. Acesso em: 03 jan. 2014.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO DO COLETIVO GRAFITTI BH. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos.** Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1992. (BAKHTIN, 1992, p. 35-36).

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COLETIVO PAGADA. **Convocação para o Graffiti**. [Belo Horizonte], Facebook: @ColetivoINGraffiti. Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Coletivo-INGraffiti/146239545457554?fref=ts>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO DO COLETIVO INTERVENÇÃO GRAFFITI. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos**. Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

IN GRAFFITI. **Intervenção 1**. [Belo Horizonte], 03 jul. 2009. Disponível em: <http://intervencao graffiti.blogspot.com/search?updated-max=2009-07-07T19:49:00-03:00&max-results=10&start=59&by-date=false>. Acesso em: 25 nov. 2019.

IN GRAFFITI. **Intervenção 2**. [Belo Horizonte], 25 jun. 2014. Disponível em: <http://intervencao graffiti.blogspot.com/2014/06/ingraffiti-rupe3-no-conexao.html>. Acesso em: 25 nov. 2019.

CAMPOY, Leonardo Carbonieri. **Trevas sobre a luz**: o *underground* do *heavy metal* extremo no Brasil. São Paulo: Alameda, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor**: Paulo Freire e a paixão de ensinar. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO DO COLETIVO METAL OVERKILL. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos**. Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

COLETIVO METALPUNK OVERKILL. **Selos do Metalpunk**. [Belo Horizonte] 21 jan. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/metalpunkoverkill/photos/a.724560817573245/1212571988772123/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO DO COLETIVO PÓPÔCÔ. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos**. Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

COLETIVO PÓPÔCÔ. **Modos de intervenção na cidade**. [Belo Horizonte] 28 mai. 2013. Facebook: @coletivopopoco. Disponível em: <https://www.facebook.com/coletivopopoco/photos/a.676175069065660/676787199004447/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

COLETIVO PÓPÔCÔ. **Mais cor na cidade**. [Belo Horizonte] 16 set. 2013. Facebook: @coletivopopoco. Disponível em: <https://www.facebook.com/coletivopopoco/photos/a.740511449298688/741223515894148/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

COLETIVO PÓPÔCÔ. **Colorindo na cidade**. [Belo Horizonte] 16 set. 2013. Facebook: @coletivopopoco. Disponível em: <https://www.facebook.com/coletivopopoco/photos/a.740511449298688/741219765894523/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO DO CORRE COLETIVO. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos**. Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

Corre Coletivo. [Belo Horizonte]. 08 jun. 2018. Facebook: @CorreColetivo. Disponível em: <https://www.facebook.com/295938240444875/photos/pb.295938240444875.-2207520000../1814620158576668/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

com/295938240444875/photos/pb.295938240444875.-2207520000../1814620158576668/?type=3&theater. Acesso em: 25 nov. 2019.

Corre Coletivo. [Belo Horizonte]. 06 set. 2013. Facebook: @CorreColetivo. Disponível em: <https://www.facebook.com/295938240444875/photos/a.594455973926432/594456917259671/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

SITE oficial Corre Coletivo. [Belo Horizonte, 2012]. Disponível em: <http://correcoletivo.wordpress.com/o-corre-coletivo/>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BLOG Corre Coletivo. [Belo Horizonte, 2012]. Disponível em: http://coletivorootsreggae.blogspot.com.br/_ Acesso em: 25 nov. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO DOS DEDOSVERDES. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos**. Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

CASTRO, F. **Coletivo Dedos Verdes em uma das suas intervenções**. [Belo Horizonte]. Facebook: @coletivodedosverdes. Disponível em: [facebook/coletivodedosverdes](https://www.facebook.com/coletivodedosverdes). Acesso em: 25 nov. 2019.

CASTRO, F. **Fundadora do grupo, Gabriela Bouzada**. [Belo Horizonte]. Facebook: @coletivodedosverdes. Disponível em: [facebook/coletivodedosverdes](https://www.facebook.com/coletivodedosverdes). Acesso em: 25 nov. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO DO DESKAREGGAE SOUND SYSTEM. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos**. Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

Deskareggae Sound System. [Belo Horizonte]. 03 mar. 2016. Facebook: @deskasound. Disponível em: <https://www.facebook.com/deskasound/photos/a.385997501425194/1140301432661460/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

Deskareggae Sound System. [Belo Horizonte]. 08 mar. 2016. Facebook: @deskasound. Disponível em: <https://www.facebook.com/deskasound/photos/a.1143217262369877/1143223539035916/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

VIDIGAL, Leonardo A. **Outras relações entre música e território no audiovisual**: um discurso da mídia em Netos do Amaral e Documento Especial. Revista Brasileira do Caribe, v. 11, p. 164-184, 2011.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO DO D.E.S.L.O.C.A. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos**. Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

DESLOCA. **D.e.s.l.o.c.a. territorializando a cidade**. [Belo Horizonte]. Facebook: @deslocabh. Disponível em: <https://www.facebook.com/deslocabh/>. Acesso em: 25 nov. 2019.

DESLOCA. **D.e.s.l.o.c.a nas ruas de BH**. [Belo Horizonte]. Facebook: @deslocabh. Disponível em: <https://www.facebook.com/deslocabh/>. Acesso em: 25 nov. 2019.

DESLOCA. **D.e.s.l.o.c.a em deslocamento nas ruas da cidade**. [Belo Horizonte]. Facebook: @deslocabh. Disponível em: <https://www.facebook.com/deslocabh/>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO DO DUELO DE MC'S – FAMÍLIA DE RUA. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos**. Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

DUELO de MCs. **Duelo de MCs BH**. [Belo Horizonte]. 22 nov. 2017. Facebook: @familiadrua. Disponível em: <https://www.aec.com.br/Site/Noticia/1303>. Autor(a): Pablo Bernardo/Indie BH. Acesso em: 25 nov. 2019.

DUELO de MCs. **Grupo: Duelo de MCs BH.** [Belo Horizonte]. 30 set. 2018. Facebook: @famiadrua. Disponível em: <https://santarezatem.com.br/eventos/duelo-de-mcs-2/>. Autor(a): Pablo Bernardo/Indie BH. Acesso em: 25 nov. 2019.

BLOG Duelo de MCs. [Belo Horizonte]. Disponível em: <http://duelodemcs.blogspot.com.br/>. Acesso em: 25 nov. 2019.

DUELO de MCs Nacional 2013. Direção: Lucas Emanuel e Fernando Libânio. Produção: Acanga Filmes. Belo Horizonte: Família de Rua, 2014. 1 vídeo (50 min). Publicado por Família de Rua. Disponível em: <https://vimeo.com/93232794>. Acesso em 17 de fevereiro de 2018.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO DO ESPANCA. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos.** Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

CIA. TEATRO ESPANCA!. **Entrada do Teatro.** [Belo Horizonte]. 14 ago. 2012. Facebook: @TeatroEspanca. Disponível em: <https://www.facebook.com/TeatroEspanca/photos/a.352759134803233/352759141469899/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

SITE oficial Cia. Teatro Espanca!. [Belo Horizonte,]. Disponível em: <http://espanca.com/c/quem-somos/>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO DO MUSEU DO INSTANTE. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos.** Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

Museu do Instante. **O Museu na praça Grupo.** [Belo Horizonte]. 07 jan. 2014. Facebook: @MuseudoInstante. Disponível em: <https://www.facebook.com/museudoinstante/photos/a.629921473740907/630139680385753/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

Museu do Instante. **O Museu na praça Grupo.** [Belo Horizonte]. 27 jan. 2014. Facebook: @MuseudoInstante. Disponível em: <https://www.facebook.com/museudoinstante/photos/a.629923273740727/640040886062299/?type=1&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

SITE oficial Museu do Instante. [Belo Horizonte,]. Disponível em: <http://www.dobraoficina.com/projetos/museudoinstante>. Acesso em: 25 nov. 2019.

PIOLHO NABABO. **Grupo: Piolho Nababo.** [Belo Horizonte] 27 out. 2011. Facebook: Piolho Nababo. Disponível em: <https://www.facebook.com/210535522351384/photos/a.210536465684623/210536472351289/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

PIOLHO NABABO. **Entrada da Galeria.** [Belo Horizonte]. 08 set. 2014. Facebook: Piolho Nababo. Disponível em: <https://www.facebook.com/210535522351384/photos/a.449792468425687/726422604096004/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

PIOLHO NABABO. **Objetos e preços.** [Belo Horizonte]. 10 fev. 2013. Facebook: Piolho Nababo. Disponível em: <https://www.facebook.com/210535522351384/photos/a.449792468425687/449792471759020/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BLOG Piolho Nababo. [Belo Horizonte]. Disponível em: <http://piolhonababo.blogspot.com.br/>. Acesso em: 25 nov. 2019.

SILVA, Gilbert Daniel. **Educação e juventude – os saberes de quem cola e os saberes da escola:** uma etnografia da antigaleria de arte Piolho Nababo em Belo Horizonte-MG. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO DO PONTO DO LIVRO BH. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo**

de dados e metadados geográficos. Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

PONTO DO LIVRO. **Ponto do Livro BH.** [Belo Horizonte] 13 set. 2016. Facebook: @projetoPontodolivro. Disponível em: <https://www.facebook.com/projetopontodolivro/photos/a.204417793085810/531190167075236/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

PONTO DO LIVRO. **Ponto do Livro na mídia.** [Belo Horizonte] 01 fev. 2014. Facebook: @projetoPontodolivro. Disponível em: <https://www.facebook.com/projetopontodolivro/photos/a.204417793085810/210850475775875/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

PONTO DO LIVRO. **Ponto do Livro na mídia.** [Belo Horizonte] 17 fev. 2014. Facebook: @projetoPontodolivro. Disponível em: <https://www.facebook.com/projetopontodolivro/photos/a.204417793085810/218085298385726/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO DA PRAIA DA ESTAÇÃO. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos.** Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

PRAIA DA ESTAÇÃO. **Refresco coletivo na Praia.** [Belo Horizonte]. 02 mar. 2013. Facebook: @praiada.estacao. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=100855973436573&set=a.100855960103241&type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

PRAIA DA ESTAÇÃO. **Integrantes do Paria da Estação desfilam pelas ruas de BH.** [Belo Horizonte]. 24 jan. 2011. Facebook: @praiada.estacao. Disponível em: <https://prcalivrebh.wordpress.com/2011/01/24/eventao-de-1-ano-da-pra-pra-pra-pra-da-estacao/#jp-carousel-1899>. Acesso em: 25 nov. 2019.

SITE oficial Praça Livre. [Belo Horizonte]. Disponível em: <https://prcalivrebh.wordpress.com>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO DO QUARTEIRÃO DO SOUL. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos.** Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

QUARTEIRAO DO SOUL. **Quarteirão do Soul no centro da capital.** [Belo Horizonte]. 22 nov. 2013. Facebook: @quarteiraodosoulbh. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/quarteiraodosoulbh/photos/a.175837555950592/175839179283763/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

QUARTEIRAO DO SOUL. **Apresentação do Quarteirão do Soul.** [Belo Horizonte]. 22 nov. 2013 [Belo Horizonte]. Facebook: @quarteiraodosoulbh. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/quarteiraodosoulbh/photos/a.175837555950592/175841295950218/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO DO QUILOMBO DO ABACATE. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos.** Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

MUNDIALITO DE ROLIMÃ DO ABACATE. **Apresentação do Quilombo.** [Belo Horizonte]. 03 set. 2013. Facebook: @MundialitoDeRolimaDoAbacate. Disponível em: <https://www.facebook.com/MundialitoDeRolimaDoAbacate/photos/a.950779811631051/586497751392594/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

QUILOMBO DO ABACATE. **Quilombo interage com público.** [Belo Horizonte]. 02 jun. 2014. Facebook: do Quilombo do Abacate. Disponível em: <https://www.facebook.com/260371503985074/photos/pb.260371503985074.-2207520000../773051466050406/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

MUNDIALITO DE ROLIMÃ DO ABACATE. **Quilombo na rua**. [Belo Horizonte]. 03 jun. 2013. Facebook: @MundialitoDeRolimaDoAbacate. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10200244919868239&set=oa.434069713367711&type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

SITE oficial Quilombo do Abacate. [Belo Horizonte]. Disponível em: <http://quilombodoabacate.wordpress.com/sobre/>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO DO RAPPÀ DO PAPA. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos**. Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

RAPPÀ DO PAPA. **Sarau do Rappa na Praça do Papa**. [Belo Horizonte]. 10 jun. 2015. Facebook: @RappaDoPapa. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/RappaDoPapa/photos/a.338305639625658/726612224128329/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

RAPPÀ DO PAPA. **Grupo anuncia evento**. [Belo Horizonte]. 30 mai. 2014. Facebook: @RappaDoPapa. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/RappaDoPapa/photos/a.338305639625658/523139254475628/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO RIMA NA RUA. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos**. Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

RIMA NA RUA. **Evento do Rima na Rua**. [Belo Horizonte] 11 nov. 2015. Facebook: @rimanarua. Disponível em: <https://www.facebook.com/rimanarua/photos/a.752276584845952/752276591512618/?type=1&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

RIMA NA RUA. **Evento do Rima na Rua**. [Belo Horizonte]. 23 jan. 2015. Facebook: @rimanarua. Disponível em: <https://www.facebook.com/rimanarua/photos/a.756896654383945/795276017212675/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO ROODBOSS SOUNDSYSTEM. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos**. Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

ROODBOSS SOUNDSYSTEM. **Grupo Rood Soundsystem**. [Belo Horizonte]. 29 set. 2012. Facebook: @roodboss. Disponível em: <https://www.facebook.com/roodboss/photos/a.166646150018224/537409742941861/?type=1&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

ROODBOSS SOUNDSYSTEM. **Grupo Rood Soundsystem**. [Belo Horizonte]. 17 nov. 2012. Facebook: @roodboss. Disponível em: <https://www.facebook.com/roodboss/photos/a.563277923688376/563278103688358/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO SAMBA DA MEIA NOITE. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos**. Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

SAMBA DA MEIA NOITE. **Grupo Samba da meia noite**. [Belo Horizonte]. 26 fev. 2019. Facebook: @SambadaMeiaNoite. Disponível em: <https://www.facebook.com/SambadaMeiaNoite/photos/a.131244923675663/1493498987450243/?type=1&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

SAMBA DA MEIA NOITE. **Grupo Samba da meia noite**. [Belo Horizonte]. 11 fev. 2016. Facebook: @SambadaMeiaNoite. Disponível em: <https://www.facebook.com/SambadaMeiaNoite/photos/a.131256320341190/766053050194844/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO SAMBA DE TERREIRO. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos**. Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

SAMBA DE TERREIRO. **Grupo Samba de terreiro**. [Belo Horizonte]. 15 jul. 2012. Facebook: @SambaDeTerreiro. Disponível em: <https://www.facebook.com/SambaDeTerreiro/photos/a.161664190571451/362763577128177/?type=1&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

SAMBA DE TERREIRO. **Grupo Samba de terreiro**. [Belo Horizonte]. 08 jan. 2014. Facebook: @SambaDeTerreiro. Disponível em: <https://www.facebook.com/SambaDeTerreiro/photos/a.601901683214364/601937353210797/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO SARAU VIRA LATA. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos**. Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

SARAU VIRA LATA. **Grupo Sarau Vira Lata**. [Belo Horizonte]. 22 ago. 2015. Facebook: @SarauViraLatabh. Disponível em: <https://www.facebook.com/SarauViraLatabh/photos/a.940745982652724/948601578533831/?type=1&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

SARAU VIRA LATA. **Grupo Sarau Vira Lata**. [Belo Horizonte]. 04 ago. 2015. Facebook: @SarauViraLatabh. Disponível em: <https://www.facebook.com/SarauViraLatabh/photos/a.940745982652724/940745909319398/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BELO HORIZONTE. TERRITÓRIO YSTILINGUE. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL). Superintendência de Geoprocessamento Corporativo (SGS). **Catálogo de dados e metadados geográficos**. Belo Horizonte: PBH, [2000]. Disponível em: <https://bhgeo.pbh.gov.br/aceso-aos-dados>. Acesso em: jul./dez. 2014.

YSTILINGUE. **Grupo Ystilingue**. [Belo Horizonte]. Disponível em: Facebook: @aelastica. Acesso em: 25 nov. 2019.

SOBRE OS

AUTORES

EQUIPE DA PESQUISA:

Alexandre Magno Alves Diniz

Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia - Tratamento da informação Espacial da PUC Minas. Coordenador do Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (PUC Minas).

Lucia Gouvêa Pimentel

Professora do Programa de Pós-graduação em Artes e do Prof-Artes da Escola de Belas Artes da UFMG. Coordenadora do EARTEC- Grupo de Pesquisa Ensino de Arte e Tecnologias Contemporâneas (UFMG).

Sandra de Fátima Pereira Tosta

Professora Visitante do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Pesquisadora e Coordenadora do EDUC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Culturas.

Camila Rodrigues Maltez Araújo

Professora da rede municipal de Contagem- MG. Pesquisadora do EDUC.

Carla Valéria Linhares Maia

Pesquisadora do EDUC.

Claudia Regina dos Anjos

Professora da Rede Municipal de Belo Horizonte- MG. Pesquisadora do EDUC.

Gilbert Daniel da Silva

Professor da Rede Municipal de Belo Horizonte- MG. Pesquisador do EDUC. Doutorando do PPG em Educação. PUC- Minas.

Luiz Eduardo Rodrigues de Almeida Souza

Pesquisador do EDUC. Doutorando do PPG em Estudos de Linguagens- CEFET-MG.

Leonardo Toledo

Professor do Centro Universitário de Sete Lagoas – UNIFEMM e da Rede Municipal de Belo Horizonte- MG. Pesquisador do EDUC. Doutorando do PPG em Educação. PUC- Minas.

Maria Aparecida Calixto Faria

Pesquisadora do EDUC.

Patrícia Rodarte Silva Gomes Coelho

Pesquisadora do EDUC. Professora do Colégio Tiradentes- Belo Horizonte. Doutoranda. PPG em Estudos de Linguagens CEFET-MG.

Thais Nogueira Gil

Pesquisadora do EDUC.

Wesley Lopes da Silva

Pesquisador do EDUC. Professor da Rede Municipal de Educação de Itaúna, UEMG e Famart.

BOLSISTAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (EDUC- GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO E CULTURAS E DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA PUC- MINAS):

Ana Claudia Tavares Caetano

Ana Luiza Dias

Daniela Paim Fonseca

Felipe Viegas de Paula

Jamine Patrícia Guedes de Miranda

Pedro Henrique da Silva Carvalho

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL:

Thiago Pereira Alberto

Jornalista. Crítico de Cultura. Doutorando. PPG em Comunicação- UFF- Niterói- RJ

Pedro Vaz Perez

Jornalista. Doutorando. PPG em Comunicação- UFF- Niterói- RJ

CARTÓGRAFO RESPONSÁVEL:

Ricardo Henrique Palhares

Professor no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes